

João Capistrano Filho

O EDUCADOR E A EDUCAÇÃO DE RESISTÊNCIA SOB O PRISMA DA DIALÉTICA NEGATIVA DE ADORNO

Tese apresentada no Curso de Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Filosofia, Política e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza

Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC

2011

Tese de doutorado para ser defendida e avaliada, em 30 de junho de 2011, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas – Orientador - UFC

Prof. Dr. Eneás Araujo Arrais neto – UFC

Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech – UFC

Prof^ª. Dr^ª. Maria Terezinha de Castro Callado – UECE

Prof^ª. Dr^ª. Marly Carvalho Soares– UECE.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à razão do meu esforço: o meu filho Miguel e a minha filha Rebeca.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa que serviu de fundamental ajuda para o desenvolvimento da minha pesquisa.

A todas as pessoas que fazem a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará pela atenção

Ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Chagas pela paciência e atenção dispensada ao longo desse trabalho.

A substituição dos fins pelos meios substitui as propriedades nos próprios homens. *Interiorização* seria a palavra errada para designar isto, porque aquele mecanismo não deixa que se forme uma subjetividade firme: a instrumentalização usurpa seu lugar.

ADORNO

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO	09
CAPITULO I	
A EDUCAÇÃO DO ESCLARECIMENTO.....	20
1.1. A indústria da necessidade.....	42
1.2. A sociedade que se educa para culpar o professor.....	50
1.3. A educação e prática docente no mundo do consumo.....	55
CAPÍTULO II	
A EDUCAÇÃO COMO NEGAÇÃO DIALÉTICA.....	72
2.1. A educação contra as ilusões.....	96
2.2. O domínio do capital.....	108
CAPÍTULO III	
A EDUCAÇÃO COMO PERSPECTIVA PARA A EMANCIPAÇÃO.....	120
3.1. A educação como teoria e práxis.....	140
3.2. O olhar da educação contra a barbárie.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é fazer uma reflexão sobre a função do educador como protagonista de uma educação de resistência. A reflexão sobre a educação de resistência se pauta no modelo adorniano de pensar a realidade social sob o prisma da dialética negativa. A realidade refletida pelo educador é a educação social do sujeito que determina o seu modo de ser a partir dos primeiros contatos com a sua cultura por meio dos familiares ou por quem o cerca. A educação de resistência reflexiona a educação social à medida que desconstrói a identidade do princípio da dominação que subsiste na sociedade moderna através do modelo de produção capitalista. A dominação se expressa no capitalismo tardio por meio da indústria cultural cujo corolário é fabricar no sujeito necessidades que o leve, compulsivamente, a consumir mercadorias como um meio de inserção social. A indústria cultural transforma o coletivo social em instrumento de pressão sobre os indivíduos. Para Adorno, ao tentar abranger todo o corpo social a indústria cultural age como falsa totalidade. A educação de resistência faz um mergulho dialético sob a pretensão da indústria cultural em se tornar totalidade fabricando comportamentos agregados aos anúncios de venda de mercadorias. A dialética negativa atuando como suporte da educação de resistência reflexiona a ação controladora da indústria cultural que inibe a autonomia do sujeito e ao mesmo tempo a vende como comportamento fabricado. A educação de resistência é um modelo de educação em que o educador insta o sujeito a ter o pensar como práxis à medida que se relaciona com a multiplicidade que compõe o mundo social. Adorno entende que pensar é agir. Para a educação de resistência pensar a educação social é criar a possibilidade de agir contra o princípio da dominação que se manifesta na sociedade administrada pelo capital.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on the role of the teacher education as a protagonist of resistance. The reflection on the education agenda of resistance to the model of thinking Adorno social reality through the prism of negative dialectics. The reality reflected by the educator is the subject of social education that determines its mode of being from the first contact with their culture through the family or by whom the fence. Education resistance reflects social education as it deconstructs the identity of the principle of domination that exists in modern society through the model of capitalist production. The domination in late capitalism is expressed through the culture industry whose corollary is the subject needs manufacture the lightweight, compulsively, to consume goods as a means of social integration. The culture industry turns into an instrument of collective social pressure on individuals. For Adorno, in trying to cover the entire social body acts as the cultural industry false totality. The education of strength is a dialectical diving under the pretense of cultural industry in becoming all making behavior aggregates to the announcements of sale of goods. The negative dialectic of education acting as a support resistance reflects the controlling action of the culture industry that inhibits the individual's autonomy and at the same time as the behavior sells manufactured. The education of strength is a model of education where the teacher asks the subject to have to think as praxis as it relates to the multiplicity that makes up the social world. Adorno believes that thinking is to act. For the education of social resistance to think about education is to create the possibility of acting against the principle of domination that manifests itself in society administered by capital.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda a questão do educador como sujeito reflexivo. Para Jorge Larrosa: “O professor lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo¹”. O sujeito reflexivo no ato de educar escuta o objeto, como realidade, ou seja, perscruta a educação social “daqueles com os quais se encontra lendo”. A práxis do educador ao se dar pelo mergulho dialético na realidade social forjada pelo movimento histórico estimula a criticidade perante a realidade dada pela indústria cultural.

Incidir na identidade do sistema de produção capitalista representada pela indústria cultural é o que faz do processo educativo baseado na negação dialética a educação de resistência.

Desde que se passou a buscar o fundamento de todo conhecimento na suposta imediatidade daquilo que é dado subjetivamente, procurou-se, de maneira por assim dizer fiel ao ídolo da pura atualidade, expulsar do pensamento a sua dimensão histórica. O agora unidimensional e fictício transforma-se em fundamento do conhecimento do sentido interno.²

O despertar da consciência crítica se dá no envolvimento do sujeito com a história que movimenta o mundo social. A educação de resistência é uma postura crítica do educador perante a história distorcida pelo poder dominante para naturalizar a identidade do capital. Aquilo que é dado à subjetividade inibe no sujeito a capacidade de se impor reflexivamente sobre a história que o envolve e delimita o seu modo de ser.

O educador ao desconstruir e reconstruir dialeticamente os valores que dão sustentação ao poder dominante utiliza a reflexão como práxis. No movimento de

¹ LARROSA, Jorge. *PEDAGOGIA PROFANA- danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.141.

² ADORNO, Theodor, W. *Dialética Negativa*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Revisão técnica: Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.53.

desconstrução e reconstrução o educador faz da reflexão a experiência no plano da dialética negativa na realidade social. A educação de resistência é um modelo de experiência cuja matéria a ser trabalhada no processo reflexivo é a realidade social dada pelo poder dominante.

É reflexionando a política do dominador em desviar o foco da história a seu favor que o pensamento que incide na identidade desvela a contradição. A contradição emerge ao se dialetizar a identidade do sistema social que educa o sujeito a se reconhecer não em suas próprias necessidades, mas nas necessidades políticas e econômicas da classe dominante. A dialética negativa invade o conceito de verdade do dominador ao ir até as origens históricas do princípio da dominação que sustenta o poder das elites ao longo do tempo até a sua forma mais acabada de dominação que é o capitalismo moderno.

A educação de resistência ao dialetizar a história não mergulha no passado, mas no presente em que se encontram os efeitos deletérios de um passado que não deve se repetir. A reflexão sobre o agora que é o ponto de sedimentação do fluxo histórico é o movimento que possibilita a elaboração do passado que, segundo Adorno, pode evitar a barbárie. A elaboração do passado é a desconstrução do mesmo no presente para que as gerações futuras não tenham suas vidas afetadas pelos atos de barbáries cujas consequências põem em risco toda a existência na Terra.

A educação de resistência é uma crítica dialética que se dá de modo imanente. A crítica ao processo educativo promovido pelo Estado burguês ocorre por dentro do modelo de educação do mesmo. É, portanto, um mergulho no estado de consciência do sujeito para que este tenha a si mesmo como parte integrante de uma realidade marcada pela multiplicidade ou plurivocidade, como entendem Adorno e Horkheimer.

A educação social, o conjunto de valores que influem no modo de ser do sujeito, é a linguagem a ser observada de perto pela educação de resistência. É a educação social a linguagem que envolve o sujeito por meio do seu grupo familiar ou da cultura na qual está imiscuído. A educação de resistência reconhece a educação social como instrumento de reflexão e, conseqüentemente, ponto de partida para desenvolver uma discussão sobre a importância da autonomia.

O desenvolvimento tecnológico ao encurtar distâncias globalizou os interesses econômicos, como resultado, aumentou o poder de dominação do capital. Em contrapartida os problemas gerados por um sistema econômico predatório globalizou os efeitos da superexploração dos recursos naturais do planeta. Os problemas graves que ameaçam o meio ambiente do mundo em que vivemos pertencem a cada um de nós, no entanto, toda e qualquer discussão a respeito de soluções deve partir do ponto em que nos encontramos, ou seja, da educação social que nos forma desde o momento que despertamos como seres dotados de consciência.

Discutir a complexidade do mundo em que vivemos exige uma abordagem sobre o esclarecimento. Para Adorno e Horkheimer, o esclarecimento tinha como propósito libertar a humanidade do jugo da natureza. Para os dois autores, no entanto, a terra sob o comando do esclarecimento mergulha numa calamidade triunfal. A educação de resistência ao refletir o esclarecimento inquirir sobre a necessidade de uma práxis no mundo do trabalho cuja preocupação seja o respeito ao direito de existência da humanidade no conjunto de espécies que formam a vida na terra.

Resistir aos interesses econômicos que educa continuamente o sujeito à passividade diante de catástrofes cometidas em nome do poder político e econômico exige um olhar voltado para a autonomia. Para Adorno, a autonomia tem uma relação estreita com o saber. O conhecimento que se consolidou na sociedade humana, diferenciando-nos das outras espécies, fez-nos seres cujo modo de vida está relacionado a uma transformação contínua da natureza.

A transformação da natureza como necessidade de existência humana se dá com desenvolvimento da técnica que, segundo Adorno, é a essência do esclarecimento. O progresso da técnica que modelou a sociedade humana ao longo do processo civilizatório se consubstanciou em poder contra a natureza e o próprio homem. A dominação cega contra a natureza é o resultado da pretensão humana de se sentir divina e está acima da natureza à qual inescapavelmente fazemos parte.

A educação de resistência é a busca pelo progresso do pensamento que nega a aplicação do saber que se tornou poder e pode levar a sociedade humana à catástrofe. A negação dialética é uma reflexão do conceito de progresso estabelecido pelo modelo de

produção que de modo insistente educa o sujeito a tê-lo como via de mão única para a sobrevivência humana. Os grandes aliados desse modelo de progresso são a ciência e a indústria cultural.

As ciências empíricas por estar no centro da grande revolução tecnológica que impulsionou o sistema produtivo é a grande colaboradora da política de expansão do grande capital. Mas é a indústria cultural que expande socialmente a ideologia do poder dominante, ao prometer a felicidade ao anunciar nos meios de comunicação as qualidades, por vezes duvidosas, de qualquer produto da grande indústria. A indústria cultural não só vende os produtos industriais, mas também fabrica comportamentos agregados aos mesmos.

O modelo de vida pautado no consumo, proposto pela sociedade industrial via indústria da propaganda, está fragmentando a educação social oriunda dos valores repassados ao longo das gerações no processo de formação do indivíduo. A educação de resistência reflexiona o processo de fragmentação da educação social ao negar a política de dominação da subjetividade exercida pela indústria cultural. A negação dialética nesse sentido atua ao mergulhar no conceito de indústria cultural até alcançar a sua capacidade de formar o sujeito a favor do princípio da dominação.

O desvelamento, pela crítica dialética, do poder da indústria cultural como agente do grande capital implica um avanço sobre a questão da autonomia. A educação de resistência ao discutir a questão da autonomia está discutindo o conceito de liberdade. A indústria cultural age como uma rede sobre toda a sociedade servindo-se da pressão do coletivo sobre o sujeito em sua particularidade. A pressão para consumir atinge o sujeito que, conscientemente ou não das intenções da propaganda, se vê como alguém que pode ser bem-visto socialmente à medida que atende os apelos da propaganda.

O apelo da indústria cultural é um processo educativo em que a consciência do sujeito é envolvida pela perspectiva de um bem-estar entre os membros do grupo social de convivência. A promessa de felicidade deve ficar sempre na incompletude, pois a nova mercadoria anunciada repete a mesma promessa. A indústria cultural como instrumento ideológico do capital visa à autopreservação do sistema econômico que não subsiste sem fomentar a carência.

A compreensão do jogo do poder que fabrica necessidades para vender mercadorias ocorre por meio de uma postura crítica do sujeito ao não aceitar ser tratado como mercadoria. A educação de resistência tem a função de dialetizar o jogo do poder negando-o. A negação dialética não afasta o fato de que a força do poder político e econômico é a expressão da própria sociedade que se formou ao longo do processo civilizatório. O esclarecimento que tirou o homem do poder da natureza transferiu esse poder para o coletivo da sociedade humana.

A relação entre o homem e a natureza nos primórdios da civilização tem a figura do mito como representação dos fenômenos ligados ao mundo natural. Ao legar à representação mítica os fenômenos naturais que faziam a diferença entre a sobrevivência e a morte no meio hostil o homem dava “voz” à natureza. Sob o comando do mito a consciência em seus primórdios não fazia a diferenciação entre palavra e coisa. Para Adorno e Horkheimer, no entanto, o mito já era esclarecimento, pois a consciência, mesmo sob o signo da imaginação, pautava a organização da vida em grupo demarcando e explicando os fenômenos.

A vivência do homem é um processo educativo permanente pela qualidade de sermos seres eminentemente históricos. Andamos porque alguém nos fez aprender. Assim como o andar nos é ensinado e em ato contínuo o falar para impulsionar a nossa consciência e envolvermo-nos no mundo que nos cerca partimos também à elaboração de modelos de convivência de acordo com o momento em que estamos situados. Tais modelos são levados adiante como linguagem sofrendo as modificações por força de conflitos ou por imposição da natureza.

É crível que a criação da figura do mito seja um momento de amadurecimento da consciência humana em seus primórdios. Múltiplas gerações foram educadas socialmente a ter como modelo de convivência à idéia de pertencermos a terra até que outro modelo mudou o centro desse poder para o próprio homem. A razão como o centro do poder transformou a imaginação em saber. Para Adorno, o antigo mito, para o mundo esclarecido, que tudo explicava, se transformou em símbolo da ignorância e superstição.

Divido este trabalho em três capítulos. No primeiro abordo o processo permanente de educar como instrumento e causa da existência humana desde os primeiros momentos em que a humanidade despertou a consciência para o mundo a sua volta e, pelo trabalho, começou a transformar a natureza. Como resultado da transformação do mundo natural em instrumentos técnicos a humanidade construiu uma sociedade poderosa cujas riquezas produzidas pelo uso da técnica passaram a ser protegidas por um conjunto de leis.

O intuito das leis é impor a obediência à grande maioria desprovida de qualquer tipo de riqueza cujo maior patrimônio é à força de trabalho. Impor a submissão no curso de séculos exige um modelo de educação composto por um conjunto não só de leis, mas de valores éticos e morais que ameacem o violador da propriedade com dores físicas e metafísicas, ou seja, pela prisão, morte ou flagelos da alma. A força do antigo mito como instrumento de regulação social pelo temor está presente na sociedade humana, segundo Adorno, como regressão. Para o pensador da Escola de Frankfurt quanto mais a sociedade avança no plano tecnológico produzindo as condições materiais para debelar a miséria humana mais ela regride ao velho mito opressor. Essa regressão, segundo Adorno, é a manifestação do grau de desequilíbrio entre a sociedade altamente desenvolvida pela força da técnica e a consciência do sujeito que, em sua particularidade, se compõe de valores regressivos. A regressividade do sujeito transforma a sociedade em um objeto perigoso.

Para Adorno, o objeto é maior do que o sujeito, mas é por meio do sujeito que a realidade social sofre o processo reflexivo e tem a sua dinâmica. A força do coletivo sobre o sujeito na sua particularidade o reduz a um resistente contra a injustiça, a colaborador cego do sistema ou a vítima imediata. A educação de resistência é a resistência do educador a favor da humanização do objeto que só pode ocorrer por meio do sujeito em sua particularidade.

A indústria cultural se conduz pelo poder do coletivo sobre o particular. A indústria da propaganda pode vender tanto o último modelo de automóvel de uma determinada fábrica assim como a ideia de que é legítima a ação imperialista de bombardear uma cidade, matando inocentes, com a desculpa de que está resguardando a liberdade. A educação de resistência desperta a consciência para a multiplicidade de

facetadas da indústria cultural. Mas é fato que a indústria cultural tem a sua força numa predisposição dos indivíduos em aceitar uma realidade dada que tem a pretensão de funcionar como totalidade.

Essa predisposição tem suas raízes no poder de dominação exercido pelas elites no transcurso da história e que tem no capitalismo o seu exemplo mais acabado. A indústria cultural ao incidir na educação social remodela industrialmente os valores sociais repassados no curso de gerações. A multiplicidade de conceitos responsáveis pela formação dos indivíduos por meio do seu grupo social de convivência é o instrumento de trabalho da indústria cultural.

A indústria da propaganda transforma a multiplicidade em unicidade para assim fabricar comportamentos e agregá-los à venda de mercadorias. O impacto sobre a educação social de cada sujeito que é cercada de diferenças de cunho social e cultural gera a fragmentação do grupo familiar. A educação de resistência atua diretamente no centro desse impacto. A sua atuação reside em reflexionar a identidade da indústria cultural. A reflexão não passa por uma condenação ao consumo, mas sim à compreensão do jogo da indústria do entretenimento que leva o sujeito a consumir uma mercadoria por meio de uma necessidade fabricada.

No segundo capítulo trato da dialética negativa como um instrumento para a educação de resistência. A negação dialética é um movimento reflexivo que incide imanentemente no conceito estabelecido de verdade até atingir sua falsidade, como lembra Adorno. A educação de resistência não é o modelo de uma nova escola, mas a escola estabelecida pelo Estado burguês sob o crivo da dialética negativa. A escola dirigida ao mercado para transformar seres humanos em mão-de-obra barata e descartável é o instrumento de reflexão imanente do pensamento dialético.

A desconstrução do modelo de escola promovido pelo capital é a eclosão do conceito de escola que tende a criar a ilusão de que a sua qualidade é o remédio para todos os males sociais. A tão propalada e reclamada falta de qualidade da escola sempre culpada pelos crimes praticados pela mocidade pobre nunca chega. Por quê? Porque não há intencionalidade de ultrapassar a fronteira do discurso a respeito do tema.

A educação começa por meio da educação social e continua permanentemente na luta diária pela sobrevivência. As primeiras lições de vida recebidas da família ou de quem cerca o sujeito recebe as primeiras inflexões por conta da dureza da vida. É comum culpar a falta de formação escolar para justificar a pobreza. É também comum culpar o pobre que não frequenta a escola pela sua pobreza. A educação de resistência inquirir a uma reflexão sobre a necessidade que tem o poder dominante de culpar o professor pelo descalabro da educação proporcionada pelo Estado.

A educação de resistência desconstrói a ilusão de que o sistema educacional proposto pelo capital tem a função de libertar o sujeito da ignorância e da pobreza. É insofismável o fato de que as pessoas mais pobres têm poucos anos de escola, mas também é indiscutível que um grande contingente de pessoas que concluem o ensino básico e até a universidade continuam vivendo em estado de pobreza. A escola promovida pelo Estado não tem como propósito abrir os olhos da consciência para que o sujeito enxergue criticamente os horrores que o capital pratica contra o nosso mundo em nome do lucro.

A visão de mundo do estudante deve permanecer embaçada mesmo quando bem instruída pelas melhores escolas burguesas. A instrução cuja ilustração beira a velha aristocracia está eivada pela semicultura, ou seja, por uma incapacidade de enxergar a humanidade em sua multiplicidade, mesmo que aparentemente tenha condições para isso. A educação de resistência é um chamamento do educador ao sentido da categoria educação.

O educador ao estimular a discussão no plano da dialética não ocupa o lugar do sábio cuja palavra carrega a autoridade da verdade absoluta, mas o lugar do orientador que instiga o desvelamento da contradição subsumida na identidade do poder dominante.

No caso da educação escolar estabelecida, segundo as necessidades do sistema de produção capitalista, a sua desconstrução se dá no momento em que o sujeito percebe a importância de se preocupar com a aplicação do saber transformado em instrumento de dominação. A sociedade humana cada vez mais complexa não pode prescindir da escola para a sua interpretação. A escola é o lugar na sociedade em que se podem discutir os

efeitos deletérios do progresso social e apostar em uma transformação da sociedade a partir de sua base, ou seja, da criança e do jovem.

O conhecimento é o motor que impulsiona o capitalismo tardio. Armas e remédios são cada vez mais sofisticados o que nos leva a reconhecer a impessoalidade do capital quando a resultante é o lucro. A saúde e a morte compõem a alma dos negócios do capitalismo. É nessa atmosfera social que o sujeito é educado na moderna sociedade industrial. No jogo de interesses do capital está a preocupação do sistema de produção em educar o indivíduo que nada mais tem na vida a não ser a sua força de trabalho.

Uniformizar os valores sociais em torno do conceito de progresso social pautado na necessidade imediata de sobrevivência é o que leva o indivíduo a apoiar de modo imediato os projetos do capital. Viver sem reflexionar a realidade dada leva o sistema a tratar o sujeito como mercadoria. Com a subjetividade manipulada pelos valores da classe dominante a grande massa se torna um instrumento de pressão do poder contra quem se dispõe a enfrentá-lo.

A educação de resistência por meio da dialética negativa eclode a identidade do sistema que trata o sujeito como mercadoria. A eclosão, no entanto, se dá à medida que o indivíduo abre os olhos da consciência para o mundo social constituídos de diferenças que não se encaixam na política do sempre-igual da classe dominante.

O terceiro capítulo esboça a importância da busca pelo sentido da autonomia. É importante que o sujeito não seja simplesmente um detentor do conhecimento, mas também detenha do sentimento de pertença em meio aos fatos que dão movimento ao mundo social. A educação de resistência é um modelo de educação que estimula o sujeito em sua particularidade a envolver o conhecimento na busca de soluções para os problemas da humanidade e não como simples instrumento de poder e lucro por parte do capital.

O saber como poder, como preconizava Francis Bacon, fez a humanidade vivenciar os mais graves momentos de barbáries. A educação voltada exclusivamente às necessidades do poder tem como objetivo tornar prisioneira e alienada a consciência do sujeito dos problemas sociais e ambientais promovidos pela ganância dos capitalistas. A

educação voltada para a autonomia só tem validade como conquista da maior parte da sociedade oprimida que sofre de imediato as conseqüências das políticas irracionais do modelo de produção capitalista.

A educação de resistência levanta a questão da autonomia como a grande perspectiva da educação. A sociedade humana está cada vez mais complexa pelo alto grau de aplicação da tecnologia no trabalho, na exploração dos recursos naturais e na exploração de novas fronteiras do conhecimento – como no caso da exploração do espaço ou da própria Terra por meio de satélites – isso torna necessária a presença de um sujeito cada vez mais consciente do mundo em que habita. O sujeito dotado autonomia é aquele que nega o jogo político do capital cuja finalidade é levar os indivíduos a um processo de adaptação imediato às políticas de sacrifício para o bem da conta bancária do burguês.

A não adaptação à realidade dada não é um gesto de rebeldia contra o sistema, mas uma postura crítica do sujeito diante de uma situação imposta. Nesse sentido, a educação de resistência prima pelo desenvolvimento da capacidade de análise do sujeito pautada no saber. O exercício da autonomia se dá na análise crítica do indivíduo capaz de desconstruir e reconstruir no plano dialético aquilo que é dado como verdade absoluta. A educação de resistência vislumbra a idéia adorniana de ter o pensar como a legítima práxis.

Todo desenvolvimento tecnológico da humanidade gerou uma capacidade de destruição que ainda leva vantagem em relação às pesquisas para a cura de doenças terríveis que afligem a humanidade. Sob esse aspecto a sociedade humana é um coletivo predisposto à catástrofe. A práxis como agir refletido é o que pode criar à possibilidade do sujeito se envolver com autonomia na luta contra os projetos do capital que tendem a modelar a vida das pessoas de acordo com os interesses políticos e econômicos de quem detém o poder de guardião dos interesses burgueses.

Em tempos de crise quem se apropria do poder político apontando culpados se vale das idiosincrasias mais mesquinhas que compõem a educação social do sujeito ao longo do curso de gerações. A culpa sempre recai sobre o não-idêntico, ou seja, sobre o diferente que invariavelmente não tem como se defender. A visão de uma educação de

resistência foca o sentido da convivência humana que se torna perigosa para cada um de nós e para a totalidade se não for pensada por cada sujeito.

CAPITULO I

A EDUCAÇÃO DO ESCLARECIMENTO

Neste capítulo faço uma análise sobre a importância da educação social³ que encontramos ao nascermos depois que o homem saiu da condição de ser subjugado pela natureza e criou sociedades complexas. A sociedade humana é eminentemente histórico-cultural. Marx constata que

Nas cavernas humanas mais antigas encontramos instrumentos de pedras e armas de pedras. Ao lado de pedra, madeira, osso e conchas trabalhados, o animal domesticado e, portanto, já modificado por trabalho, desempenha no início da história humana o papel principal como meio de trabalho.⁴

Criamos, portanto, a cultura que – pode ser definida de modo simples como o conjunto de “soluções para problemas da vida transmitidos a gerações seguintes⁵” – nos deu a condição de forjarmos regras exclusivamente nossas para regularmos à convivência em grupo. Mas à medida que damos movimento à nossa relação de dominação frente à natureza transformando-a em instrumentos técnicos e criamos a divisão de trabalho criamos também as riquezas e o poder. Para Adam Smith: “O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é dirigido ou executado, parecem ter si resultados da divisão do trabalho⁶”. A suspeita do pensador escocês é plausível assim

³ LUZURIAGA, Lorenzo. *A História da Educação e da Pedagogia*. Tradução: Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983, p.1. Logo no início do primeiro capítulo o pedagogo espanhol trata do conceito de educação dizendo: “Por educação, entendemos, antes do mais, a influência intencional e sistemática sobre o ser juvenil, como propósito de formá-lo e desenvolvê-lo. Mas significa também a ação genérica, ampla, de uma sociedade sobre as gerações jovens, com o fim de conservar e transmitir a existência coletiva. A educação é, assim parte integrante, essencial, da vida do homem e da sociedade, e existe desde quando há seres humanos sobre a terra”.

⁴ MARX, Karl. *O Capital Volume I – Os Economistas*. Tradução: Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p.143.

⁵ DEFLEUR, M. L. & BALL-ROKEACH, S. *Teorias da Comunicação de Massa*. 5ªed. Tradução: Otávio Alves velho. São Paulo, Zahar, 1993, p.21.

⁶ SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações – Os Economistas*. Tradução: Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p.65.

como os conflitos que se arrastam incessantemente no tempo histórico por conta da riqueza gerada pelo trabalho coordenado que construiu nações poderosas que subjogou outras nações com o intuito de se apoderar das riquezas de quem não tinha condições de se defender.

A cultura humana se desenvolve no frenético anseio de desvelar o desconhecido quase sempre enigmático e temido. A queda do antigo mito⁷ que representava a natureza temida junto à consciência humana em seus primórdios ocorreu porque “para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto”⁸. O mito foi dessacralizado em sua forma primitiva, no entanto, ressurgiu como instituição de controle social que tem por base as religiões⁹. O desvelamento dos seus segredos guardados em seus fenômenos deu margem ao desenvolvimento do saber científico.

O movimento inicial da história humana se liga à busca de uma saída contra o sofrimento. Esse era o objetivo do esclarecimento que, segundo Adorno, tinha o intuito de libertar o homem da dominação do mundo natural. Foi por meio do esclarecimento que o homem transformou a natureza e ergueu sociedades poderosas. O poder da sociedade, no entanto, invariavelmente, se concentrou nas mãos da classe social que se determinou a administrar, pela força ou pelo convencimento, as riquezas promovidas pela divisão do trabalho. Nas sociedades mais complexas “a classe dominante conquista o consentimento para sua dominação social através da hegemonia na sociedade como um todo... através do controle dos aparelhos coercitivos do Estado”¹⁰. O poder da

⁷ ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.11. “A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.”

⁸ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p.42.

⁹ COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. Tradução: Jonas Camargo e Eduardo Fonseca. São Paulo: Ediouro, s/d, p.109. “O antigo costume dos banquetes em comum encontra-se assinalado nas mais antigas tradições atenienses; conta-se que Orestes, assassino de sua mãe, chegara a Atenas no mesmo instante em esta cidade, reunida ao redor do rei, ia realizar o ato sagrado. Tornamos a encontrar ainda esses banquetes públicos no tempo de Xenofonte; em dias certos do ano, a cidade imolava numerosas vítimas e o povo compartilhava da sua carne. Idênticas práticas existiram por toda parte. Além destes enormes banquetes onde se reuniam todos os cidadãos e se podendo ter lugar em festas solenes, a religião prescrevia que houvesse todos os dias um banquete sagrado”.

¹⁰ CARNOY, Martin. *Estado e Teoria Política*. [Tradução: Equipe de tradutores da PUC-Campinas]. São Paulo: Papirus, 2007, p.99.

sociedade sob o domínio de uma classe social ávida para acumular riquezas se torna a projeção racionalizada do poder do sistema vigente na natureza representado pelo mito antigo, como entende Adorno. A dominação se estabelece no âmago da sociedade e todos passam a obedecer às regras ligadas aos interesses particulares dos dominadores.

Para preservar o poder a classe dominante precisa manter uma educação ideológica que faça com que a identidade do sistema de dominação não se desligue da consciência dos indivíduos. Hoje, na sociedade industrial, cabe à indústria cultural a função de instrumento ideológico do sistema capitalista de produção. A indústria da propaganda formula um modelo de vida através do consumo de mercadorias.

A linguagem fabricada que educa o sujeito apelando para a necessidade de consumir para ser feliz “desagrega os valores gerontocráticos, acentua a desvalorização da velhice, dá forma à promoção de valores juvenis, assimila uma parte das experiências adolescentes”¹¹. A indústria cultural massifica os valores culturais variáveis da tradição social ao reproduzi-los e lançá-los, uniformemente sobre a sociedade, segundo as necessidades de venda do mercado. Tudo é transformado em mercadoria, inclusive o sujeito. Sob esse aspecto a educação social se fragiliza e entra num processo de fragmentação dos valores que fundamentavam a formação dos indivíduos pelo grupo social de sua origem.

A dominação das massas¹² por um grupo hegemônico não é um fenômeno novo, mas no capitalismo tardio os efeitos de tal domínio podem levar a humanidade à catástrofe por conta das características do progresso social vigente na sociedade industrial. O perigo não reside somente no alto número de armas nucleares, mas na

¹¹ MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX – Volume I: Neurose*. Tradução: Mauro Ribeiro Sardinha. São Paulo: Forense Universitária, 1990, p.157.

¹² MAQUIAVEL, N. *O Príncipe – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p.98. “É que os homens geralmente são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ambiciosos de dinheiro, e, enquanto lhes fizeres bem, todos estão contigo, oferecem-te sangue, bens, vida, filhos, como disse acima, desde que a necessidade esteja longe de ti. Mas, quando ela se avizinha, voltam-se para outra parte.” A observação de Maquiavel está longe de deixar de ser atual, mas a sua referência não é o povo e sim aqueles que cercavam o príncipe e que, portanto, pertenciam a mesma classe social do governante. O povo, para Maquiavel, era uma massa que nada pedia ou exigia do governante além do desejo de não ser oprimido, em outras palavras, o povo era composto por um bando de gente disposta a amar e defender o príncipe desde que ele sempre se demonstrasse alguém bondoso. Apesar de Maquiavel usar a categoria homem no sentido de gênero sua preocupação estava voltada para aqueles que tinham o espírito utilitarista em relação ao poder e a riqueza. Quanto à massa; a maior parte dos indivíduos que a compunha vivia entre si dependendo uns dos outros e sendo controlados pela religião que era aliada do poder.

ganância produtivista dos capitalistas que está levando as condições de vida na terra a um estado de agonia.

Para Adorno e Horkheimer: “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”¹³. É crível que a humanidade ao descer das árvores e vagar pela terra em busca de alimentos e abrigo se deu conta de que era frágil diante de uma natureza que dava e tirava com a mesma facilidade. Morrer de sede e fome é o risco que corre todos os animais que vivem sob os auspícios ou dependência do mundo natural.

Com o homem primitivo não foi diferente, embora, em comparação com outras espécies tudo se deu de outra maneira ao longo do tempo. Não sabemos se outros animais pensam, mas sabemos que nós pensamos. O modo como pensamos fez a diferença nos enfrentamentos frente às dificuldades impostas pela natureza. A nossa inteligência na longa trajetória que nos trouxe até o *agora* desenvolveu a sublime capacidade de compreender que a natureza detinha naquele momento o domínio total da situação no jogo da sobrevivência. A humanidade, então, parte para um relacionamento com o mundo natural a partir dos seus fenômenos. O resultado desse relacionamento que se dá na proto-história do homem é o uso da imaginação na constituição da figura do mito como explicação dos fenômenos da natureza.

O mito como figura explicativa é, para Adorno e Horkheimer, a manifestação da racionalidade humana em seu intuito de abranger a realidade em sua totalidade ao querer: “relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar”¹⁴. Para os dois filósofos o mito já era produto do esclarecimento. Na fase mítica do esclarecimento o homem se relaciona com a natureza na condição de ser subordinado ao poderio do mundo natural. A consciência mítica obedece ao impulso de compreender a necessidade de criar um modo de convivência com a natureza dando *anima*, alma, aos seus fenômenos. Nesse momento não existe a separação entre palavra e coisa.

¹³ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.p.19.

¹⁴ *Ibidem*,p.23.

É pela mitologia que a capacidade imaginativa do homem constitui os primeiros momentos do esclarecimento. O mito é a manifestação dos primeiros raios da racionalidade humana se propondo a um modo de convivência no mundo onde o sujeito se submete a natureza. A formação do homem sob o comando do mito é pautada pelo temor, não pela autoconsciência. O despertar da autoconsciência ocorre com desencantamento do mito que se dá com a transformação da natureza em instrumentos técnicos.

A humanidade fez um longo percurso histórico até organizar a sociedade em torno dos bens oriundos do trabalho e da sua capacidade de dominar e transformar a natureza. “Doravante, a matéria deve ser dominada sem o recurso ilusório a forças soberanas ou imanes, sem a ilusão de qualidades ocultas. O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento”¹⁵.

A reviravolta que levou o homem a não mais cultuar os fenômenos naturais como coisas vivas dotadas de vontade ocorre quando a transformação do mundo natural em instrumentos técnicos influi na complexidade dos grupos sociais que transforma o mito não só em instrumentos, mas em objeto de poder. O resultado do desenvolvimento das comunidades humanas mais complexas deságua na divisão do trabalho que estratifica a população entre os que mandam e os que obedecem¹⁶. Para Adorno e Horkheimer

O lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando.¹⁷

A obediência como controle, no entanto, não pode advir simplesmente por meio da força bruta, mas por intermédio da crença de que todo aquele que detém o poder está investido pela força do mito. Sobre os escombros do antigo mito, agora renegado, surge a civilização que se ergue transformando a natureza gerando riquezas e se dividindo em classes. Para Florestan Fernandes é

¹⁵ Ibidem, p.21.

¹⁶ NADER, Paulo. *Filosofia do Direito*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006, p.93. “Quando as primeiras sociedades se formaram, com elas também surgiram também as regras de convivência, não inteiramente novas, pois muitas já eram consagradas nos grupos sociais”.

¹⁷ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.23.

Por sua origem e natureza, o produto de uma transformação histórica que engendrou a acumulação de riquezas; as classes, a dominação de classes e os antagonismos de classe; a exploração impiedosa dos oprimidos; a necessidade e a onipotência do Estado.¹⁸

A sociedade tida como civilizada encarna o mito como poder, mas este já não se confunde com o fenômeno natural. Os rituais têm como intuito o controle social perante aqueles que devem obediência. O mito deixa de ser fenômeno natural para ser instituição social cujo poder não pertence mais ao vento nem ao mar, mas à classe dos sacerdotes ou a quem detém o conhecimento da psicologia dos dominados. O discurso que fomenta a força do mito transformado em poder religioso é o mesmo que fundamentava sua força como fenômeno natural. Como dizem Adorno e Horkheimer a respeito do mito

Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina. Todo ritual inclui uma representação dos acontecimentos bem como do processo a ser influenciado pela magia. Esse elemento teórico do ritual tornou-se autônomo nas primeiras epopéias dos povos. Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar.¹⁹

A racionalidade do homem entrosa o sistema da natureza à sua organização social, preservando a angústia e o medo presentes na relação entre o homem e a natureza. A educação social no desenvolvimento da sociedade humana é a manifestação do desencantamento do mito, mas não da sua extinção como forma opressora de convivência. O mito dessacralizado transforma as relações entre o homem e a natureza. A sociedade que se desenvolve por meio da multiplicidade de instrumentos técnicos criados pela força do trabalho forjou uma consciência capaz de submeter, sob o domínio do homem, a natureza antes temida.

¹⁸ MARX & ENGELS. *História* – Organizador: Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1989, p.81.

¹⁹ *Ibidem*, p.23.

Para Adorno, o esclarecimento que se desenvolve ao longo do processo civilizatório tem a técnica como essência. O saber que domina a natureza constitui uma sociedade que se afastou do mito antigo, mas preservou de modo racionalizada a dominação vigente no mundo natural. As regras formuladas na sociedade esclarecida por quem detém o poder passam ao largo dos interesses daqueles que nada possuem a não ser o dever de obedecer.

A obediência como dever torna-se desde cedo o modelo de educação social que se torna tradição entre os indivíduos. Aquele que desobedece é tido como insurgente contra a dominação e deve, portanto, temer pela sua própria existência. O mito, portanto, permanece como forma de poder nas mãos de quem detém a autoridade numa sociedade hierarquizada.

O saber que se consubstancia em poder regride ao mito no medo e na angústia. A regressão, no entanto, se manifesta de modo diferente, pois não mais há uma entidade metafísica dominando o destino do homem, mas o próprio homem. A dominação ocorre sob o manto das instituições que começa pelo próprio mito transformado em religião e poder econômico. A organização social administrada pelas instituições se impõe sobre os indivíduos como instrumento de controle das massas.

O medo que se tem do dominador é uma substituição da figura do antigo mito que se manifestava como fenômeno dotado de vontade e força. A organização social marcada por um sistema racional de dominação contra o homem e a natureza diviniza a submissão e a exploração incondicional da última. Horkheimer lembra em *Eclipse da Razão* que

A exploração da natureza pode ser localizada em sua origem nos primeiros capítulos da Bíblia. Todas as criaturas são submissas ao homem. Apenas mudaram os métodos e manifestações dessa submissão.²⁰

O mito dominado e transformado em religião abre o caminho para divinização do homem. O esclarecimento, para Adorno e Horkheimer, continha em seus primórdios a ânsia do homem de se libertar da natureza, mas a racionalidade que desencantou o mito

²⁰ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro Editora 2002, p.68.

trilhou o caminho da dominação cega contra a natureza esquecendo que também é natureza.

A natureza responde à dominação do homem, segundo os dois autores, impondo uma regressividade que se manifesta na reprodução da violência temida na era do mito. A técnica usada como instrumento de destruição relacionada ao sistema natural racionalizado que administra a sociedade é a responsável pelos momentos de barbáries da nossa história.

A mesma racionalidade cria, sob a égide dos mesmos interesses econômicos, instrumentos bélicos sofisticados e máquinas agrícolas de alta tecnologia. As máquinas de guerra têm o poder de matar mais pessoas em alguns segundos do que as guerras convencionais em anos. As máquinas agrícolas são capazes de, em poucas horas, arar uma área de terra que levaria vários dias, caso o trabalho fosse executado por várias pessoas de modo rudimentar.

A penúria material que, durante tanto tempo, pareceu zombar do progresso está potencialmente afastada; tendo em conta o nível alcançado pelas forças produtivas técnicas, ninguém mais deveria padecer fome sobre a face da terra. Que continuem ou não a escassez e a opressão – ambas são a mesma coisa – dependerá exclusivamente de que se evite a catástrofe mediante a organização racional da sociedade total, como humanidade.²¹

Os conflitos que geram a miséria humana são bem administrados pelos agentes do capital para a obtenção do apoio das vítimas. A sociedade sob o comando da razão instrumentalizada calcula e administra a escassez e a opressão e até o ódio das massas a favor de interesses particulares da classe dominante que detém ou manipula o poder político. As verdadeiras intenções são mascaradas por discursos em defesa de valores que se relacionam diretamente ao modo de ser dos indivíduos em determinada cultura. Categorias como pátria, cidadania, liberdade e religião são acentuadas para fingir que estão investindo em políticas públicas ou para justificar as guerras.

²¹ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p.38.

A sociedade administrada manipula a consciência coletiva das massas quanto aos reais motivos que fomentam os conflitos que são as riquezas materiais e espirituais do outro. “O absurdo desta situação, em que o poder do sistema sobre os homens cresce na mesma medida em que os subtrai ao poder da natureza, denuncia como obsoleta a razão da sociedade racional”²². A geração de riqueza, e o desejo de acumulação por parte dos detentores do poder traça a história da violência organizada ao se apoderar das relações e das diferenças existentes na sociedade humana.

A educação social que se manifesta no âmbito não somente das relações pessoais, mas também no das relações de produção força o indivíduo a adotar a linguagem dos interesses do capital. A linguagem do capital é aquela que desapropria o homem de “si mesmo no ato da produção”²³. Na sociedade administrada pelo capital o sujeito para sobreviver – como disse Marx: “tornou-se uma mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador”²⁴ - é coagido a não refletir sobre si mesmo²⁵, mas a se dedicar a uma educação que o deixe sempre atualizado quanto às necessidades do mercado.

O saber como base do poder preconizado pelo filósofo Francis Bacon torna-se realidade à medida que o tempo histórico avança rumo a um saber sistemático que dá forma a ciência moderna totalmente entrosada ao capital. A ciência se transforma em peça-chave no aumento e velocidade da produção de mercadorias e influi, com seus prodígios, no comportamento político e religioso. As riquezas geradas pelas tecnologias aplicadas na navegação, tecelagem, mineração e indústria bélica transformaram o mapa político da terra. A dominação sobre a natureza e a do homem pelo homem passou a ser impositiva por meio da aplicação da identidade da classe burguesa detentora dos meios de produção.

²² ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.49.

²³ MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. Tradução: Isa Tavares. São Paulo, Boitempo, 2006, p.136.

²⁴ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução: Artur Morão. Lisboa, s/d, p.102.

²⁴

²⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução: Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2000, p.119. “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”.

O modelo de educação social imposta pelo dominador passa pela mudança ou descaracterização dos objetos que ocupavam a consciência do sujeito pela educação familiar ou grupo social de convivência. Nesse sentido, o modelo de educação escolar promovido pelo Estado tem como característica manter a violência do poder que reifica o homem e a natureza. A educação do Estado burguês tem como fim a subjugação do sujeito ao trabalho alienado e a destruição da natureza em nome do progresso social.

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários não importa a sua origem.²⁶

O conhecimento cristalizado como objeto do trabalho humano diferenciou a espécie pela diversidade de engenhos que deu vazão à constituição de sociedades complexas. A razão que se desenvolve por dentro da natureza transformada em mercadoria não reflete o preço que todos podem pagar pelo uso irracional dos recursos naturais.

A ganância do sistema econômico se expressa na dominação até o esgotamento dos bens naturais e das qualidades do homem que são reificadas em prol da produção de mercadorias. Todo o conhecimento que temos na modernidade como resultado de uma longa caminhada histórica da humanidade serve aos indivíduos sob o signo do desequilíbrio.

Sob o sistema capitalista o princípio da equidade só pode existir em forma de ilusão para as massas. Nesse sentido a burguesia conta com o Estado que “é, simultaneamente, um instrumento essencial para a expansão do poder da classe dominante e uma força repressiva (sociedade política) que mantém os grupos subordinados fracos e desorganizados”²⁷. O medo da repressão, da fome e do desemprego faz com que o sujeito se entregue as promessas de dias melhores baseados em números bem comentados por burocratas do Estado que dirigem os destinos do

²⁶ ADORNO & Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit.,p.20.

²⁷ CARNOY, Martin. *Estado e Teoria Política*. Op.cit.,p.98.

capital. Os números devem soar como verdadeiros sinais de sucessão de um tempo de sofrimento e carência para um novo tempo de abundância. Se o tempo bom não vier haverá outros números para apontar os culpados e prometer outros tempos.

Na tentativa de explicar o grave desequilíbrio social que vige na sociedade capitalista é recorrente setores da burguesia e dos movimentos sociais culparem a péssima educação escolar promovida pelo Estado como um dos fundamentos da miséria social. Nesses discursos, invariavelmente, a educação escolar é tida como *arché*; sua ausência justifica todos os malefícios que incluem a violência urbana, a mendicância e a prostituição entre outros. Os arautos da intelectualidade burguesa exaltam a educação como necessidade premente, mas ficam silenciosos quando o assunto é justificar milhares de barracos pendurados nas encostas dos morros que necessariamente não tem nenhuma relação direta com a falta de educação escolar, mas com uma perversa concentração de espaço físico e renda nas mãos de alguns.

Não se pode negar a importância da educação escolar, pois mesmo o saber que é imposto pelo Estado burguês para aperfeiçoar a dominação é válido à medida que possamos refletir sobre ele e partir para transformá-lo. Quem aprende a ler lê qualquer coisa. Isso é algo que ninguém pode tirar de alguém. Se a miséria brasileira é justificada pela precária educação escolar promovida pelo Estado, então, temos que nos preocupar mais ainda, pois ela virá em quantidade para o adestramento de mão-de-obra barata e descartável. A grande parte oprimida da sociedade não pode jamais esperar uma educação de qualidade por parte do Estado burguês que desperte um sentimento de autonomia, pois a falta desta sustenta a criminosa concentração de renda nos bolsos de quem detém o poder.

O silêncio da intelectualidade comprometida que vende a sua inteligência à organicidade do capital, é sintoma de respeito bem vendido ao símbolo maior do sistema: a propriedade privada. Gramsci lembra que “Na sua media geral os intelectuais urbanos estão muito estandardizados; os altos intelectuais urbanos confundem-se sempre cada vez mais com o verdadeiro e próprio Estado-maior industrial”²⁸. A educação escolar como *arché* está a serviço de outra *arché* bem mais poderosa: a

²⁸ GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. Tradução: Manuel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.150.

máquina de produção capitalista. A educação para o povo, propagada por quem transita escrevendo ou falando nos meios de comunicação da burguesia – no papel de jornalistas ou intelectuais de variados matizes – é serviçal.

Há um esforço monumental em transformar astuciosamente a linguagem predatória do capital em palavras neutras. As palavras são bem calculadas para que nelas flua a sensatez e a verdade absoluta. Quem fala ou escreve demonstra ter o dom da honestidade e da imparcialidade. Os guardiões do capital zelam pela história da dominação e usam na modernidade a palavra como rito, assim como em tempos primitivos os líderes espirituais realizavam cerimônias para acalmar ou expressar a vontade do mito.

Quando a linguagem penetra na história, seus mestres já são sacerdotes e feiticeiros. Quem viola os símbolos fica sujeito, em nome das potências supraterras, às potências terrenas, cujos representantes são esses órgãos comissionados da sociedade.²⁹

O esclarecimento que se desenvolve sob o comando do capital está inteiramente voltado para a competição selvagem pela sobrevivência no mundo social. Fugir da alteridade é o principal elemento da linguagem do processo educativo posto na sociedade como um todo. A consciência cultivada pelo capital exige uma devoção ao tempo voltado para o trabalho. A educação social, promovida desde o instante que o sujeito se desperta como ser consciente, seguindo o prolongamento da sua existência, é a de não questionar os valores impostos pela sociedade capitalista.

Qualquer questionamento a respeito do tempo que lhe é expropriado em forma de mais-valia é combatido com veemência. Os defensores do capital mantêm como tabu o discurso sobre o que vem a ser a venda da força de trabalho por salário. A relação entre tempo e produção está subsumida na consciência do sujeito como tempo adequado para entrar na área de trabalho, cumprir a jornada devida e receber o salário ao final da semana ou mês e sobreviver sem refletir sobre o seu papel no mundo da vida³⁰.

²⁹ Ibidem, p.33.

³⁰, p.332. Para Gadamer o mundo da vida “significa o todo em que estamos vivendo enquanto seres GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis RJ: Vozes, 2008históricos”.

A tecnologia que se expande sobre as relações sociais requer uma massa silenciosa e adepta ao sentido burguês de progresso como algo inexorável. A reflexão sobre o lado bom da tecnologia é assumida pelos agentes do capital que, de modo bem coordenado, alimenta o sentimento de inexorabilidade nas pessoas quanto à aceitação do novo para velhas práticas de dominação e violação de direitos.

O conhecimento tecnológico aplicado à produção delinea o processo político e administrativo ou superestrutural da sociedade no capitalismo tardio. Sob tais condições o capital³¹ impõe às massas uma fuga geográfica para as grandes concentrações de riqueza, especialmente os grandes centros urbanos. O fluxo migratório mostra a face do capital como sistema econômico da desigualdade. As regiões ricas sugam das regiões pobres do planeta – que é a maioria – as suas riquezas naturais, seus melhores cérebros e a estabilidade política que fica à mercê dos interesses dos capitalistas dos países ricos.

Os indivíduos migram de modo forçado ou à busca de oportunidades que o capitalismo diz não se esgotarem para quem deseja trabalhar. A migração acompanha o fluxo de riquezas concentradas em núcleos que são as matrizes do capital desde a primeira revolução industrial³².

A razão instrumental que impera na administração dos interesses do capital comanda a movimentação física de quem, como diz Marx, procura quem compre a única mercadoria que possui: a força de trabalho³³. A carência fragiliza o sujeito que passa a se movimentar de forma desesperada para não padecer. Isso gera mão de obra

³¹ ALVES, Giovanni. *Trabalho e Mundialização do Capital*. Londrina: Editora Práxis, 1999, p.12. “O capital é uma categoria complexa, com múltiplas expressões. Podemos dizer que ele é o valor em movimento, cujo processo de valorização, em seu andamento frenético e desesperado, cria (e recria) a sociabilidade moderna. Ou seja: o capital é uma forma social, à primeira vista muito mística, que transforma todo conteúdo concreto da produção da riqueza social que surge como mercadoria, numa forma abstrata de riqueza – a forma dinheiro. Dinheiro que se valoriza. Que cria mais dinheiro. Que almeja, com intensa e incansável pressão ‘fazer’ mais dinheiro”.

³² HOBBSAWM, Eric, J. *A Era das Revoluções*. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p.53. Segundo Hobsbawm na Inglaterra da primeira revolução industrial “ não havia qualquer sistema de educação primária antes que o Quaker Lancaster (e depois dele, seus rivais anglicanos) lançassem uma espécie de alfabetização em massa, elementar e realizada por voluntários, no princípio do século XIX, incidentalmente selando para sempre a educação inglesa com controvérsias sectárias. Temores sociais desencorajavam a educação dos pobres.”

³³ RUBIN, Isaak Illich. *A Teoria Marxista do Valor*. Tradução: José Bonifácio de S. Amaral Filho. São Paulo: Polis 1987, p.143. “Como o trabalho privado torna-se social e como a totalidade das unidades econômicas separadas, privadas, dispersas, transforma-se numa economia social relativamente unificada, caracterizada pela massa de fenômenos de repetição regular estudados pela Economia Política?”

barata e subserviência. A sociedade moderna repete o que era comum na era mítica quando os campos de caça se esgotavam e os grupos humanos eram obrigados a se deslocar continuamente. A mesma angústia provocada, nos primórdios, pela falha na repetição do fenômeno natural se repete, na atualidade, por conta dos interesses de um sistema econômico que gera miséria na abundância. Para Adorno quanto mais o homem progride no plano tecnológico mais ele regride ao mito.

A razão instrumental imprime à sociedade moderna o movimento violento que caracterizava a relação entre o homem e a natureza na era mítica. O controle exercido sobre os indivíduos tem por base as leis formuladas para organizar as pessoas segundo os interesses capitalistas. Esses interesses têm relações estreitas com os conhecimentos aplicados aos meios de produção. A necessidade de dominar para lucrar mais influi na pobreza e no destino de povos fragilizados economicamente.

O modelo de educação escolar imposto pela sociedade administrada pelo capital deve estar de acordo com as necessidades do mercado. Qualquer mobilização da sociedade em prol de si mesma e do mundo que precisa ser cuidado sofre uma vigilância do sistema quando destoa dos objetivos do poder econômico. O panoptismo* é um instrumento de vigilância permanente da sociedade de capitalismo privado ou estatal. Para policiar o pensamento ** a sociedade moderna conta com a tecnologia como aliada do sistema. Todos são vigiados em nome da segurança pública.

A vigilância sobre o corpo é o cuidado para evitar o que não deve ser pensado. Toda ação que se imponha contra os interesses do capital é atacada com armas letais ou conceitos apropriados para desvirtuar a base do pensamento que dá consistência a contraposição. Assim como a natureza era vista como agente controlador do modo de vida dos primeiros grupos humanos, a razão instrumental substituiu essa função ao manter a esperança e a angústia como expectativas.

A sociedade industrial exige do sujeito abnegação ao sistema de produção e sentimento de culpa caso não atenda as exigências solicitadas para atender as necessidades do mercado. Entre as exigências estão os tabus que constam de proibições

* Palavra cunhada pelo filósofo francês Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*

** Expressão inspirada da obra de George Orwell: 1984.

tácitas de não ser velho, o que leva as pessoas a uma luta desesperada contra o tempo, ou de não ser gordo. Todos devem estar atualizados quanto às últimas informações sobre a indústria da beleza e da eterna juventude. Refutar peremptoriamente quem não pode se situar na sociedade de consumo é o corolário maior do capitalismo tardio.

A razão que controla todo mecanismo social por meio da superestrutura não esquece que o controle só existe por meio da apropriação do conjunto de valores que compõem a educação social. Valores que subsistem como sedimentos históricos na consciência do sujeito. Por isso, categorias como igualdade e justiça são básicas no discurso burguês.

O controle da consciência, para Adorno e Horkheimer, ocorre à medida que o mito antigo é renegado como mera superstição, mas, no entanto, permanece na sociedade humana a modelar o seu caráter violento. O movimento da razão instrumental ao administrar à sociedade moderna, cujo conteúdo é a técnica, se desenrola racionalmente na forma de agir da natureza repudiada. Para os dois autores

No mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana. A existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assume em sua pura naturalidade o caráter numinoso que o mundo de outrora atribuía aos demônios. Sob o título dos fatos brutos, a injustiça social da qual esses provêm é sacramentada hoje em dia como algo eternamente intangível e isso com a mesma segurança com que o curandeiro se fazia sacrossanto sob a proteção de seus deuses.³⁴

A miséria humana se constitui, segundo Adorno e Horkheimer, na sua relutância em não reconhecer que a existência da sociedade esclarecida não se desvencilhou do velho mito que a razão expurgou por ser a representação da ignorância e da superstição. O discurso laico tenta encobrir o mesmo *modus operandi* que educa o sujeito à submissão de um sistema econômico poderoso que se sustenta na angústia e no medo. A dominação cultiva o pavor de que a força de trabalho não desperte mais o interesse de ser comprada pelo capitalista e assim o meio de sobrevivência não possa se repetir. A sociedade industrial coroada pelo avanço tecnológico... “é algo que foi imposto a uma

³⁴ ADORNO & Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.40.

maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção”³⁵.

A sociedade humana é a expressão da história das descobertas, do desvelamento da metafísica, a saber, daquilo que residia na natureza como misterioso, encantado e que influía na vida das pessoas. O desencantamento é o mergulho no objeto até ele ser compreendido e se tornar conhecimento. Freud diz que

Embora a humanidade tenha efetuado avanços contínuos em seu controle sobre a natureza, podendo esperar efetuar outros ainda maiores, não é possível estabelecer com certeza que um progresso semelhante tenha sido feito no trato dos assuntos humanos; e provavelmente em todos os períodos, tal como hoje novamente, muitas pessoas se perguntaram se vale realmente a pena defender a pouca civilização que foi assim adquirida.³⁶

O esclarecimento como a saída da humanidade do estado de natureza é a diferença que faz a razão humana perante todos os seres vivos da terra. Pelo saber deixamos de ter as árvores como casa e construímos casas de árvores. O ímpeto para transformar a natureza é bem maior que o de refletir sobre o abuso dessas transformações que já se faz sentir no meio ambiente. A falta de reflexão sobre o controle da técnica e o jogo da dominação nos faz virar as costas para a real função do esclarecimento que é a de nos reconciliar com a natureza e de nos libertar dos perigos que a ganância da classe dominante comete em seu domínio cego contra a natureza e o homem. Como lembram Adorno e Horkheimer:

Os reis não controlam a técnica mais diretamente do que os comerciantes: ela é tão democrática quanto o sistema econômico com o qual se desenvolve. A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. As múltiplas coisas que, segundo Bacon, ele ainda encerra nada mais são do que instrumentos: o rádio, que é a imprensa sublimada; o avião de caça, que é uma artilharia

³⁵ FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão* - Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1978, p.88.

³⁶ Ibidem. A passagem denota a profunda influência de Freud no desenvolvimento dialético de Theodor Adorno.

mais eficaz; o controle remoto, que é uma bússola mais confiável. O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.³⁷

Os dois autores nessa passagem refletem sobre o aperfeiçoamento do conhecimento que já existia antes, como descoberta espontânea do homem, e o seu uso posterior como instrumento de dominação e não de libertação da humanidade. Para Aristóteles: “Aquele que pode antever, pela inteligência, as coisas, é senhor e mestre por natureza; e aquele que com a força do corpo é capaz de executá-las é por natureza escravos”³⁸. A assertiva do estagirita reflete o conceito de produção que, em seu tempo, tinha por base a escravidão além de ser uma justificativa para o seccionamento da sociedade grega. Isso demonstra o quanto é pertinente a desconfiança de Freud de que a vontade de dominar por parte de uma minoria sobre a maioria existiu em todos os períodos. Em contrapartida nunca foi tão necessário, na sociedade atual, a antevisão e a inteligência para reflexionar as coisas por parte da maioria das pessoas para evitar a catástrofe ambiental que se anuncia.

A racionalidade que administra a sociedade educa os indivíduos a defender o sistema que o domina independentemente da sua vontade. Para enfrentar a dominação o objeto da reflexão é o modelo de domínio praticado contra o homem e a natureza engendrado pelo próprio homem. Será que Gramsci está correto quando diz “que aquilo que cada um pode mudar é bem pouco, em relação às suas forças?”³⁹ Ele mesmo desconfia ao revelar “que é verdade até um certo ponto”⁴⁰. A dominação na sociedade industrial impõe ao sujeito um modelo de vida assemelhado e frenético à dinâmica da maquinaria do sistema de produção de mercadorias. O frenesi vivenciado pelo sujeito em sua luta cotidiana pela sobrevivência cria um sério obstáculo à reflexão sobre a função do saber que deveria subsistir por meio da ciência para evitar a barbárie. A relação estreita entre o saber científico e a política de domínio do capital está pondo em risco o mundo em que vivemos. A manipulação de categorias como liberdade e igualdade fundamentam as ações do progresso social burguês enganando o senso comum.

³⁷ ADORNO & Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit.p.20.

³⁸ ARISTÓTELES. *Política – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural 2004, p.144.

³⁹ GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. Op.Cit. p.49.

⁴⁰ *Ibidem*.

Cabe uma necessária e profunda reflexão sobre o sentido do progresso e da ciência cada vez mais enredada aos interesses mesquinhos do grande capital. A comunhão entre ciência e capital e os seus perigos não é do desconhecimento de uma parcela da população já bem familiarizada à tecnologia da informação e aos ciclos recorrentes de crises do capital. Não cabe mais o alheamento de uma parte da massa escolada que diante de atos de barbáries sempre se escondeu por trás da velha desculpa: “eu não sabia”. Freud em *O Futuro de Uma Ilusão* diz

Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade.⁴¹

A especulação de Freud fundamenta em parte a concepção de barbárie do filósofo Adorno. Para Adorno a barbárie se dá na relação desigual entre a civilização tecnologicamente avançada – que se torna fonte de grande poder – e o sujeito com comportamento primitivo ou regressivo que a passagem de Freud expressa. Com efeito, quem assume o poder político tem a ciência moderna como a mola propulsora do poder econômico da sociedade administrada pelo capital.

A ciência sob a razão instrumental está cada vez mais impessoal e longe das pessoas comuns que, encantadas com os seus benefícios não refletem a respeito do seu lado obscuro. O saber científico é, atualmente, refém das grandes empresas que investem pesado no desenvolvimento de pesquisas. O comprometimento com o capital leva a comunidade científica ao silêncio e à cumplicidade do uso abusivo da tecnologia na extração de recursos naturais e da tecnologia da morte que avança cada vez mais em precisão. Cabe a comunidade científica, como disse Edgar Morin⁴², se auto-interrogar a respeito do papel da ciência no mundo moderno. Mas não haverá essa auto-interrogação se a sociedade por meio do sujeito reflexivo não começar a se preocupar em intervir e

⁴¹ FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão* - Os Pensadores. Op.cit. p.89.

⁴² Cf. Edgar Morin em *Ciência com Consciência*. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dora. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.35. O sociólogo Edgar Morin é um incansável crítico da postura das ciências empíricas que, cada vez mais, se afastam dos interesses gerais da humanidade para atender os interesses do mercado.

também se auto-interrogar sobre o papel da ciência no progresso social. A educação de resistência estimula a discussão dialética entre o que a ciência é e seu potencial como instrumento de libertação da humanidade.

Uma ciência sem rosto sob o comando da razão instrumental é o real significado do perigo. Como disse Whitehead: “... embora se possa fazer a réplica de uma estátua antiga, não há réplica possível de um antigo estado de consciência”⁴³. Whitehead, na citação, faz uma crítica a quem crer que a ciência moderna pode ser analisada sob a luz da consciência grega antiga. O mesmo se pode dizer do rio de Heráclito em que, depois de atravessá-lo se fez um desenho dele, mas não das mesmas águas que tocou o corpo do desenhista. Os elos do tempo histórico que impulsionam o progresso da sociedade humana são diferenciados, mas nem por isso deixam de ser encadeados porque “isto se faz num circuito espiral através da evolução histórica”⁴⁴. Como lembra Adorno em relação ao progresso:

Sem sociedade, sua representação seria completamente vazia; dela derivam todos os seus elementos. Se a sociedade não tivesse passado da horda de coletores e caçadores à agricultura, da escravidão à liberdade formal dos sujeitos, do temor dos demônios à razão, da escassez à proteção contra as epidemias e a fome e a melhoria das condições de vida em geral; se, pois, procurássemos conservar pura a idéia de progresso ‘more philosophico’, debulhando-a fora da essência do tempo, então ela não teria conteúdo algum.⁴⁵

Para Adorno a sociedade humana é a expressão máxima da categoria progresso que se desenvolveu como entende Morin, num circuito espiral, não caminhou, portanto, até aqui, segundo o meu entendimento, verticalmente, mas sim horizontalmente. O esclarecimento tirou o homem do estado de natureza pelo poder da racionalidade humana de transformar a natureza em instrumentos técnicos, mas em contrapartida, não deu impulso a um progresso relacionado às questões humanas, como observa Freud. Nesse sentido a categoria evolução torna-se problemática.

⁴³ WHITEHEAD, Alfred, N. *A Ciência e o Mundo Moderno*. Tradução: Hermann H. Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006, p.174.

⁴⁴ MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005, p.87.

⁴⁵ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.44.

A caminhada histórica que criou a civilização se desenvolve por meio do progresso. A supremacia do tempo presente sobre o passado anuncia a substituição do obsoleto pelo novo enquanto o futuro é o vôo da imaginação do homem para o mundo ideal ou para o terrível fim. Mas o que de fato existe é a presença de vivos dando seqüência ao trabalho de incontáveis gerações mortas dando vida a um “corpo” chamado humanidade. O trabalho de cada homem desempenhado ao longo do curso histórico não é marcado por um sinal de igualdade, mas pela mesma importância. Não existe, portanto, ninguém sob os nossos pés como se subíssemos uma escada espiralada.

A espiral da história humana em seu desenvolver caminha tendo lado a lado os múltiplos estados de consciência – todos não passivos de serem copiados como pensa Whitehead – mas que estão no ponto em que nos encontramos como sedimento. É do presente e mergulhando no mesmo que a humanidade pode reflexionar a história e elaborar o passado histórico. A elaboração do passado a partir do presente ocorre à medida que se desvela e se corrigem os erros que levam a humanidade a repetidos momentos de barbáries. O mergulho dialético para se analisar o passado a partir do presente é, seguindo o modelo adorniano, aquele em que:

A reflexão – denominada “intentio obliqua” na terminologia filosófica – consiste então em voltar a referir esse conceito multivoco de objeto, ao menos multivoco de sujeito. Uma segunda reflexão reflete aquela e define melhor o que ficou vago, em prol dos conteúdos de sujeito e objeto.⁴⁶

A reflexão obliqua de adorno tem como sentido a não preocupação em definir por meio da síntese ou da manipulação da linguagem os conceitos que se encaixam à realidade e que cabem, muito bem, aos propósitos do princípio da dominação. A busca reflexiva tem um movimento lateral, pois a história que constituiu o objeto, como realidade, está por todos os lados. A história espiralada e horizontal está no tempo presente como sedimento histórico e não como síntese, pois não há como provar o que há de identidade e contradição nos milhares de anos que nos separam do nosso

⁴⁶ Ibidem., p.182.

momento atual ao ponto de origem. Não há como saber o que há de contínuo e descontínuo no tempo histórico.

A história dá-nos na propriedade (por exemplo, nos índios, nos eslavos, nos antigos celtas e outros) o exemplo da forma primitiva, forma que, sob o aspecto da propriedade comunal, desempenhará ainda durante muito tempo um papel importante.⁴⁷

A crítica de Marx tem como foco alguns economistas de sua época que não admitiam a existência da sociedade em grupos humanos que não conviviam com a presença da propriedade privada. É claro que isso serviu de desculpa para desencadear massacres⁴⁸ e roubar os territórios e as riquezas das sociedades que tinham um modelo de vida ainda entrosado à natureza. Notamos nesse caso a manipulação da linguagem no sentido de promover os interesses da burguesia que, em sua pretensão de estender os seus domínios criou o conceito de propriedade privada como a caracterização do homem que vive em sociedade. Sob esse conceito a burguesia renegou a existência histórica e até a humanidade dos seres humanos que acreditavam pertencer a terra e não o contrário.

A força dos meios de produção no capitalismo envolve os indivíduos, de modo alienante, na relação de troca: trabalho por salário. Nessa relação há um processo educativo promovido pelo próprio capital que leva o sujeito a estreitar os laços com o sistema produtivo e a quebrá-los com o meio social de sua origem e convivência.

Quanto mais se recua na história, mais o indivíduo – e, por conseguinte, também o indivíduo produtor – se apresenta num estado de dependência, membro de um conjunto mais vasto: este estado começa por se manifestar de forma totalmente natural na família, e na família ampliada até às dimensões da tribo; depois

⁴⁷ MARX, Karl. *Contribuição Para a Crítica da Economia Política*. Tradução: Maria H. B. Alves. Lisboa, 1997, p.216.

⁴⁸ Ler o livro *Enterrem meu Coração na Curva do Rio* do escritor Dee Brown que conta a história do massacre dos índios dos Estados Unidos.

nas diferentes formas de comunidades provenientes da oposição e da fusão das tribos.⁴⁹

Para Marx é só a partir do século dezoito que esse modelo de existência começa a se desfigurar e a revelar que o homem não só é “um animal sociável, mas um animal que só em sociedade pode isolar-se”⁵⁰. A educação do esclarecimento que em nós, está sob o plano da cultura ocidental, desenvolveu uma sociedade cujo “sujeito é o *tudo-nada*; nada existe sem ele, mas tudo o exclui; ele é como o sustentáculo de toda verdade, mas ao mesmo tempo ele não passa de ‘ruído’ e erro frente ao objeto”⁵¹. A sociedade forjou uma ciência que criou inúmeras facilidades para a vida do homem em um curto espaço de tempo, mas, também criou, por outro lado, uma enorme apreensão quanto ao sentido do seu envolvimento com o capital.

O esclarecimento vigente na sociedade industrial chegou ao esgotamento não pelos seus benefícios, mas pela sua capacidade destrutiva. Portanto, o modelo de uma educação de resistência que proponho neste trabalho brota da necessidade do mundo social refletir e se impor por meio de uma práxis consciente contra o conceito de progresso social da classe dominante. A educação escolar de resistência é a postura do sujeito que educa reflexionando a educação social que é a sociedade em seu movimento histórico. A educação de resistência se propõe resistir à ordem identitária do sistema de produção burguês. Para Adorno

Somente são verdadeiras aquelas reflexões sobre o progresso que mergulhem nele, mantendo, contudo, distância e que evitam os fatos paralisadores e os significados especializados. Hoje, tais reflexões culminam na consideração sobre se a humanidade será capaz de evitar a catástrofe. São de vital importância para a humanidade as formas de sua própria constituição global, enquanto não se constitui e intervém um sujeito global consciente de si mesmo.⁵²

O progresso engendrado pelo esclarecimento ao longo do processo civilizatório deságua no capitalismo tardio com grandes conquistas e perigos avassaladores.

⁴⁹ MARX, Karl. *Contribuição Para a Crítica da Economia Política*. Op.,cit.p.212.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Op. cit. p.43.

⁵² ADORNO. *Palavras e Sinais*. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p.38.

Mergulhar reflexivamente no conceito vigente de progresso exige uma reviravolta conceitual do sentido de progresso. Em primeiro plano é importante não se deixar levar pela concepção maniqueísta de que o progresso tecnológico é algo vinculado ao mal e fazer apologia a um retorno impossível ao estado de natureza.

A busca pelo real sentido do esclarecimento no mundo globalizado exige um esforço reflexivo que resulta em uma práxis pensada. A educação escolar de resistência é uma reação do sujeito oprimido cultivando a sua liberdade à medida que não aceita sofrer pela autopreservação do sistema capitalista. A educação escolar de resistência ocorre na participação do sujeito na busca pela justiça no mundo social e na rejeição da omissão diante das agressões contra o homem e a natureza.

A resistência é um olhar crítico na organização social que é a história “armazenada em fenômenos”⁵³ sociais. A organização social é o objeto como realidade que, para Adorno, é bem maior do que sujeito. A primazia do objeto na filosofia adorniana é o reconhecimento da história sedimentada no tempo. A classe dominante tenta se apropriar por meio da indústria cultural dessa multivocidade posta na educação social do sujeito gerada pelo movimento histórico.

1.1. A indústria da necessidade

A indústria cultural é o mais sofisticado e poderoso mecanismo de venda engendrado pelo sistema capitalista de produção. Quando o sujeito dirige o carro por uma avenida movimentada de uma cidade ou está andando a pé pelas calçadas de algum centro comercial não passa incólume a quantidade de anúncios que oferecem mercadorias como fonte da felicidade. O indivíduo que adentra à loja de um *shopping* já está envolvido pelo mecanismo da propaganda que oferecem produtos “levando em consideração não as necessidades específicas do público, mas aquelas da própria indústria e do sistema de exploração que a abriga”⁵⁴. A grande indústria tem a seu favor a indústria cultural: um sistema de comunicação que se sustenta elaborando uma linguagem adequada à venda de mercadoria.

⁵³ ADORNO, T. W. *Introdução à Sociologia*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p.329.

⁵⁴ DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.51.

O sujeito na sociedade industrial “é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural”⁵⁵. Fabricar necessidades é o ofício dos agentes dessa indústria. A intenção dos seus agentes é transformar o sujeito em mercadoria à medida que se torna possível manipular a sua subjetividade. Nem mesmo o sujeito mais consciente dos mecanismos de pressão imposto pela propaganda escapa. A indústria cultural envolve a sociedade em sua totalidade transformando-a em instrumento de pressão sobre o sujeito para que este sucumba aos apelos da propaganda.

Na propaganda “a linguagem publicitária e produtos encontram-se ligados porque são ambos co-produzidos”⁵⁶. A linguagem da propaganda cria a necessidade no sujeito ao convencê-lo pela promessa de que a mercadoria anunciada é o objeto que o fará diferente e feliz. A última moda promete aflição se não for consumida imediatamente. O consumo deve ter a mesma velocidade das máquinas que fabricam os produtos em série. A dinâmica da indústria cultural se compõe não somente de venda de produtos materiais, mas também de bens espirituais que carregam em seu bojo a ideologia do sistema capitalista.

A indústria cultural é um suporte do grande capital e colabora para a alienação das massas à medida que manipula os seus valores constitutivos usando-os como meio para que os donos do poder vendam suas mercadorias. Criar necessidades e supri-las com a ideologia burguesa e as mercadorias da última moda é a função da indústria do entretenimento, portanto, “os produtos da indústria cultural podem ter certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente”⁵⁷. A velocidade que faz a novidade envelhecer e o novo surgir como nova promessa de felicidade diz o quanto à indústria do entretenimento é eficaz na inibição de qualquer processo reflexivo sobre o que é realmente necessário.

A mercadoria como promessa de felicidade induz a consciência do sujeito a ficar sob um regime de vigilância quanto ao surgimento da próxima novidade. A indústria

⁵⁵ ADORNO & Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit.p.118.

⁵⁶ QUESSADA, Dominique. *O Poder da Publicidade na Sociedade Consumida pelas Marcas – como a globalização impõe produtos, sonhos e ilusões*. Tradução: Joana A. D. Melo. São Paulo: Futura, 2003, p.120.

⁵⁷ ADORNO & Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit.p.119.

cultural não “dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso que tanto se assemelha ao trabalho”⁵⁸. Com a globalização da economia a indústria da propaganda está presente em todos os momentos da vida do sujeito invadindo a sua subjetividade e desviando os pensamentos de cada um para aquilo que o capital quer que todos pensem.

O controle do capital via indústria cultural ocorre em forma de oferta de uma realidade que satisfaça o sentimento de necessidade do sujeito. O intuito, no entanto, não é suprir a necessidade, mas mantê-la. Os temas das propagandas abordam a procura pelo sonho de felicidade que uma boa parte das pessoas se dedica à vida inteira.

A sociedade alienada de si mesma se deixa levar pela má intenção da classe dominante que é mascarada pelo discurso da justa equivalência. Na sociedade dominada pelo capital a propaganda leva a crer que o sistema inclui o sujeito no mercado de trabalho e pressiona a mesma sociedade a culpar aqueles que não encontram ocupação. A propaganda ideológica abrange o mundo social como uma rede. O efeito de tal abrangência é a atomização dos indivíduos que; em sua maior parte, sem organicidade não têm outra opção a não ser aceitar o real dado. A força da indústria cultural atua “mediante a totalidade”⁵⁹, ou seja, sobre cada um cai o seu peso. Portanto é necessária a resistência contra a manipulação da subjetividade do sujeito. Isso pode ser possível por meio de uma educação escolar de resistência capaz de refletir criticamente a identidade do sistema de dominação.

A educação de resistência não pode subsistir sem um mergulho dialético na realidade, pois “a construção do saber é um processo dialético que se baseia na crítica dos juízos e idéias que o próprio objeto de estudo enseja historicamente”⁶⁰. Nesse sentido a escola de resistência tem a função de sujeito reflexivo atuando no objeto histórico no qual o sujeito está mergulhado, ou seja, na educação social. A força da indústria cultural terá mais influência sobre o sujeito à medida que inibe a sua capacidade reflexiva. A escola promovida pelo Estado é a escola que educa o sujeito a servir ao grande capital e a fragilizá-lo diante dos apelos da indústria cultural. Como dizem Adorno e Horkheimer

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem, p.118.

⁶⁰ RÜDGER, Francisco. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade – fundamentos da crítica à Indústria cultural em Adorno*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002, p.87.

Se, em nossa época, a tendência social objetiva se encarna nas obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais, estas são basicamente as dos setores mais poderosos da indústria: aço, petróleo, eletricidade, química. Comparados a esses, os monopólios culturais são fracos e dependentes.⁶¹

Mesmo com todo o esmero da indústria cultural os interesses do grande capital não deixam de ser percebidos pela grande massa. Mesmo sendo a indústria cultural um eficiente instrumento de convencimento, o seu sucesso se dá pelo ritmo de vida imposto a cada indivíduo pelo sistema de produção. Tal ritmo o impossibilita de refletir sobre si mesmo, pois todo o seu tempo é dedicado a zelar pelo sistema que o oprime para não morrer de fome. Como observa Marx: “A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozinhada, comida com faca e garfo, não é a mesma fome que come carne crua servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes”⁶². O medo de perder o direito de comer, se vestir e dormir sob um teto é a ameaça que faz o sujeito se submeter ao sistema de produção e a procurar se consolar nas promessas da indústria cultural.

A indústria cultural como fábrica de necessidade sabe que “toda necessidade real ou potencial é uma fraqueza que impelirá a ave para o visco”⁶³. A manipulação da subjetividade pelas promessas de felicidade pelo consumo induz o sujeito ao esquecimento de um modelo de vida cercado de exploração promovido pelo sistema econômico. Para Adorno e Horkheimer

Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas

⁶¹ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.115.

⁶² MARX, Karl. *Contribuição Para a Crítica da Economia Política*. Op.cit.,p.220.

⁶³ MARX, Karl *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Op.,cit.p.208.

sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos.⁶⁴

A educação social do sujeito no capitalismo tardio está envolta por essa atmosfera de dominação pelo consumo e pelas idéias de cunho ideológico que dão sustentação ao capital. A dominação, no entanto, não está simplesmente circunscrita à cadeia de valores tradicionais que a indústria cultural transforma em cultura de massa, mas conta com a figura repressora do Estado que... ”age essencialmente sobre as forças econômicas, reorganizando e desenvolvendo o aparelho de produção, criando uma nova estrutura...”⁶⁵. O sujeito é policiado por um Estado “educador”⁶⁶ que está sempre em estado de alerta para coibir quem se desvia dos valores que dão sustentação à sociedade administrada pelos agentes do capital.

O capital como “qualquer forma de produção engendra as suas próprias relações jurídicas, a sua própria forma de governo etc.”⁶⁷. Todo o aparato de controle está centrado na proteção dos interesses privados ligados a produção de mercadorias. Sob o signo dessa proteção nascem as leis e os mecanismos de obediência a essas mesmas leis. O serviço a essa proteção é prestado pela indústria cultural que envolve os indivíduos na linguagem do capital.

Se libertar de um sistema econômico que forja necessidades materiais e espirituais em nome dos interesses dos capitalistas não pode acontecer sem uma disposição da parte da sociedade oprimida em discutir e por em prática um modelo de educação que aponte para a liberdade como princípio. Reflexionar a linguagem do princípio da dominação burguesa é mergulhar no conjunto de conceitos que reside “no fundamento histórico da ideologia moderna dos direitos do homem, da igualdade, da legalidade, da justiça universal etc.”⁶⁸. Esses valores são resguardados pela superestrutura do sistema que reside na figura do Estado.

⁶⁴ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.125.

⁶⁵ CARNOY, Martin. *Estado e Teoria Política*. Op.cit.,p.103.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ MARX, Karl. *Contribuição Para a Crítica da Economia Política*. Op.cit.,p.216.

⁶⁸ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Tradução: Luiz F. Cardoso; Carlos N. Coutinho; Giseh V. Konder. Rio de Janeiro: PAZ e TERRA, 1979,p.112.

Os valores ideológicos que dão sustentação ao capital compõem a identidade do princípio da dominação, mas são esses mesmos valores que devem ser submetidos ao crivo da dialética negativa. Dialectizar a categoria necessidade, por exemplo, é mergulhar no sentido dado pela dominação e desconstruí-la numa análise imanente até desmascarar a má-fé do seu uso ou como diz Adorno até capturar a ilusão imposta pela identidade.

A desconstrução dialética é a possibilidade de desvelamento ou da libertação da verdade aprisionada no mesmo conceito identitário de necessidade do dominador. Essa verdade ao ser desvelada aflora como contradição. A libertação da contradição se dá como reconstrução do conceito reflexionado. Para Adorno a contradição é o índice de falsidade da identidade do sistema de dominação.

A necessidade de consumir para ser valorizado como pessoa é um processo de anulação da capacidade reflexiva do sujeito que demonstra o poder da identidade do sistema. Anular o sujeito dando a ele uma realidade para suprir as suas necessidades é o modo de autopreservação do sistema capitalista. O sujeito pode sucumbir às necessidades do sistema independentemente do seu grau de consciência porque quem não se submete “terá sua insuficiência facilmente comprovada”⁶⁹.

A astúcia da indústria cultural é manipular as categorias que permeiam a educação social do sujeito. As categorias vinculadas à formação do grupo social ou familiar do indivíduo parecem estáticas e arcaicas para o modelo educativo prometido pela indústria cultural que leva o sujeito a crer imediatamente que “nada deve ficar como era, tudo deve estar em constante movimento”⁷⁰. Na realidade dada pela indústria cultural o indivíduo se vê como alguém que inspira respeito pelo que conseguiu comprar. O sonho é se sobressair perante aquele que sonha em comprar a mesma coisa, mas não pode. É o jogo da dominação no microcosmo social.

A categoria liberdade, por exemplo, pode reduzir-se a um carro importado ou uma roupa de marca. Se a propaganda diz que a liberdade está encantada em um carro, por exemplo, quem não pode possuí-lo não pode se sentir livre. Assim “a produção motiva

⁶⁹ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.125.

⁷⁰ Ibidem, p.126.

o consumo ao criar o modo determinado do consumo, e originando em seguida o apetite do consumo, a faculdade de consumo sob a forma de necessidade”⁷¹.

No tempo de Marx ainda não existia a indústria cultural equipada com o aparato tecnológico para levar instantaneamente a notícia sobre o lançamento da última novidade. A sua percepção, no entanto, a respeito do processo produtivo como engendrador do consumo como fonte de necessidade prova o quanto Marx continua atual em suas análises sobre o capital. A indústria da propaganda na sociedade moderna atua exatamente raciocinando que “o ato de produção é, em todos os seus momentos e ao mesmo tempo, um ato de consumo”⁷². Destarte, para vender continuamente as mercadorias produzidas em série, o consumidor terá que ser tratado como uma mercadoria a ser modelada pela indústria da propaganda para consumir o que for de interesses do capital.

Na sociedade moderna o maior valor é o poder de consumir o bem material. Consumir por *status* ultrapassa a utilidade da mercadoria e se transforma em modo de ser das pessoas. A indústria cultural cultiva o sonho de poder pelo consumo entre todos, inclusive entre aqueles de parcas condições para estes, se um dia adquirirem condições para consumir, não deixe de embarcar na felicidade prometida. A indústria cultural transforma o fetiche da mercadoria em necessidade imperativa para a resolução de problemas ligados a auto-afirmação das pessoas no convívio em sociedade.

A necessidade engendrada pela indústria cultural, figurativamente, equivale a cultivar a fome mesmo que o estômago esteja cheio. O desejo de comprar passa não somente pela vontade de possuir o objeto em si, mas muito mais pelo desejo de sentir-se bem e ser admirado, invejado e desejado por conta da aquisição do produto.

Não se compra um carro de luxo para trafegar em uma ilha deserta mesmo que tivesse a melhor malha viária do mundo, pois ninguém iria admirar nem valorizar o proprietário. A sensação de não ser visto, admirado, invejado e desejado esvaziaria o conteúdo posto pela propaganda na mercadoria. Em *O Capital*, Marx escreve sobre o poder da mercadoria

⁷¹ MARX, Karl. *Contribuição Para a Crítica da Economia Política*. Op.cit. p.222.

⁷² *Ibidem*, p.18.

À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas dos materiais naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se por com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa.⁷³

A reflexão de Marx, na verdade expressa a impessoalidade do sistema capitalista que transforma “o homem em elemento passivo, em espectador de um drama que se renova continuamente e no qual os únicos elementos realmente ativos são as coisas inertes”⁷⁴. A mercadoria é o único elemento vivo para o sistema capitalista, e por ela todos devem estar dispostos a morrer. A educação que se recebe na escola, nas ruas ou em casa é o da devoção à necessidade de entrar no mercado de produção para produzir não importa o quê. A consciência do sujeito em relação aquilo que faz para sobreviver é de distância e o seu único apego reside no dinheiro pela venda do seu tempo de trabalho.

O fetiche da mercadoria é apropriado, no capitalismo tardio, pela indústria da propaganda e imposto de modo bem articulado a um comportamento fabricado para obter uma sensação de bem-estar em meio ao grupo social da convivência do sujeito. A mercadoria ganha laivos metafísicos quando ultrapassa a simples utilidade e se impõe como algo capaz de modificar a imagem do sujeito no plano social.

⁷³ MARX, k. *O Capital* Livro I. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p.70.

⁷⁴ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Op., cit.p.123.

Sob o capitalismo mundializado a operacionalização de produção e venda dos produtos recebe cada vez mais incrementos da alta tecnologia da informação e da robótica. O aparato que leva a produzir e a vender mercadorias sofreu sérias modificações desde o tempo de Marx até hoje. O trabalho morto ocupa um espaço nunca antes visto na produção de mercadoria o que aumenta a pressão sobre as novas gerações para que haja uma educação escolar atualizada para fazer frente à dinâmica do processo produtivo.

A parte maior da sociedade que sobrevive vendendo a força de trabalho não pode se esquivar à discussão que envolve a questão da educação para o trabalho imposta pelo capital. A educação escolar não pode deixar de ser uma resistência da sociedade contra os perigos da superexploração incidente sobre a natureza e o próprio homem.

A educação escolar de resistência é possível como reflexão dialética no conceito de educação escolar promovida pelo Estado burguês. O pressuposto para que isso ocorra é a disposição do sujeito para enxergar a multiplicidade do mundo social. A sociedade alheia de si mesma é o principal instrumento de colaboração da fábrica de necessidades. A desalienação é o movimento do sujeito pensando a sociedade. A sociedade desalienada volta-se para si mesma à medida que cuida da educação social, ou seja, da educação oriunda do berço familiar ou do grupo social que cerca o sujeito.

1.2. A sociedade que se educa para culpar o professor

Culpar o professor pelo péssimo resultado desvelado pelas avaliações encetadas pelos órgãos governamentais é o caminho mais fácil. Não incluir o professor como elemento importante no descalabro da educação é, também, um modo de não refletir seriamente a respeito do problema. O professor, então, transita como peça-chave do encaminhamento para que haja uma solução viável do grave problema da aprendizagem que atingem os alunos das escolas que obedecem as diretrizes do Estado.

Quem exerce a função de professor já deve ter percebido que o Estado está bem mais interessado em falar de educação do que gastar com educação escolar para o povo. O Estado burguês, no entanto, não é incoseqüente quanto à defesa dos seus interesses, ou seja, ele cuida de quem deve cuidar e engana a quem deve enganar. O professor

como peça-chave para a política educacional do Estado tem a função de ser o bode expiatório do fracasso da mesma.

A função do professor é a de pensar o saber dentro dos parâmetros da educação de resistência. Nesse sentido, o educador educa se contrapondo dialeticamente ao modelo de educação voltado para o mercado e não para o homem. O professor para por em prática a educação de resistência tem o amparo da parte oprimida da sociedade empenhada em debelar a dominação. É vã a esperança pela valorização da educação escolar por parte do Estado burguês. É mais cômodo induzir os espiritualmente depauperados a culpar cegamente o professor e transformar a profissão em um flagelo. Como consequência vai exercer a profissão aquele segmento da sociedade que por força das circunstâncias vai adentrar a sala de aula porque não encontrou outro meio de sobrevivência. A repulsa pela profissão já era sentida até mesmo na desenvolvida Alemanha de Adorno

Permita-me começar pela exposição da experiência inicial: justamente entre os universitários mais talentosos que concluíram o exame oficial, constatei uma forte repulsa frente aquilo a que são qualificados pelo exame oficial, e em relação ao que se espera após este exame. Eles sentem seu futuro como professores como uma imposição, a que se curvam apenas por falta de alternativa.⁷⁵

Não é fácil desempenhar a função de professor onde a transgressão longe de ser gesto de rebeldias proporcionadas por uma ânsia de mudar hábitos sociais opressores é um gesto de repetição do que foi visto na novela, no cinema ou na letra de alguma música de algum roqueiro. A repetição consubstanciada em comportamento é o resultado bem sucedido da indústria cultural que comprova a competência de quem dirige a arte de entreter. A cultura industrializada estimula a transgressão de velhos valores que levariam anos para sofrer algum tipo de mudança. A mídia faz isso em pouco tempo ao mostrar um mundo velho com cara de novo.

⁷⁵ ADORNO. *Educação e Emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995,p.97.

A atuação da indústria cultural é mimética, pois seu disfarce se constitui de valores familiares constituintes da educação social. O que é produzido nos *studios* não é uma simples invenção tirada do nada, mas do mundo real. A indústria cultural cria e dá ao sujeito uma realidade manipulada dentro do quadro de interesses do capital.

O abrupto contato do sujeito com o mundo criado pela mídia abala os ensinamentos oriundos da educação social. Aos valores do cotidiano, manipulados adequadamente e de maneira superficial, os agentes da indústria cultural embute os valores que delineiam o modo de ser burguês. O ar de ser superior do burguês tornou-se objeto de desejo da maioria pobre da população. Com o desenvolvimento das forças produtivas a burguesia percebeu rapidamente que esse objeto de desejo poderia se tornar uma mercadoria espiritual agregada à venda dos produtos da grande indústria.

A democratização dos bens culturais, no entanto, vem pela metade, mas de modo algum deve ser percebido pelo consumidor. A intenção, portanto, não é levar conhecimentos, mas sim elevar o consumo de mercadorias por meio de uma semiformação que finge esclarecer com profundidade o espírito de quem vê, ouve, sente e pensa que é dono do seu destino. A atmosfera consumista envolve com seus conceitos novos modos de se comportar em casa, na escola, nas ruas, estádios de futebol e entre os grupos das relações sociais de cada um. A alta tecnologia aplicada aos meios de comunicação povoa de informações todos os recantos da sociedade levando fórmulas acabadas sobre como se deve ser ao adquirir o produto da última moda. O produto deve guardar em si o agir perante outras pessoas para que a logomarca mostre a sua força para quem ainda não pode comprá-lo ou resiste à tentação da propaganda.

O comportamento fabricado pela propaganda que promete a felicidade também é fugaz, pois liga o sujeito à novidade que será superada por outra novidade que virá acompanhada de um novo comportamento. Assim é a incansável capacidade de repetição do novo da indústria do entretenimento. A consciência do sujeito fica submetida à espera do sempre-novo já que suas potencialidades “são subsumidas ao fetiche de objetos produzidos pelos próprios homens”⁷⁶. A educação social fica submetida aos interesses imediatos ligados à venda e consumo de mercadorias. O que a

⁷⁶ ZUIN, Antonio A. Soares. *Indústria Cultural e Educação*. Campinas SP: Editora Autores Associados, 1999, p.43.

indústria cultural oferece é o bem-estar imediato em contraponto ao discurso do professor que revela a necessidade de um esforço intelectual para se alcançar uma vida confortável pela via dos estudos. Por esta senda encontramos o próprio discurso religioso que perde terreno para a oferta de paraíso da indústria cultural. Para Adorno e Horkheimer o que existe de fato é uma substituição de discursos da dominação por dentro do mesmo sistema. Segundo os dois autores

Na opinião dos sociólogos, a perda do apoio que a religião objetiva fornecia, a dissolução dos últimos resíduos pré-capitalistas, a diferenciação técnica e social e a extrema especialização levaram a um caos natural. Ora, essa opinião encontra a cada dia um novo desmentido. Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço.⁷⁷

A dessacralizada felicidade prometida pela indústria cultural reduz o homem aos interesses dos arquitetos do capital. As antigas deidades eram ligadas à imaginação do homem que viam em determinados sinais o cumprimento de um apelo pela via da suplicância, mas caso a súplica não fosse atendida a culpa era do suplicante. No caso, o suplicante renovava seus apelos para aplacar a fúria do deus – no caso dos credos monoteístas – ou simplesmente mudava de deus. Assim era o movimento das sociedades antigas ou pré-capitalistas que “baseava-se na opressão brutal, nos privilégios de uma pequena minoria e na exploração de grande número de trabalhadores”⁷⁸. Na sociedade industrial cabe a indústria cultural a função do logro, ou seja, fingir que a promessa de felicidade será cumprida e ao mesmo tempo manter o estado de carência permanente no sujeito pela renovação da promessa. O ritmo imprimido ao sujeito na sociedade voltada para o consumo não o deixa pensar na sua própria reificação. No entanto não há outro caminho para a sociedade que não seja o de despertar a consciência crítica contra o movimento de coisificação imposto pelo capital.

⁷⁷ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.113.

⁷⁸ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Op., cit.p.119.

A educação de resistência se posiciona contra a reificação reflexionando a educação social na qual todos nós – alheios a nossa vontade – estamos mergulhados culturalmente. É acompanhado do conceito de educação social que o educador reflexiona e desconstrói o conceito de realidade dada pelo princípio da dominação. A educação de resistência é a práxis do princípio adorniano de eclodir o conceito com o conceito.

O sujeito que reflete a sociedade não pode ser um solitário, pois precisa da participação da parte oprimida da sociedade pela busca do sentido de uma educação escolar de resistência que afaste o perigo da catástrofe contra o homem e a natureza. Ir de encontro ao que progride na sociedade e não ser cegamente contra o progresso de um modo geral é possível à medida que as pessoas reflexionem a educação social como o lugar em que o sujeito se encontre consigo mesmo.

Culpar o professor pelo mau desempenho do aluno é pertinente quando há participação consciente da parte oprimida da sociedade envolvida na educação escolar promovida pelo Estado. A educação de resistência precisa da parte oprimida da sociedade como representante da educação social no processo educativo. A ausência no processo educativo da parte da sociedade diretamente interessada está alimentando um estado de violência nas escolas e transformando o magistério numa profissão de alto risco. O jovem se sente à vontade para agredir o professor como se houvesse ali alguém dado pela sociedade para apanhar.

A culpabilidade incoseqüente contra o professor por parte da sociedade que não combate a influência da indústria cultural à fragmentação da educação social deixa margem à reprodução da violência do sistema que deseja uma educação acrítica voltada para o mercado e de baixo custo. Numa sociedade, cuja esmagadora maioria vive no meio urbano, o conhecimento sobre o que envolve cada sujeito no plano das instituições e do poder tecnológico não pode mais se resumir aquilo que Montesquieu disse sobre o homem como a “criatura que obedece a outra criatura que manda”⁷⁹. A culpabilização contra o professor é um gesto de obediência a favor do governo que diz que tudo faz, e que, por isso, não tem culpa de nada.

⁷⁹ MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis* – Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p.66.

Os professores ao se manifestarem a favor de uma escola de resistência estão assumindo uma postura de agente da reflexão da educação social e com isso pode “fornecer ambiente no qual as atividades educativas se possam desenvolver”⁸⁰. Para isso é necessário uma aproximação consciente com os elementos históricos e sociológicos que dão impulsão à dinâmica da educação social. Isso exige uma participação fundamental das universidades na formação dos docentes.

1.3. A educação e prática docente no mundo do consumo

Na sociedade industrial a educação social está envolvida pela necessidade de consumir produtos que vão além da sua utilidade. A mercadoria consumida contém a posição social do indivíduo mesmo que “qualquer garantia de segurança que você adquira terá de ser renovada quando ‘os próximos meses’ se passarem”⁸¹. Estimular o desejo de consumir é algo imprescindível para a sustentação do sistema de produção. A utilidade do produto é um problema que não mais pertence ao consumidor, mas ao fabricante. O que se vende não tem como fim o uso em si, mas o que se pode ser ao adquirir a última novidade.

A sociedade pautada no consumo não é feita somente de ruas e de edifícios bem planejados, mas de uma atmosfera em que o jovem pobre respira com dificuldade quando percebe que seus pais não têm como lhes fornecer as promessas de felicidade da indústria cultural. A educação social que em princípio ia da casa para a rua faz o caminho inverso. Essa situação tem como efeito a fragmentação social e está a repercutir nas salas de aula em múltiplas formas de violência.

A instabilidade, pela política de desigualdade, que acompanha a sociedade administrada pelo capital por conta do fosso social entre as classes requer uma discussão bem mais profunda do que aquela que prega que a educação escolar promovida pelo Estado é a panacéia para todos os males. Essa discussão é um dos pontos de partida para se refletir a educação escolar de resistência. Esta deve partir de uma crítica dialética ao modelo de educação promovido pelo capital. A sociedade

⁸⁰ DEWEY, John. *Papel do Interesse na Teoria da Educação* – Os pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1985, p.1919.

⁸¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: 2007, p.109.

oprimida pode transformar a questão da escola de resistência em um interesse seu, pois “um propósito com força suficiente para mover uma pessoa a lutar pela sua realização, torna-se um interesse”⁸².

Uma sociedade injusta que tem professores não pode dobrar-se ao silêncio quando se deve discutir um modelo de educação que atenda as necessidades da humanidade. Por isso o professor deve ser um agente da inquietação e utilizar a educação social como instrumento de reflexão para a sua prática. Quanto a isso não se pode esquecer a contribuição de Paulo Freire que no livro *Pedagogia da Autonomia* diz

Para isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.⁸³

A concepção de teoria e prática em Freire lembra a idéia de Adorno quanto à função da teoria como práxis. Adorno prega que o conceito ou aquilo que é dado deva passar por uma dupla reflexão ou por aquilo que ele chama: a *intentio obliqua da intentio obliqua*. No movimento reflexivo, segundo o pensador da Escola de Frankfurt, o sujeito reflete, no primeiro momento, de modo afastado do objeto para depois se aproximar e refletir novamente o objeto reflexionado. Para Adorno, o produto desse movimento reflexivo é a verdadeira práxis, pois para ele “pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis”⁸⁴. A concepção de teoria como práxis em Adorno se diferencia de Freire no plano dos objetivos. Adorno tem como preocupação criticar o conceito de práxis levado a cabo pela esquerda que parou de pensar e passou a se comportar politicamente nos parâmetros do simples ativismo. Já Freire tem como preocupação a formação do professor para transformá-lo em educador reflexivo, ou seja, em alguém que elabore teorias a partir de sua prática pedagógica. Tal procedimento seria de fundamental importância para o exercício da prática docente. A reflexão como prática deve ser um exercício constante do professor para ampliar a visão de mundo de uma

⁸² DEWEY, John. *Papel do Interesse na Teoria da Educação* – Os pensadores. Op.,cit.p.189.

⁸³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p.39.

⁸⁴ ADORNO. *Palavras e Sinais*.Op.cit.p.204.

juventude prisioneira do consumo. O professor ao estimular a capacidade crítica do seu educando transforma-se, seguramente, em um agente da escola de resistência e “na verdade, essa é a graça de ser professor, educador, formador”⁸⁵.

Quanto à prática docente, deve-se acentuar, também, que ensinar não é um trabalho qualquer, principalmente quando os envolvidos são crianças e adolescentes. A realidade dada pela indústria do consumo impõe a linguagem do descarte. Tudo na indústria cultural está ligado a um modelo de vida feliz e imediato anunciado pela propaganda do novo produto. Aquilo que não representa a imediata realização do desejo é velho e posto de lado. O novo assim como o velho “se reduzem mediante sua subordinação ao fim de uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural”⁸⁶. A educação escolar tradicional vive o drama de ser uma escola subordinada a uma realidade dada pelo capital e o professor vive o drama de não conseguir fazer com que o aluno não tenha “outra chance a não ser prestar atenção, copiar e devolver na prova”⁸⁷.

A desconstrução dialética da escola promovida pelo Estado burguês exige um professor verdadeiramente capacitado para ser “orientador e avaliador do aluno”⁸⁸. O educador é o primeiro a refletir e a desconstruir o modelo obsoleto de escola promovido pelo Estado e apontar para a possibilidade de reconstruí-la como escola de resistência. A elaboração de um pensamento acerca de uma escola que atenda as necessidades de todos e não aos interesses econômicos de uma classe só pode se objetivar com o envolvimento dos injustiçados. A origem da escola de resistência parte da figura do educador que se sente parte do objeto, ou realidade, cuja maior parte é composta de injustiçados.

É refletindo sob o conceito de escola imposto pela classe dominante que se pode transformá-la em escola de resistência. O ponto de partida do educador resistente é a educação social que nos envolve no plano histórico. O educador resistente envolve criticamente a consciência do educando no processo de fragmentação por conta da influência da indústria cultural que tenta delinear o nosso modo de ser a partir da intenção de vender mercadorias. O objetivo da crítica ao consumo é despertar na

⁸⁵ DEMO, Pedro. *Politicidade – razão humana*. São Paulo: Papyrus, 2002, p.31.

⁸⁶ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.127.

⁸⁷ DEMO, Pedro. *Politicidade – razão humana*. Op.cit.p.31.

⁸⁸ *Ibidem*.

consciência do sujeito a intencionalidade do sistema em se apossar do indivíduo para que a vida dele gire em torno do consumo.

A desconstrução do modelo de escola administrado pelo Estado e a sua reconstrução como escola de resistência passa pela premissa adorniana de que a identidade e a contradição são faces da mesma moeda. A escola de resistência é a postura da educação que resiste ao processo de adaptação ao princípio da dominação. Para que isso ocorra é importante que a escola de resistência se sinta parte da educação social, ou melhor, do mundo que está fora dos muros da escola. Como lembra Adorno

A infantilidade do professor apresenta-se pela sua atitude de substituir a realidade pelo mundo ilusório intramuros, pelo microcosmo da escola, que é isolado em maior ou menor medida da sociedade dos adultos – reuniões de pais e similares são modos desesperados de romper este isolamento.⁸⁹

O isolamento da escola do mundo que a cerca fortalece a identidade do poder dominante dentro e fora dela. Isso porque, sem uma intercomunicação, a linguagem de fora continua sob o domínio solto da indústria cultural e a linguagem da escola que tenta pregar um modelo de vida ideal por meio do aprendizado das disciplinas cai no desinteresse dos alunos, o que estimula um comportamento autoritário por parte da escola.

Reflexionar dialeticamente a linguagem fabricada pelo poder burguês via indústria cultural, se faz desconstruindo criticamente a cultura de massa que visa uniformizar as pessoas em torno da idéia de que o consumo é o modo mais rápido de se obter a felicidade. A burguesia não forjou os elementos da linguagem sintética propagada pela indústria cultural. Ela se apropriou e transformou racionalmente em mercadoria categorias como: amor, liberdade, política e outros muitos valores. A indústria cultural manipula os valores que nos constituem como indivíduos sociais.

A astúcia da indústria do entretenimento é fazer uso das categorias constituidoras do nosso universo ontológico, melhor dizendo, dos elementos que determinam e

⁸⁹ ADORNO. *Educação e Emancipação*. Op.cit.p.109.

constituem o nosso modo de ser. Sob esse aspecto a nossa cosmovisão de mundo sofre desvio de sentido quando os valores sociais pasteurizados pela indústria cultural se transformam em matérias-primas de bens espirituais na televisão, cinema, rádio, revistas, livros etc.

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente ainda não está “plenamente satisfeito” – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados.⁹⁰

A reflexão de Bauman nos leva a pensar no ambiente de uma escola composto por adolescentes ansiosos por prazer e auto-afirmação. A promessa de satisfação imediata pelo consumo de mercadoria dirigida de modo específico a esse público e o adiamento dessa satisfação para a próxima novidade não pode deixar de gerar um comportamento agressivo. A perda dos referenciais que antes estavam no poder de formação da família, ou de modo mais abrangente na educação social tem seu substituto na linguagem do consumo.

A educação social é fruto da experiência que travamos no meio ambiente social e natural. “No Brasil, talvez exatamente por causa da fraqueza dos laços sociais e em virtude já de uma herança histórica, o Estado tende a assumir o papel de representante (não apenas formal, mas concreto) de toda sociedade”⁹¹. A fraqueza dos laços sociais na sociedade brasileira é o resultado da extrema pobreza imposta a grande parte da população durante séculos. A nossa educação social foi comprometida e ainda continua sendo pela ausência do Estado em proteger a população depauperada com um mínimo de direito. O Estado brasileiro representa muito bem o papel de protetor das elites, haja vista que os presídios estão superlotados de pobres. As pessoas pobres deste país que

⁹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para Consumo*. Op.cit.p.63.

⁹¹ SAVIANI, Dermeval. *Educação do Senso Comum à Consciência Filosófica*. 18ª Ed.. Campinas SP: Autores Associados, 2009, p.169.

não estão presas quando “crianças eram desde muito cedo obrigadas a uma extenuante jornada de trabalho”⁹².

É com essa clientela que o professor exercita a sua práxis e é essa práxis que deve ser reflexionada segundo a análise de Paulo Freire. O instrumento de reflexão do professor é o ambiente social no qual ele e os alunos estão mergulhados e onde se esconde o não-idêntico adorniano: a contradição. É reflexionando o ambiente social que se pode provocar o desvelamento da força do injustiçado e estimular um ponto de partida para um sentimento de autonomia. O ambiente social é a linguagem histórica e a “linguagem é ao mesmo tempo uma coisa viva e um museu de fósseis da vida e da civilização”⁹³. A linguagem histórica em que a educação social está contida é o sedimento das vivências de gerações que nos antecederam. O que chamamos de civilização é o acúmulo de realizações ligadas à produção de instrumentos técnicos que é a própria essência do esclarecimento. Para Adorno e Horkheimer, o esclarecimento foi o caminho que o homem encontrou para a libertação do jugo da natureza por meio do desenvolvimento da técnica.

A técnica, para os dois autores, é o pensamento objetivado que desencantou o mito. Este como produto da imaginação humana explicava para a consciência primitiva todo o movimento do sistema natural do qual dependia. O intelecto humano desencanta o mito e se lança no desvelamento dos seus segredos. O refinamento dessa longa caminhada que permeia todo o nosso processo civilizatório é a ciência moderna.

Sob a ciência moderna a humanidade resolveu prevê o futuro da sociedade. É comum que programas de variedades veiculados pela televisão ou páginas de internet façam previsões de como será o mundo social dentro de cinquenta, cem ou mil anos. A previsão dentro dos marcos do desenvolvimento da alta tecnologia em vários campos de pesquisa das ciências naturais é factível embora haja muita mistificação. Prevê um mundo sem injustiças sociais, livre do analfabetismo e da fome pode ser o maior dos logros praticados pelo capital para arrefecer as lutas sociais por melhorias de vida. Como diz Gramsci

⁹² DURATE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2007, p.79.

⁹³ GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. Op.Cit. p.127.

Na realidade, pode-se prever “cientificamente” apenas a luta, mas não os momentos concretos dela, que não podem ser senão resultado de forças contrastantes em continuo movimento, nunca redutíveis a quantidades fixas, porque nelas a quantidade se transforma continuamente em qualidade.⁹⁴

A crítica de Gramsci está voltada para as ciências sociais em seu afã positivista de querer prever os fatos sociais como se esses ocorressem dentro de uma equação. A burguesia aprendeu que jogar previsões de uma vida boa para o futuro pode dar alento aos espíritos acomodados. A indústria cultural segue essa trilha no varejo e no atacado, ou seja, vendendo pequenas e múltiplas mercadorias e ao mesmo tempo vendendo a grande possibilidade de uma vida futura tranqüila sem doenças e longa, pois todos nós seríamos o produto de genes selecionados. Na sociedade industrial a mercadoria do futuro é a que promete a felicidade, já que a do presente que um dia foi a do futuro perdeu a sua validade. Manter a roda viva do consumo só é possível num processo de adaptação promovido por uma máquina de propaganda que inibe o sujeito de refletir sobre o seu papel de mercadoria arquitetado pela indústria cultural. Como lembra Zygmunt Bauman

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.⁹⁵

Os mecanismos usados pela sociedade industrial para assumir o controle dos indivíduos se situam dentro da tradição cultural na qual nos formamos. A indústria do entretenimento manipula as nossas crenças e nos transforma em mercadorias para vender mercadorias como se nelas contivessem todas as nossas necessidades.

⁹⁴ Ibidem., p.118.

⁹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007,p.41.

É importante que a prática docente comprometida em reflexionar a educação social insista na verdade de que é necessário fabricar mercadorias, mas que sermos tratados como mercadoria é uma das faces da escravidão. Não podemos tolerar o poder do capital que nos coisifica. Como dizem Marx e Engels

O capital é um produto coletivo e só pode ser colocado em movimento pela atividade comum de muitos membros da sociedade e mesmo, em última instância, pela atividade comum de todos os membros da sociedade. O capital, portanto, não é potência (*Macht*) pessoal; é uma potência coletiva.⁹⁶

O capital, portanto, não é simplesmente uma obra demoníaca do capitalista, mas um construto da história humana. Travar uma luta contra o capital passa por uma mobilização permanente do sujeito da classe oprimida e por uma análise crítica do papel da ciência como fonte de fortalecimento do sistema de produção. Criticar a ciência não é condená-la de modo irrefletido, pois o desenvolvimento científico é uma conquista da humanidade que está ligada diretamente à capacidade que temos de resolver os problemas ligados a nossa existência. A discussão sobre a ciência passa pelo sentido que o conceito de ciência tem hoje em sua relação com o capital.

A configuração do mundo moderno exige do professor resistente muito conteúdo, mas também muita reflexão sobre o conteúdo. Para Freire: “Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado”⁹⁷. O conhecimento acumulado por leituras e pesquisas requer uma postura crítica do educador e distância do orgulho intelectual. A função do conteúdo é a de estimular no educando uma consciência relacional entre o todo e a parte, ou seja, entre o cotidiano em que está imiscuído e os outros pontos distantes do mundo. A educação de resistência pende para a formação de uma consciência universal.

As reais mudanças em prol da humanidade não ocorrem pela força do poder econômico e político do capital, mas pela luta contra o mesmo. A educação escolar de

⁹⁶ ENGELS, Friedrich & MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Marco Aurélio Nogueira e Leando Konder. Petrópolis RJ: Vozes, 1996, p.81.

⁹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p.33.

resistência para os injustiçados jamais virá dos responsáveis pela exclusão, mas sim de quem sofre a exclusão e que, portanto, mais do que ninguém deve saber o que é melhor para si, pois conhece os efeitos da injustiça. A racionalidade que mantém a desigualdade social conta com um forte espírito de autopreservação. Não há dúvidas de que a transformação da sociedade para um quadro menos vergonhoso não acontecerá em prazo fixo.

A resistência contra um sistema de produção tão poderoso exige razão e paixão. A resistência contra a indústria cultural, por exemplo, não passa pela desistência de consumir, mas pela consciência plena do jogo que impele o sujeito a consumir. Enquanto o sujeito consumir sem ter a devida consciência do jogo do capital, ele está abraçando o princípio da identidade do capital, ou seja, está se reduzindo a realidade dada pelo sistema de produção.

A educação escolar de resistência deve ser um instrumento de reflexão contra a identidade opressora do capital. Sendo assim ela deve funcionar como o diferente, a contradição. A função da escola de resistência é a de despertar na educação social o seu valor para que o sujeito se aproprie de si mesmo. Embora a desigualdade seja a chave da dominação capitalista, não é uma criação solitária do espírito perverso do capital, mas um processo de colaboração entre dominadores e dominados ao longo do processo histórico-civilizatório.

Para Adorno, não se pode dizer que existem duas histórias, mas somente uma que foi constituída no tempo desde os primórdios até nossos dias. Querer criar outra história deságua em barbáries bem conhecidas em nome da igualdade. Portanto, querer criar outra escola é tão autoritário quanto defender a que existe. A escola de resistência como contradição é a que pode ajudar a desmascarar a identidade da escola promovida pelo Estado. A educação escolar de resistência é a eclosão da identidade da escola promovida pelo Estado, ou seja, ela surge por dentro do modelo de educação imposto pelo capital.

Reflexionar o sentido de identidade imposta pelo capital que quer uma escola acoplada aos seus interesses econômicos, em que o fim é produzir mão de obra barata e descartável é desvelar na consciência do dominado a contradição. A contradição, portanto, está contida na identidade.

O papel da indústria cultural é inibir a contradição, ou seja, é não deixar que ela flua como práxis pensada contra o sistema. É por isso que os movimentos sociais quando adquirem pujança e ameaçam o bolso e o poder político do capital passa a ser tratados pelos meios de comunicação como figuras ameaçadoras da ordem ou da identidade do capital.

O pensamento que aparece como contradição é o que faz uma reflexão da identidade, ou seja, dos valores impostos pelo sistema de produção capitalista. Os valores que fundamentam a sociedade não foram forjados pelo capital, mas pela história do homem no tempo. A luta da educação escolar resistência é por uma educação social que vislumbre a importância da autonomia. A autoconsciência, no caso, não pode ser dada, mas sim conquistada. Como diz Pedro Demo: “ninguém se emancipa sem ajuda, mas o resultado maior é viver sem ajuda”⁹⁸.

A complexidade do mundo atual exige uma participação dos indivíduos não mais somente como mão-de-obra, mas como pensadores do seu próprio destino para que, como entende Adorno, possamos elaborar um passado que não seja pontilhado por catástrofes. Educar o sujeito para ser dono de si mesmo só será possível se houver uma plena compreensão dos mecanismos de dominação impostos à sociedade. A educação social que se dá no plano da cultura em que está imerso cada indivíduo, assim como a educação escolar promovida pelo Estado, na sociedade industrial, é objeto de controle político por parte dos donos do poder.

À medida que o processo civilizatório tornou-se mais complexo a educação social também acompanhou o mesmo ritmo porque “a história se caracteriza pelo fato de que as leis constitutivas das sociedades humanas se modificam, elas próprias, com as mutações dessas sociedades”⁹⁹. A divisão de trabalho na era industrial especializou os indivíduos a desempenhar ofícios que não tinham mais tanta relação com o campo, mas com o funcionamento administrativo que controlava as duas esferas: cidade e campo.

⁹⁸ DEMO, Pedro. *Politicidade – razão humana*. Op.cit.p.31.

⁹⁹ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Op., cit.p.119.

A administração das grandes cidades da antiguidade já contava com pessoas instruídas para controlar e vigiar as riquezas e as pessoas. A ilustração na Grécia antiga esteve restrita à classe social que detinha o poder ou servia de base de sustentação de quem dominava. A separação entre dominados e dominadores sempre foi regulada pela condição material dos indivíduos. Pode mais quem tem mais. Mesmo aqueles que têm poder e pessoalmente não dispõem de grande riqueza material está submetido a alguém que possui riqueza acumulada. O que se percebe é que no jogo da dominação social, desde os primórdios das primeiras grandes civilizações, o poder sempre esteve entrosado ao esclarecimento.

A pretensão do capital em dominar, pela uniformização, à sociedade em seu conjunto se desenvolve pela imposição dos conhecimentos ligados à produção e venda de mercadorias. Por isso, a expressão educação formal, no meu entendimento, tem uma estreita ligação com uma escola que tem os olhos bem abertos para os interesses do capital e os olhos cerrados para os interesses dos injustiçados. O objetivo da educação escolar de resistência é o de estimular o sujeito a reconhecer aquilo que Adorno chama de plurivocidade do mundo social, ou seja, a multiplicidade de vozes que se manifestam na composição da linguagem social constituída ao longo da história. A educação de resistência é a que forma o sujeito para pensar o objeto, como realidade, e se enxergar como parte do objeto pela sua qualidade de ser histórico. Para Morin

Ser sujeito não quer dizer ser consciente: não quer dizer ter afetividade, sentimentos, ainda que evidentemente a subjetividade humana se desenvolva com afetividade, com sentimento. Ser sujeito é colocar-se no centro do seu mundo, é ocupar o lugar do seu “eu”¹⁰⁰.

A ocupação do próprio “eu” pelo sujeito significa o desalojamento da identidade do sistema de dominação. Esse é efetivamente o *telos* da educação escolar de resistência. O sujeito ao colocar-se no centro do seu mundo não é para se reconhecer como dono ou maior do que a realidade, mas para reconhecer que “a sociedade não se transformou em sociedade econômica a tal ponto que se possam encarar as outras relações como secundárias”¹⁰¹. A sociedade humana guarda em si uma multiplicidade engendrada pelo processo histórico de tal dimensão que o sujeito não pode abarcar, mas

¹⁰⁰ MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Op. cit. p.65.

¹⁰¹ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 5ª. Tradução: Guy Reynaud. São Paulo: Paz e Terra,2000,p.28.

pode conviver à medida que se sinta parte do objeto e aceite o diferente como parte do todo social.

A indústria cultural tem como função evitar o reconhecimento político das diferenças que permeiam o mundo social. Para Adorno, esse controle sobre o sujeito ocorre por meio do princípio da identidade que é a manipulação, pela classe dominante, dos valores sociais que fundamentam a vida do sujeito. O sujeito ao nascer em uma determinada sociedade pode, entre seus familiares ou grupos de amigos, seguir as crenças e valores comuns a de seus pais, mas quando precisa dos meios de sobrevivência que só encontra junto à propriedade privada se obriga a adotar e defender os valores da propaganda burguesa como se fossem seus. Para Adorno e Horkheimer

A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modo de ser dos homens tais como eles se tornaram sob a injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento. Ela conta com o fato de que se pode contar com eles.¹⁰²

À medida que se afasta dos valores das suas origens o sujeito aprende a não segui-los, mas não a esquecê-los. A função da educação de resistência é provocar o seu desvelamento até se manifestarem como contradição. Adotar a identidade do dominador e até defendê-la por convicção ou como guia de sobrevivência é o modo que o sistema encontra de fixar o sujeito dentro do seu conjunto de interesses.

A violência contra a subjetividade ocorre pela imposição dos valores da classe dominante que atua no plano da coletividade via meios de comunicação. Com o tempo, o sujeito vê os valores do dominador como premissas da verdadeira educação social. Logo renega as velhas lições de vida extraída de lendas míticas¹⁰³ que fundamentavam

¹⁰² ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.238.

¹⁰³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Brasília: Livraria José Olympio Editora/MEC, 1976, p.10. Esse grande historiador e folclorista expressa sua preocupação com a perda dos valores culturais que fundamentavam o processo de formação do caráter do povo do sertão. Nessa passagem de sua obra ele nos conta que: “A população do interior, quase imóvel durante longo tempo, manteve a maioria dos mitos talqualmente os recebera. Como a influência negra não é preponderante (aqui é a parte do livro em que Cascudo se refere ao Ceará), mas apenas sensível e também mais aproximada do oceano, encontramos os mitos de origem européia e os indígena, diversificado pela mestiçagem, quase em estado de pureza. Não será possível dizer-se que esse material permaneça como há vinte anos. O sertão respira pelas mil bocas das estradas e paga o conforto da eletricidade com o esquecimento das estórias antigas e saborosas.”

um estilo de vida bem típico de um Brasil sertanejo que está se pulverizando pela força da indústria cultural.

Vejamos como é possível uma rápida mudança de comportamento engendrada pelos meios de comunicação em uma comunidade que vive, ainda, sob os auspícios de uma educação social arcaica cujas lendas servem de fundamento para as novas gerações. Para demonstrar como isso é possível criei uma estória que tem como base a minha experiência de vida de nordestino, mas que, apesar de ser uma ficção conta com alguns fragmentos que fazem parte da minha memória e que me ajudam muito quando reflito sobre mim mesmo e sobre a cultura em que estou inserido.

A minha intenção em fazer essa intercalação por meio dessa pequena estória sobre os efeitos da indústria cultural, no presente trabalho, é o de criar uma imagem na mente de quem, porventura, se interessar em ler este trabalho. Começo imaginando que em algum lugar do nordeste e em algum tempo recente a chuva cai, e os velhos nordestinos acorados sob o alpendre de palha esperam um breve estio para retornarem aos roçados e limparem o plantio das ervas daninhas que também aproveitam a ocasião para dar continuidade à espécie. Enquanto as bátegas de chuva ressoam entre relâmpagos e trovoadas, os velhos rostos alegres e vincados pelo sofrimento por quase não terem o que estão presenciando se envolvem em contar lendas para os pequeninos que não estão dispostos a se banharem no tempo chuvoso.

As origens das lendas estão perdidas no tempo. Se alguém perguntar quem contou tal estória o velho se esquivava em dizer que já não se lembra ou diz que foi o avô ou avó, pai e por ai vai. Algumas falam de Camões daí se deduzir que sua origem é portuguesa, o que dá para se pensar o quanto o poeta ibérico foi popular entre as pessoas simples de Portugal. Outras fazem uma união inusitada entre Sócrates e Camões em uma travessura qualquer, o que não se dá para deduzir se é o Sócrates filósofo ou algum outro poeta que, também nada escreveu, mas que foi esquecido restando apenas o nome em confusão.

A chuva abranda, e os velhos agarram suas enxadas, facões e foices seguindo a vereda espalhando no ar o aroma do cigarro de palha feito meticulosamente enquanto enchiam as cabeças das crianças de imagens forjadas pelas narrativas. Ao chegarem ao roçado, perscrutam o tempo e vaticinam sobre a quadra invernososa. Há sempre temor que

a chuva ultrapasse as medidas necessárias a uma boa colheita. Depois se põem em silêncio a cavoucar a terra com a enxada retirando o capim que nasce por entre os pés de feijão e milho até que o sol decline no horizonte. Depois da labuta a enxada é posta sobre o ombro, o facão na cintura e a foice em uma das mãos, um cigarro que está guardado sob a copa do chapéu é retirado com cuidado, depois de ser amaciado pelos dedos calosos é posto na boca, após ser aceso é acompanhado por um longo trago. O retorno pela mesma vereda que leva à estrada dispersa o grupo que se despede de modo grave com um breve aceno de mão.

À noite, as casas sob o céu de nuvens pesadas têm em seu interior a alegria do bom tempo. Mas os pequenos estão com as imagens das lendas contadas pelos velhos sob o alpendre ainda vivas e suplicam deitados em suas redes para que eles contem mais. Os apelos jamais deixam de ser atendidos mesmo que o corpo cansado peça um descanso imediato. Os olhos atentos se voltam para aqueles que estão sentados em uma cadeira de balanço ou deitado em uma rede de tucum.

A estória pode ser sobre príncipes e princesas ou sobre a tragédia que se sucedeu a um desventurado que adentrou a floresta em busca de uma rês e não encontrando o animal nas cercanias de sua propriedade enveredou por região pouco conhecida. Não atento ao fato de que não se deve permanecer em lugar isolado sem que o sol ainda esteja alto, o pobre incauto ao chegar a uma clareira tomou um susto ao perceber que o sol já estava prestes a desaparecer por trás dos serrotes. Tentou retornar o mais rápido que pôde, mas o interior da mata ficou escuro como breu. Vendo que estava perdido resolveu procurar um lugar para pernoitar. Fatigado pela procura adormece rapidamente. É acordado por gritos pavorosos acompanhados de um som de pisadas fortes que estremeciam a terra, sem falar no barulho dos galhos que se quebravam e ecoavam por toda parte. O pobre coitado saiu correndo em direção sem sentido algum até que foi arrastado e devorado pelo “pai-da-mata”; uma criatura de um olho só. No dia seguinte, todos os homens do lugar saíram a sua procura, mas ninguém teve mais notícia dele.

Os velhos se levantam e se espreguiçam enquanto bocejam, deitam-se na rede de algodão tendo na boca um leve sorriso ao perceber a expressão de pavor estampada nos

pequenos rostos que certamente terão sonos atribulados como tiveram os velhos que lhes contaram.

Um dia, chega ao ermo lugar a companhia de eletricidade. Os postes de iluminação aposentam as velhas lamparinas. A iluminação artificial elimina a noite. Logo chega a televisão e os pequenos juntamente com outros jovens se encantam com as histórias das novelas e dos filmes. A televisão mostra um mundo diferente e se torna referência na formação daqueles que tinham os velhos como base. Não tarda e um processo de uniformização comportamental demonstra a força do veículo de comunicação. A linguagem das lendas não dita mais uma continuidade, mas a expressão de pessoas obsoletas.

O modelo de vida na sociedade industrial está voltado constantemente para a renegação das raízes culturais que são imediatamente rotuladas de velhas e obsoletas. Mas são essas mesmas raízes que são manipuladas e transformadas em produtos para servirem como cultura de massa. O envelhecimento das coisas em prol do imediatamente novo não poupa sequer o produto recém saído da fábrica que logo é substituído pelo anúncio de outra promessa. Nesse redemoinho estão as pessoas que ao ficarem velhas têm seus valores desprezados pelos mais jovens por não se adequarem aos valores da indústria do entretenimento.

A indústria cultural, apesar da fragilidade oferecida em termos de conteúdo, dispõe de um grande aparato técnico cuja preocupação com o todo é a tônica. Cada detalhe é cuidado de modo calculado para que a sua versão do real saia com perfeição. A busca da perfeição é a aliada da simplificação maximizada em termos de conteúdo. O telespectador no momento em que assiste ao filme sabe de antemão do seu final, mas, como lembram Adorno e Horkheimer, nem por isso deixa de executar todas as suas funções cognoscitivas necessárias para a compreensão da história.

O empenho da indústria do entretenimento é uniformizar os indivíduos junto aos padrões de fabricação de mercadorias da grande indústria. O apelo ao consumo, que também forja comportamentos, faz com que a indústria do consumo eduque os indivíduos a temer o que é tido como obsoleto e a ficar aguardando a próxima novidade.

A tarefa requer um controle da subjetividade do sujeito que passa pelo forjamento de moda que leva milhões de pessoas a consumir produtos industriais.

A ação da propaganda, além de vender os produtos da grande indústria, a quem serve, provoca serias modificações na visão de mundo dos indivíduos. Os conceitos dados que forjam comportamentos sofrem modificações ao sabor dos interesses do capital. O comportamento da indústria cultural denota o funcionamento dinâmico do sistema capitalista de produção. Para cada crise que abala o sistema a indústria cultural atua de modo decisivo no intuito de inibir uma ação reflexiva que desemboque em um ato de resistência contra o modo de produção.

A máscara da indústria cultural vai persistir enquanto as pessoas não adquirirem o hábito de refletir a respeito dos conceitos que estão entorno de si mesmas. É preciso um esforço para fugir do logro, que é a manipulação dos conceitos que estão presentes em nosso cotidiano. Aceitar a manipulação é se render à dominação. O esforço para não aceitar a manipulação não passa pelo gesto insustentável de deixar de consumir, mas pelo gesto sustentável de saber o que e porque está consumindo. E não aceitar a apropriação de suas necessidades pelo capital. Acordar a consciência para agir contra os efeitos deletérios do consumismo que dita à maneira como o sujeito ver e deve ser visto pelo outro, passa pelo cuidado que a parte da sociedade oprimida deve ter de si mesma.

Só em uma sociedade cujo sujeito cuida de si descobre que a educação escolar tem outros fins que vão além daqueles exigidos pelo Estado. O sujeito que cuida de si impulsiona o movimento social que não aceita o dado como realidade. Sob esse aspecto a educação escolar de resistência é a que desperta a consciência para a multiplicidade que compõe o corpo social. Esse despertar é a desconstrução dialética do conceito de educação promovida pelo Estado burguês. Em sua concepção de educação Adorno diz

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que descartada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria

inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política.¹⁰⁴

A escola de resistência é um projeto político da parte oprimida da sociedade que deve lutar incessantemente pela busca de uma consciência verdadeira. O cultivo de uma consciência verdadeira, como propõe Adorno, será possível se o sujeito que compõe a parte injustiçada da sociedade se manifestar como contradição no combate à dominação que assume diferentes faces ao longo da história. No capitalismo tardio, a cultura em geral tornou-se bem de consumo à medida que se adequa aos interesses do capital. À medida que a cultura se encaixa aos interesses do capital como mera mercadoria dirigida ao consumo, o sujeito também se torna mercadoria.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO COMO NEGAÇÃO DIALÉTICA

¹⁰⁴ ADORNO. *Educação e Emancipação*. Op. cit., p.141.

No primeiro capítulo abordei, seguindo o entendimento de Adorno e Horkheimer, a função do esclarecimento como saída para a humanidade no momento em que os indivíduos vivendo sob os auspícios do mundo natural criaram a figura do mito como representação dos fenômenos naturais dos quais dependiam. O mito que, para os dois autores, já era esclarecimento é desencantado quando o homem aprende a transformar a natureza em instrumentos técnicos. A imaginação cede, ao longo do curso da história, seu lugar ao saber.

Além da relação ainda presente entre o homem e o mito por meio da razão instrumental foi discutido, no capítulo anterior; a influência da indústria cultural na educação social dos indivíduos, e o seu papel de veículo de propaganda ideológica e comercial da grande indústria. A preocupação central do primeiro capítulo foi discutir o entrosamento entre o esclarecimento, como a manifestação da racionalidade humana para livrá-la do domínio da natureza, e o desvio da mesma racionalidade que se tornou instrumento de dominação contra a natureza e o próprio homem.

O presente capítulo tratará da possibilidade de se reflexionar a educação social no plano da dialética negativa para que o sujeito se veja como contradição e não como colaborador da identidade em que se assenta o domínio do capital. Para isso faz-se necessário um mergulho dialético no conceito de educação que na sociedade capitalista ou está subjugada à indústria cultural ou, nas escolas, a uma ilusão de que o Estado burguês vai disponibilizar recursos para emancipar a consciência da parte oprimida da sociedade.

A negação dialética é a reflexão sobre o conceito imposto como identidade pelo sistema de produção para que o sujeito vivencie uma realidade dada que tem uma estreita ligação com os interesses do mercado. O papel da dialética negativa é desconstruir o conceito dado à consciência do sujeito para que este reflexione o mesmo conceito e descubra a multiplicidade de conceitos que estão contidos no conceito dado. Dialectizar é refletir sob a identidade dada para desvelar a sua contradição, a sua diferença.

A educação escolar de resistência não tem como idéia a construção de uma escola nova, mas sim a desconstrução do conceito de escola que subsiste como manifestação

dos interesses do Estado burguês. Negar a educação escolar promovida pelo Estado no plano da dialética negativa é desconstruí-la de modo crítico e reconstruí-la no plano da realidade social em que está inserida a história dos indivíduos. Como diz Adorno: “Aquilo graças ao que a dialética negativa penetra seus objetos enrijecidos é a possibilidade da qual sua realidade os espoliou...”¹⁰⁵.

A educação escolar de resistência é a contradição. A contradição é para Adorno; o índice de falsidade do princípio da identidade. O conceito de verdade é lançado como uma rede sobre toda sociedade. A verdade imposta é o princípio da identidade do capital administrando o mundo social para forjar a política que justifica a repressão e o modelo de educação espelhado em interesses econômicos.

A identidade imposta pela dominação atua sempre no sentido de interferir na educação social em prol dos seus interesses. Portanto, quem crer que a educação escolar pode influenciar no processo emancipatório do homem, mas não faz uma reflexão pautada na grande educação social que nos envolve como entes de uma cultura que já encontramos ao nascermos serve aos valores impostos pela classe dominante.

A educação escolar de resistência nega dialeticamente a escola que serve aos interesses do sistema capitalista de produção porque esta está intrinsecamente ligada ao trabalho alienado. A educação escolar de resistência está voltada à educação social do homem. O conceito a ser negado dialeticamente é o de educação escolar promovida pelo Estado que está restrita à produção de objetos para troca, mas que também produz indivíduos para uso e descarte. A meta do sistema de produção é produzir o máximo, enquanto o conceito que as pessoas têm de vida oriunda de suas relações sociais reduz-se ao mínimo.

A relação entre o sujeito e o capital é inversamente proporcional. Nas escolas do Estado assim como nas fábricas o capital cresce enquanto o homem vai sumindo dentro de si mesmo. A rigor o que é ensinado nas escolas é o conceito de servidão à identidade do capital. O que se tenta, mas não se consegue, ainda, é transformar milhões de pessoas em “cães de Pavlov”¹⁰⁶. A crítica contra a escola promovida pelo Estado não pode ser

¹⁰⁵ ADORNO. *Dialética Negativa*. Op.,cir.,p.,52.

¹⁰⁶ Alusão ao médico e cientista russo Ivan P. Pavlov, famoso pelos seus estudos sobre reflexos condicionados em que usava cães como cobaia.

confundida como crítica a favor da sua não existência. A educação escolar de resistência só poderá existir como consequência da negação crítica da escola já existente. A educação escolar de resistência não é uma nova escola e sim uma reconstrução após a desconstrução do existente.

Pensar a escola já existente, controlada pelo Estado, é refletir sob o seu conceito até a exaustão para assim chegarmos ao seu limite. “O projeto adorniano vale pelo paradoxo: pensar, ou seja, identificar (pois que não ‘se pode pensar sem identificação’) o ponto limite do aparecimento do não-idêntico”¹⁰⁷. A escola de resistência é o não-idêntico que está subsumida à identidade da escola promovida pelo Estado burguês.

A educação de resistência se nega a apologia e põe sob crivo da dialética negativa as entidades cuja ação e notoriedade social está vinculada a parte oprimida da sociedade. São eles: os partidos políticos que não estão dispostos a defender os interesses burgueses e os sindicatos. Essas entidades ao servirem como veículo de discussão não pode escapar do crivo da dialética negativa para que não cedam aos encantos ou pressões da estrutura do sistema de produção.

O que deve ser negado na escola promovida pelo Estado é o seu papel de instrumento de autopreservação do sistema capitalista. E por sua colaboração na criação de uma realidade dada à consciência dos indivíduos usando como meio a linguagem que serve aos interesses do capital. A educação escolar promovida pelo Estado relega a educação social que está fora dos muros da escola como algo menor. Aquilo que é relegado é a contradição que para o capital não deve ser pensada, mas abjurada tal qual fez Platão ao mundo sensível.

A educação social é a manifestação da dinâmica da história no curso do tempo a envolver cada indivíduo. Na educação social está à linguagem repassada por múltiplas gerações se transformando continuamente e impondo alterações que se manifestam nas diferenças existentes no seio da mesma cultura.

¹⁰⁷ ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. Tradução: Helena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991, p.26.

É essa linguagem dinâmica que a educação de resistência desperta pelo movimento da dialética negativa e a faz aflorar – como contradição – da identidade da educação escolar promovida pelo Estado. Como lembra Adorno: “Aquilo que dilacera a sociedade de maneira antagônica, o princípio da dominação, é o mesmo que, espiritualizado, atualiza a diferença entre o conceito e aquilo que lhe é submetido”¹⁰⁸. A espiritualização a que se refere Adorno é o uso do saber posto por dentro do sistema de dominação herdado da natureza, mas instrumentalmente racionalizado para administrar o mundo social. O sentido de autopreservação do princípio da dominação que funciona por meio do Estado se impõe pelo uso do saber que chega até a parte oprimida da sociedade na unidade do conceito. Na unidade do conceito o poder dominante diz, segundo os seus interesses, o que o saber é.

A educação de resistência põe o saber da unidade do conceito sob a crítica da dialética negativa e se lança – para desconstruí-lo – num movimento incansável por respostas na educação social. A educação escolar de resistência não tem a consciência do sujeito como único instrumento da transformação social a revelia da multiplicidade de conceitos existentes no mundo real. Quanto a isso é bom lembrar a crítica de Adorno a Kant cuja filosofia tem a consciência do sujeito como instrumento de construção da realidade. O papel da educação de resistência é o de reflexionar a educação social e aguardar que tais reflexões sejam aceitas ou não como elementos de enriquecimento ou correções da educação social para depois retornar à escola num movimento de ir e vir. Para isso é importante que o educador resistente se reconheça como parte do mundo social ocupado pelo educando.

Educar é estimular o outro a enxergar o mundo com liberdade. A educação que faz a função de agente regulador da vida social dos indivíduos por dentro da visão do capital é uma colaboradora dos ciclos intermináveis de crises do sistema de produção em que as vítimas são os trabalhadores, que no presente são estudantes. Portanto, reconhecer o lugar onde se vive é cuidar da parte que faz parte do todo.

A problemática vivenciada pela educação social brasileira está diretamente ligada ao quadro de miséria social alimentada por uma realidade dada por uma elite predatória. Vejamos a análise de Saviani

¹⁰⁸ ADORNO. *Dialética Negativa*. Op.,cir.,p.49.

Ora, não se faz um país marginalizando a maioria dos seus cidadãos. Além disso, não podem os membros da elite arvorar-se em representantes e interpretes das aspirações de todo um povo. Como podemos, então, saber quais são as necessidades e aspirações dos brasileiros? Parece-me que só há uma resposta: ouvindo-os, aprendendo com eles, confiando na sua capacidade de decidir a respeito do que é ou não melhor para eles, debatendo, discutindo criticamente as diversas alternativas.¹⁰⁹

Não creio que Saviani tenha tido a intenção de aplicar um dilema moral à elite. A sua análise é constativa e propositiva para uma educação de resistência. Só educadores resistentes vêem como fundamental a inter-relação entre a escola e o mundo social. Na educação escolar proporcionada pelo Estado residem os anseios e as dúvidas desencadeadas por uma postura perversa de uma elite que pensa no sujeito como instrumento de exploração política e econômica. A educação do sistema educacional burguês visa manter a massa ignorante mesmo que parte desta detenha diploma universitário.

Aprender a ler e escrever é *conditio sine qua non* para ampliar a compreensão do mundo. Na sociedade industrial a complexidade do sistema produtivo condena à miséria quem não se predispõe a frequentar os bancos escolares e aprender o mínimo. A necessidade de proporcionar uma escola para gerar mão-de-obra qualificada aumenta a preocupação dos agentes do capital com os rumos de qualquer tipo de aprendizado que não se vincule à formação de uma consciência eminentemente técnica.

A imagem que a consciência comum e iletrada tem da escola é idealista. Para as pessoas pobres que têm seus filhos nas escolas a educação não é o ponto de partida, mas o equivalente imediato da vida boa. É preciso reconhecer o jogo sutil da elite que se previne contra os perigos de uma educação escolar de resistência voltada para o homem e não para os interesses do mercado.

O Brasil, mesmo estando entre as oito maiores economias do mundo é um país de extrema desigualdade social. A preocupação da burguesia em manter um quadro de

¹⁰⁹ SAVIANI, Dermeval. *Educação do Senso Comum à Consciência Filosófica*. Op.cit.p.25.

miséria social para tirar proveito político e econômico se reflete no estado deplorável das escolas mantidas pelo Estado e do salário de fome dos professores. Há uma descarada intenção de dar baixa instrução a pessoas pobres para desempenhar as funções subalternas com os mais baixos salários do mercado. Não deixar abrir os olhos da autoconsciência de quem só conhece o jogo bruto da vida e a dependência é a preocupação calculada da classe dominante. Como lembra Kant

Depois de terem embrutecido o seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, esse perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemoriza-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro.¹¹⁰

A reflexão de Kant nos faz vê o quanto é necessário a mobilização do sujeito para se libertar do poder de dominação que subsiste em forma de dependência. Negar a menoridade é possível por meio de uma práxis política consciente do sujeito contra o princípio da dominação que para controlar usa a força e a realidade dada. Negar a menoridade é mergulhar no conceito de menoridade. É perguntar: o que nos faz “menor”? Por que se, por acaso, deixamos de ser “menor” confundimos a maioria com dominação? A resposta está no fato de vivermos sob um sistema que desconhece outra figura que não seja a do dominado e do dominador.

A maioria em Kant é o *plus* que a humanidade pode conquistar usando o entendimento. A menoridade é um pré-requisito do sistema capitalista para manter as pessoas pré-dispostas a comprarem produtos sem utilidade, votarem em políticos corruptos e morrerem nas guerras econômicas promovidas pelos capitalistas em nome da pátria.

¹¹⁰ KANT, Immanuel. *Textos Seletos – Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?* Tradução: Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis: Editora Vozes, 2005.p.64.

Na sociedade humana a racionalidade dos donos do poder administra a fragilidade de quem sofre com a desigualdade econômica e persegue aqueles que se sentem fortes o suficiente para não aceitar a desigualdade. Na natureza a ação predatória do leão é a pura necessidade de sobreviver por meio dos recursos impostos pelo sistema da natureza. A ação predatória do homem é a racionalização do sistema da natureza que tudo engolfa em nome do poder e da concentração de riquezas nas mãos de poucos.

A mimese é outro elemento que denuncia a herança do sistema natural racionalizado pelo homem: enquanto o leão se esgueira pela pardacenta savana, confundindo a cor da pele com a da vegetação, iludindo a visão da presa; os administradores da sociedade humana iludem os mais frágeis manipulando a linguagem, transformando-a em falsas promessas. “O conceito não consegue defender de outro modo, a causa daquilo que reprime, a da *mimesis*, senão na medida em que se apropria de algo dessa mimesis em seu próprio modo de comportamento, sem se perder nela”¹¹¹.

A assertiva de Adorno se refere ao movimento reflexivo que se contrapõe a identidade usando o mesmo conceito do dominador para capturar a sua ilusão, ou seja, a sua falsa justiça. Assim deve ser o movimento reflexivo para se alcançar a escola de resistência: reflexionar o conceito de escola dada pela burguesia até desmascarar a farsa da falsa educação escolar que ilude a parte oprimida da sociedade. O sistema que envolve a dinâmica da sociedade humana também está sob o poder da *mimesis* como vingança da natureza pelo distanciamento e pela dominação que este exerce sobre ela.

Para Adorno

O sistema no qual o espírito soberano se imaginava transfigurado tem a sua história primordial no elemento pré-espiritual, na vida animal da espécie. Predadores são famintos; o salto sobre a presa é difícil e com frequência perigoso. Para que o animal se arrisque a dá-lo, ele necessita certamente de impulsos adicionais. Esses impulsos fundem-se com o desprazer da fome na fúria contra a vítima, fúria essa cuja expressão a aterroriza e paralisa convenientemente. No progresso que leva até a humanidade, isso é racionalizado por meio de projeção.¹¹²

¹¹¹ ADORNO. *Dialética Negativa*. Op.,cit.,p.25.

¹¹² *Ibidem.*,p.27.

O sistema que administra a sociedade humana em vez de garras e dentes para alimentar o seu estômago, depois de dominar sua presa, utiliza a frieza do cálculo para quantificar o valor das pessoas de acordo com a oferta da força de trabalho à venda. A dinâmica da sociedade capitalista pune com a fome ou a humilhação quem não consegue trocar a sua energia de trabalhador para consumir as mercadorias da indústria como também a ideologia do sistema capitalista por meio da indústria cultural.

A sociedade humana é o maior e o mais forte poder construído pelo homem. O poder das sociedades complexas sempre foi alvo de disputa em todas as épocas. Mas é na sociedade capitalista que – como Marx afirma é uma construção coletiva de todos os homens – a disputa pelo poder pode levar a desumanização do homem. O sujeito na sociedade burguesa é educado a competir entre si pelo posto de trabalho e no trabalho para adquirir a mercadoria mais cobiçada, o dinheiro.

A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à “vocação” de ganhar dinheiro: ela é um modo de se comportar com os bens exteriores que é tão adequada àquela estrutura, que está ligada tão de perto às condi es de vitória na luta econômica pela existência, que de fato hoje não há mais que se falar de uma conexão necessária entre essa conduta de vida “crematista” e alguma “visão de mundo” unitária.¹¹³

A entrega de si como exigência do sistema econômico leva o sujeito a esquecer que a principal ideologia do capital, ganhar dinheiro, nutre a sociedade de riquezas que são apossadas por quem sabe que a riqueza produzida por todos   a essência do poder da sociedade. Quem administra a sociedade toma a precau o de envolver todos na ideologia ou na afirma o dos valores do capital. Competir no trabalho   a principal li o que subsiste como propaganda do sistema de produ o e como condi o inexorável para a sobrevivência. A ânsia pela mercadoria mais cobiçada para a sobrevivência, o dinheiro, requer uma fuga do homem das questões humanas que na sociedade moderna são cada vez mais urgentes como a questão do meio ambiente e da violência em todos os níveis que assolam a sociedade.

¹¹³ WEBER, Max. *A  tica Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradu o: José M. M. de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.64.

A educação diante das questões humanas que envolvem o cuidado que devemos ter para com a natureza incluindo o próprio homem não pode deixar de ser um instrumento de resistência a favor da espiritualização do fazer humano: o trabalho. Espiritualizar o trabalho é negá-lo dialeticamente como atividade alienante. Sob esse prisma, a categoria valor que subsiste quando a natureza é transformada em mercadoria sob o trabalho alienado não pode mais ficar ao largo da reflexão. O “valor não trata do trabalho enquanto fator técnico de produção, mas da atividade de trabalho das pessoas como base da vida da sociedade e das formas sociais sob as quais este é realizado”¹¹⁴. No capitalismo tardio a função do trabalho, como gerador de riquezas, ganha dimensões que exige uma crítica do modelo de progresso que está levando ao esgotamento dos recursos da natureza sob a consciência reificada do homem. Como analisa Erich Fromm

A execução do trabalho aparece tanto como uma perversão que o trabalhador se perverte até o ponto de passar fome. A objetificação aparece tanto como uma perda do objeto que o trabalhador é despojado das coisas mais essenciais não só da vida, mas também do trabalho. O próprio trabalho transforma-se em um objeto que ele só pode adquirir com tremendo esforço e com interrupções imprevisíveis. A apropriação do objeto aparece como alienação a tal ponto que quanto mais objetos o trabalhador produz tanto menos pode possuir e tanto mais fica dominado pelo seu produto, o capital.¹¹⁵

A reflexão de Fromm é um importante elemento para se pensar o sentido do trabalho que, no mundo moderno, tem uma ligação inescapável com a educação escolar dirigida aos interesses do capital. A reificação do homem que ocorre por conta da necessidade de vender a sua força de trabalho para sobreviver o leva a esquecer o objetivo do próprio trabalho para a sociedade. O desligamento do trabalhador de sua própria vida é consequência de sua ligação inextricável com o dia seguinte, ou seja, se amanhã estará vendendo a sua força de trabalho para sobreviver.

A função da educação escolar de resistência é discutir a educação social como objeto da realidade e com isso provocar um processo reflexivo no sujeito quanto às

¹¹⁴ RUBIN, Isaak Illich. *A Teoria Marxista do Valor*. Tradução: José Bonifácio de S. A. Filho. São Paulo: Polis, 1987, p.97.

¹¹⁵ FROMM, Erich. *Conceito Marxista de Homem*. Tradução: Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975., p.91.

coisas que o envolvem no cotidiano. A função do conhecimento na escola de resistência é alertar o sujeito para a importância do sentido dos valores que dão sustentação à dinâmica da sociedade.

A crítica dirigida ao conceito de essência ao longo dos séculos e que resultou na impossibilidade de se compreender o mundo como essencial e dotado de sentido, à maneira de um plano divino que nele se manifesta, essa crítica não pode ser revogada.¹¹⁶

Adorno em sua crítica em prol de uma abertura cada vez maior da consciência humana, para o entorno do mundo que a cerca, se estende no tempo para constatar que a dominação não é um fenômeno recente. A identidade do princípio da dominação capitalista está assentada sobre os fundamentos de valores históricos que serviram a outras classes sociais hegemônicas do passado.

O fundamento religioso é o que marca o mundo como dotado de essencialidades das quais o homem não pode se desvencilhar. Para esse fundamento o homem deve se conformar com o inexorável. Apesar do declínio das religiões em seu poder de influenciar diretamente as pessoas, não se pode deixar de notar o bom aproveitamento que a burguesia fez do sentimento de inexorabilidade arraigado nas pessoas para dar curso ao conceito de progresso social que está degradando a natureza. Ao se colocar o princípio da dominação sob o prisma da dialética negativa que se dá em um movimento de desconstrução crítica até alcançar a sua contradição, talvez, se fosse possível, notar-se-ia que suas raízes estão espalhadas por toda espiral da história. A educação escolar de resistência, como um olhar crítico da escola que pensa a multiplicidade do mundo social, tem como identidade a contradição.

O que é diferenciado aparece como divergente, dissonante, negativo, até o momento em que a consciência, segundo a sua própria formação, se vê impelida a impor unidade: até o momento em que ela passa a avaliar o que não é idêntico a partir de sua pretensão de totalidade.¹¹⁷

¹¹⁶ ADORNO, T. W. *Introdução à Sociologia*. Op.cit.p.85.

¹¹⁷ ADORNO. *Dialética Negativa*. Op.,cit.,p.13.

A reação da identidade-lei, ou seja, do poder da classe dominante contra quem resiste ao seu domínio é cooptá-lo para o circuito de seus interesses. Nesse sentido até mesmo a educação de resistência não pode escapar ao crivo da dialética negativa. A contradição, como manifestação do diferente deve ser subsumida à ordem da ideologia burguesa. O diferente, segundo Adorno, é a identidade do não-idêntico é o movimento social que se manifesta contra a dominação. A contradição está na plurivocidade do mundo social, ou seja, nas múltiplas vozes interconectadas que constituem o mundo social como uma constelação de particularidades.

A contradição sob o prisma da dialética negativa é o desvelamento da justiça que se encontra prisioneira dos interesses políticos e econômicos do capital. Assim também, pode-se dizer que a educação propiciada pelo Estado é uma manifestação dos interesses das elites, embora toda realidade que vivenciamos seja um construto de todos que compõem o mundo social no curso da história. A consciência que forja a sociedade injusta conta com a participação do dominador e do dominado, como lembra Hegel, na dialética do senhor e do escravo:

O senhor se relaciona mediatamente com o escravo por meio do ser independente, pois justamente ali o escravo está retido; essa é sua cadeia, da qual não podia abstrair-se na luta, e por isso se mostrou dependente, por ter sua independência na coisidade. O senhor, porém, é a potência sobre esse ser, pois mostrou na luta que tal ser só vale para ele como um negativo. O senhor é a potência que está por cima desse ser, ora, esse ser é a potência que está sobre o Outro; logo o senhor tem esse Outro por baixo de si: é este o silogismo [dominação] ¹¹⁸.

O movimento da história visualizado, nessa passagem, por Hegel diz o porquê de ser esta uma das passagens mais lembradas da *Fenomenologia do Espírito*. Hegel analisa o estado de dependência mutua entre o dominador e o dominado que se manifesta no mundo social como um estado de consciência.

¹¹⁸ HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Vozes, 1988, p.130.

Qual o estado de consciência de uma sociedade em que o sujeito para sobreviver lança mão da política do favor e aceita, normalmente, tal estado como medida de prestígio de quem favorece e a servidão do favorecido? Esse estado de consciência ao se objetivar tende a uma relação iníqua entre o público e o privado, pois o favor tem sempre o bem público como objeto usurpado do favorecido e doado paternalmente ao mesmo. A análise de Hegel ultrapassa a disputa entre classes sociais por revelar o modo de ser de uma sociedade cuja dinâmica reside na mútua escravidão entre o senhor cuja vida depende de tudo que recebe do escravo e este que, para continuar vivo, se submete aos caprichos do senhor. A dialética se encontra, na citação, justamente na busca do escravo pela liberdade que, para o senhor, é uma contradição.

A consciência do escravo deve avançar para uma compreensão da lógica do jogo da dominação cultivada por uma cultura calcada na inter-relação entre fortes e fracos. A análise de Hegel, fundamentalmente, explica que a dominação é uma simbiose que engolfa o dominador e o dominado.

A lógica da dominação brasileira está bem exposta na obra maior de Gilberto Freyre: *Casa Grande & Senzala*. Nela podemos perceber a gênese de uma consciência escravocrata que ainda permeia todos os poros da sociedade brasileira. Escolhi uma passagem que denota o grau de esperteza e senso de cálculo da elite escravocrata do passado, mas também demonstra a sutil disposição de Freyre em mitigar os efeitos da escravidão.

Da energia africana ao seu serviço cedo aprenderam muitos dos grandes proprietários que, abusada ou esticada, rendia menos que bem conservada: daí passarem a explorar o escravo no objetivo do maior rendimento, mas sem prejuízo da sua normalidade de eficiência. A eficiência estava no interesse do senhor conservar no negro – seu capital, sua máquina de trabalho, alguma coisa de si mesmo: donde a alimentação farta e reparadora que Peckolt* observou dispensarem os senhores aos escravos no Brasil.¹¹⁹

¹¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992., 44

*Theodoro Peckolt foi um naturalista alemão que viveu no Brasil durante o período colonial.

A obra de Gilberto Freyre tem uma importância fundamental para se estudar a educação social brasileira. Na passagem se observa o caráter ladino da elite brasileira. O escravo, como máquina, para que tenha sua energia bem aproveitada recebe uma alimentação farta e reparadora.

Com isso o senhor conservaria alguma coisa do indivíduo escravizado. Que coisa? Gratidão? Por que, então, esses mesmos senhores que continuaram mandando na economia e na política brasileira não tiveram uma preocupação tão racional com os assalariados – que foi o que se tornaram muitos dos ex-escravos? A elite brasileira não se abriu para a construção de um Brasil como nação logo após abolição da escravidão porque ficou escrava de um estado de consciência escravocrata. A simpatia de Freyre pela contribuição da cultura africana é real, mas também é real a sua simpatia pela elite escravocrata.

A honestidade de Freyre deixa transparecer o caráter patriarcal que rege a nossa sociedade. A consciência que se urbaniza tende paulatinamente a esquecer o que conta *Casa Grande & Senzala*. O esquecimento de uma parte da história que escravizou, mutilou e depois lançou milhões de pessoas na rua da amargura é a transmutação de um modelo perverso de sociedade em conceito. A função da educação escolar de resistência é desconstruir esse conceito mimetizado em democracia racial. A Escola de resistência deve instigar a memória da educação social para dialetizar o passado, para isso deve mergulhar no presente, pois é no aqui e agora que podemos desvelá-lo.

A dialética negativa é um movimento reflexivo cuja matéria prima é a história do vencedor. A reflexão imanente na identidade da história, tida como verdadeira, é o caminho para se encontrar a sua falsidade. Por isso a obra de Gilberto Freyre é de grande importância como instrumento de reflexão para o desvelamento da consciência que administra a sociedade brasileira. A obra de Freyre não é de má fé, mas de afloramento de um modelo de consciência da qual o próprio Freyre não conseguiu se desvencilhar.

A educação social é um redemoinho cuja força é a história sedimentada no presente a modelar e modificar a cosmovisão de cada sujeito que compõe o mundo social. A realidade, como objeto, segundo Adorno é maior do que o sujeito porque ele também é objeto. Cabe, no entanto, à consciência do sujeito pensar o objeto e refletir a

respeito das forças que tentam manter o controle do mundo social impondo freios e modelando essa mesma consciência. Para o poder dominante, o conceito de consciência é aquele que diz respeito aos direitos e deveres que se ligam aos interesses do capital. A respeito do conceito de consciência, diz Nietzsche:

Sua consciência?...Adivinha-se de antemão que o conceito de “consciência”, que aqui encontramos em sua mais alta e quase surpreendente configuração, já tem uma longa história e transmutação de forma atrás de si. Poder responder por si, e com orgulho, e portanto *poder* também *dizer sim* a si – é, como foi dito, um fruto maduro, mas também um fruto *tardio*: por quanto tempo precisou esse fruto, ácido e azedo, pender da árvore!¹²⁰

O fruto a que se refere Nietzsche é a história que desencadeou um movimento prenhe de momentos de realizações no campo da técnica e de barbárie. O tempo que levou para descermos das árvores até construirmos uma consciência que, pelo fruto do trabalho, nos levou a pensar em conquistar outros mundos é um enigma que tentamos decifrar todos os dias. A dialética, no plano da negação, passa pelo reconhecimento de que a consciência que pendeu da árvore, como fruto ácido, pode desvelar o aspecto não ácido que está no cultivo da humanidade do homem. A acidez que reside na educação social dos indivíduos se manifesta na linguagem que prega o individualismo exarcebado que tanto beneficia os donos do poder. A consciência dialética visa o desvelamento do conceito de justiça e não tem a doce ilusão de que é preciso destruir o mundo velho e injusto e criar outro. É o mundo velho e injusto que transforma a nossa consciência em consciência amarga, o instrumento da dialética negativa. É por isso que para Adorno, a dialética só existe como momento de dor pela pobreza desse mundo. Cabe a educação escolar de resistência se propor a reflexionar dialeticamente a educação social na qual estão imiscuídos todos os indivíduos que compõem a sociedade e que faz de cada um de nós aquilo que disse Aristóteles: um animal político.

A educação social é a vivência que constitui a realidade dentro da força ditada pelas necessidades do cotidiano. As realizações do sujeito em todos os momentos de sua

¹²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Para a Genealogia da Moral*, in Os Pensadores. Tradução: Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Nova Cultural, 1991.,p.347.

existência têm pouca relação com seus sonhos, mas mesmo estes obedecem aos interesses dos donos do poder. A violência interior é o preço a pagar para sobreviver na sociedade industrial. A educação social da sociedade industrial é a educação da imposição. A educação escolar de resistência é a educação para refletir a existência e criar a possibilidade de nos livrarmos de tal imposição.

A educação escolar de resistência dialetiza o real para despertar na consciência do sujeito que o movimento da sociedade é forjado pelo acontecimento político. Para o educador Paulo Freire: “O mundo da cultura que se alonga em mundo histórico é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada”¹²¹. O mergulho dialético no mundo da cultura - que é a história - é a busca pela liberdade ofendida e recusada. O conceito de liberdade imediatamente posto faz parte da realidade dada pela indústria cultural. Perceber o dado como logro ou como promessa que não pode ser cumprida pelo princípio da dominação é a função da escola de resistência.

A educação escolar de resistência é o olhar reflexivo da educação social por dentro do conceito de educação promovido pelo Estado. A educação escolar de resistência é um instrumento de reflexão e correção da educação social. A correção jamais ocorrerá se a escola de resistência não reconhecer que a educação social é maior do que ela. A escola de resistência está contida na educação social. A práxis da escola de resistência é a de reflexionar os fatos que compõem a realidade, discuti-los e lançá-los na educação social. A realidade da educação social é o instrumento de reflexão do educador resistente. Por meio da educação escolar de resistência, a educação social mergulha em si mesma.

É preciso negar a concepção do sistema educacional mantido pelo Estado, seja ele básico ou superior, que, em muitas situações, ao se dirigir a educação social e refletir sobre a sua linguagem refere-se a ela como mero senso comum ou como aquela que precisa evoluir. Mas o que é evolução? Quanto a essa categoria, Bergson diz:

O movimento evolutivo seria coisa simples, e logo poderíamos determinar sua direção, se a vida descrevesse uma trajetória única,

¹²¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Op.cit.p.56.

comparável à parábola de uma granada lançada por um canhão. Mas, mas no caso, estamos tratando de uma granada que imediatamente explodiu em fragmentos, os quais, sendo por sua vez espécies de granadas, explodiram em fragmentos destinados a explodir de novo, e assim por diante durante muito tempo. Só percebemos o que está mais perto de nós, os movimentos espalhados dos estilhaços pulverizados. É partindo deles que devemos voltar, paulatinamente, até ao movimento original.¹²²

Da citação de Bergson, pode-se imaginar a dinâmica do movimento social que em sua saga explosiva nos transforma em seres cuja consciência não se desvencilha da multiplicidade. A realidade em que estamos mergulhados é marcada por diversas cosmovisões interrelacionadas que denota as diferenças do mundo social. A educação social, portanto, está longe de se acomodar dentro de uma uniformidade. Os conflitos que subsistem na esfera social ocorrem por interesses diversos que vão desde as visões religiosas a conquista de espaços físicos para a sobrevivência de indivíduos ou grupos.

As espécies de granadas, voltando às imagens de Bergson, são as diferenciações que ocorrem dentro da mesma cultura ou no sentido mais amplo entre culturas deferentes. Sentir somente aquilo que nos está mais próximo é um comportamento que já sofre transformações por conta da revolução tecnológica no campo das comunicações. A interligação feita por imagens e sons interfere de modo importante nas culturas entre si.

A riqueza produzida pela humanidade, especialmente nos últimos dois séculos, transformou o conceito de distância e mexeu seriamente com o isolamento de santuários ecológicos e culturas que viviam do mesmo modo há milênios. O objeto, como realidade, como pensa Adorno, guarda o primado sobre o sujeito pela sua amplitude, embora “a primazia do objeto significa que o sujeito é, por sua vez, objeto em um sentido qualitativamente distinto e mais radical que o objeto...”¹²³. Cabe ao sujeito pensar o objeto como um construto histórico que não pode ser modificado pela força

¹²² BERGSON, Henri. *Cartas, Conferências e Outros Escritos* – Os Pensadores. Tradução: Franklin Leopoldo e Silva e Nathanael Caxeiro. São Paulo: Editora Abril, 1984, p.155.

¹²³ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Op.cit.p.187.

bruta ou simples vontade. As correções que por ventura sejam necessárias para que ocorram a melhoraria da vivência na totalidade só é possível se houver o cuidado das partes que formam a pluralidade.

O cuidar das partes é a preocupação da educação escolar de resistência ao se aprofundar nas coisas de uma realidade cada vez mais complexa. Seguindo o entendimento de Bergson é possível reflexionar as várias espécies (culturas) que compõem a educação social do sujeito, pois estão no cotidiano como história sedimentada. Se entregando ao objeto, como realidade – agora seguindo o raciocínio de Adorno – o sujeito pode alcançar a explosão original que é o lugar onde tudo começou e é de onde se pode desvelar a contradição. Dialetizar o real é buscar a origem do erro que está escondida no âmago daquilo que é imposto como verdade absoluta.

A dialética negativa é um modelo de reflexão para que o conceito cristalizado e tido como verdadeiro pelo senso comum seja desconstruído até que se encontre a sua origem. A função da educação escolar de resistência é a de reflexionar os horizontes da educação social em que está mergulhado no senso comum. A escola de resistência pautada na dialética negativa mergulha no senso comum que permeia a educação social e de lá desvela a multiplicidade de conceitos que subsistem como os fundamentos de uma liberdade sufocada por uma sociedade de consumo.

A educação escolar de resistência não está acima da educação social, pois o que se quer resistindo está no âmago da educação social. A realidade do sujeito, no presente, contém a linguagem sedimentada por muitos que vieram antes. A história sedimentada no tempo é a força que media o sujeito na sua relação com o mundo. O sujeito, no entanto, não percebe que é mediado pelo real. A não percepção do sujeito como objeto, ou seja, como ser histórico o leva a aceitar a realidade dada pelos administradores da sociedade como se fosse a sua. Mas o conceito de verdade do poder dominante que se estende sobre a sociedade não abarca, segundo Adorno, a realidade em sua totalidade. O não abarcado é o não idêntico, ou seja, o que resiste e dá impulso ao movimento dialético. A parte da linguagem histórica não alcançada pelo sistema de dominação é que deve ser alcançada pela educação escolar de resistência. O caminho que a dialética negativa segue é o que leva os injustiçados a um encontro consigo mesmo. É reflexionando os conceitos manipulados pela classe dominante que ditam a praxe do

cotidiano que se pode compreender o quanto é tirado de nós em termos de valores para que possamos levar uma existência de servidão aos interesses do capital.

A desgraça não ocorre como uma eliminação radical do que existiu, mas na medida em que o que está historicamente condenado é arrastado como algo de morto, neutralizado, impotente, e se vê afundando de maneira ignominiosa. Em meio às unidades humanas padronizadas e administradas, o indivíduo vai perdurando. Ele até mesmo ficou sob proteção e adquiriu o valor de monopólio. Mas, na verdade, ele é ainda apenas a função de sua própria unicidade, uma peça de exposição como os fetos abortados que outrora provocara o espanto e o riso das crianças. Como não leva mais nenhuma existência econômica independente, seu caráter entra em contradição com seu papel social objetivo.¹²⁴

Adorno às vezes dá a impressão de que o sujeito está se afogando com o nariz quase fora d'água enquanto os olhos bem abertos miram desesperadamente o céu. Essa passagem bastante contundente da *Mínima Moralía* revela o estado lastimável da existência humana que se ilude ao supor que detém o monopólio do seu destino, mas que no fundo é arrastada como um ser impotente por um modelo de sociedade administrada para tirar as qualidades humanas do sujeito. A sociedade administrada impõe um modelo de comportamento que se vale da repetição em torno da ideologia do capital tanto no trabalho quanto no lazer que, para Adorno, se parece tanto como o trabalho.

O papel da reflexão dialética é discutir esse modelo de sociedade para criar a possibilidade de se resgatar a humanidade do sujeito. Na dialética negativa não se deve elaborar conceitos hipostasiados, ou seja, bem acabados, para combater os conceitos dados pelo poder dominante. O que vale para a crítica ao modelo de educação escolar comandado pelo Estado burguês. A escola de resistência é a desconstrução e a reconstrução dialética da escola que já existe. A escola que já existe é o instrumento de reflexão que, no movimento de desconstrução e reconstrução, pode se transformar em escola de resistência. A escola do Estado burguês é a que deve ser negada na sua identidade e durante a negação surge a escola de resistência como contradição. A escola

¹²⁴ ADORNO, T.W. *Mínima Moralía*. Tradução: Luis Eduardo Bicc. São Paulo: Ática, 1993, p. 118.

do Estado, assim como o próprio Estado é um construto do movimento histórico que se forjou no processo civilizatório no qual todos nós estamos imersos. Portanto, não cabe rotular por meio de uma definição a escola de resistência. Como diz Adorno: “definir é o mesmo que capturar – objetividade, mediante o conceito fixado, algo objetivo, não importa o que isto seja em si”¹²⁵.

A definição de algo é a criação de uma verdade absoluta. Embora, como pensa Adorno, não se possa discorrer a respeito de alguma coisa sem identificar e até mesmo definir por força da forma da linguagem que nos envolve é importante manter distância do definido para depois, por meio da reflexão, desconstruir o que é tido como verdade. Basta lembrar a definição que um racista tem do negro ou de qualquer povo cuja cor da pele não combine com a sua. O racista ao se definir degrada a humanidade ao desejar ser outra humanidade. Assim são aqueles que desejam criar outra história cuja pretensão é fazer

A conversão de todas as questões da verdade em questões de poder, da qual a própria verdade não pode subtrair-se se não quiser ser aniquilada pelo poder, não apenas a oprime, como os antigos despotismos, mas tomou conta, até o âmago, da disjunção entre o verdadeiro e o falso, para cuja abolição os mercenários da lógica contribuem com tanta diligência.¹²⁶

O caminho de quem deseja mudar a realidade como se fosse um ato de conversão pela ideologia é o da opressão e da barbárie. As definições que modelaram alguns conceitos como os de raça e religião foram à base de alguns graves momentos de barbáries pelos quais passou a existência humana. O mais emblemático de todos foi o genocídio contra os judeus na Alemanha nazista. A definição da figura do judeu como ser passivo de impiedade viajou no tempo até o holocausto. Em nenhum momento da história do homem a racionalidade humana tratou de eliminar o seu semelhante como execução de um projeto industrial.

¹²⁵ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Op.cit.,p.182.

¹²⁶ADORNO, T.W. *Mínima Moralia*. Op.cit. p.95.

A educação escolar de resistência reflexiona o passado como parte da explicação do modo de agir das pessoas no presente. Reflexionar a memória de atos terríveis como o genocídio alemão contra os judeus ou a carnificina do exército brasileiro contra Canudos é se por contra a sua repetição. “A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada a realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional do que a razão”¹²⁷. Colocar tais acontecimentos como simples fatos históricos do passado ou como prática de um estado de consciência de uma determinada geração é não primar pela consciência crítica que deve ser despertada para que os interesses da classe dominante - que em alguns casos são intemporais – não provoquem novas tragédias.

A educação escolar de resistência é a não adaptação a uma sociedade que elabora um modelo de educação cujo fim é tornar o homem “sujeito-objeto da repressão”¹²⁸. A não adaptação é a não conformação à identidade dada como realidade. Não se conformar é ir além do conceito dado como verdade pela classe dominante. O modelo de reflexão adorno para ir além do conceito dado é por meio da ‘*intentio obliqua*’^{***}. Para o pensador da Escola de Frankfurt o pensamento sob a “*intentio obliqua*” pensa o objeto não no sentido da “*intentio recta*”, mas no sentido lateral. A educação escolar de resistência reflexionando a educação social no sentido lateral age como agente de desconstrução dos valores dados pelo princípio da dominação e ao mesmo tempo desvela a multiplicidade que está ao lado do sujeito. A “*intentio obliqua*” não pretende criar outros conceitos e sim desvelar os valores relevantes do mundo da vida. Na educação social, como objeto, como realidade, está o sujeito com sua consciência que não existe sem a linguagem histórica. O objeto é o lugar em que o sujeito está mergulhado. O objeto é história.

A educação de resistência atua como sujeito reflexivo na educação social sem deixar de ser parte da mesma. A educação social é a manifestação da realidade histórica e cultural do homem. É nela que se movimenta a linguagem em suas múltiplas vozes. O

¹²⁷ ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Op.cit. p.190.

¹²⁸ Ibidem.

^{***} Ver citação p.30. A “*intentio obliqua*” de Adorno como movimento reflexivo é uma contraposição ao movimento dialético positivo de Hegel. Para Hegel o movimento da consciência segue uma linha progressiva cujo fim é uma síntese como resultante do movimento dialético entre o primeiro e o segundo momento. Para Adorno, a síntese hegeliana é a eliminação artificial das contradições, por isso, para o pensador da Escola de Frankfurt, só existe o primeiro momento que é o que deve ser negado de modo imanente num movimento oblíquo de forma exaustiva até que se desvelem as contradições que subsistem aprisionadas nos conceitos dados como verdades absolutas pelo princípio da dominação.

indivíduo ao chegar ao ambiente escolar arrasta consigo a realidade social consubstanciada em linguagem mundana.

O processo reflexivo da educação de resistência é mediado pela educação social. Essa mediação insere a escola como um instrumento importante de vigilância contra o princípio da dominação. Saber resistir pensando é uma conquista política da parte oprimida da sociedade que não aceita a coisificação do homem e da natureza em nome do interesses do capital. Se insurgir contra a violência que pontuam os vários momentos da história é se insurgir contra o sofrimento que os interesses capitalistas provocam por meio da fome das guerras.

A repetição da barbárie não é a repetição da mesma história, mas sim a repetição do mesmo sofrimento. As relações pessoais, no que diz respeito ao comportamento dos indivíduos, têm uma forte imbricação nos fatos históricos que marcaram uma época. A origem de determinados comportamentos ligados a injustiça, presentes no mundo social, estão sumidos no pretérito da história em espiral, como diz Morin.

O educador da escola de resistência não responde, mas reflexiona a pergunta: O que leva o sujeito a apoiar ou praticar atos de violência contra o outro em nome da igualdade e da liberdade defendidas pela classe dominante? A resposta exata para tal pergunta é uma falácia. A lógica da sociedade administrada pelo capital é o objeto de reflexão permanente da educação de resistência. O capital, relembrando Marx, é um construto coletivo resultante do processo histórico. A dominação não foi inventada pelo modo de produção capitalista, mas aprimorada e fortalecida pela indústria cultural que difunde a ideologia do capital. A ideologia do sistema se fortalece à medida que enfraquece a capacidade reflexiva do sujeito até que este tenha como de seu interesse a defesa do capital. A impotência das massas cultivada pela potência dos donos do capital é uma questão que não pode passar em branco pela escola de resistência comprometida por desejos libertários como sonhara Gramsci¹²⁹.

A escola de resistência é uma posição do sujeito a favor do sentido da liberdade na sociedade moderna. O conceito de liberdade é extremamente caro à educação social por

¹²⁹ Cf. Antônio Gramsci em *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p.117.

seu valor político e como meio de convivência na multiplicidade do mundo social. A liberdade, sob a dialética adorniana, na sociedade administrada pode ser desvelada à medida que se reflexiona o conceito de livre-arbítrio. A finalidade do livre-arbítrio é impor a responsabilidade e o zelo pelas coisas do poder e na não observação dessa liberdade “dada por Deus” recai sobre o homem a fúria do homem sob as bênçãos de Deus. Nietzsche diz que

Não somos indulgentes com a idéia do livre-arbítrio: sabemos de sobejo do que se trata; a habilidade teológica de pior reputação que já houve para tornar a humanidade *responsável* à maneira dos teólogos, o que equivale a colocar a humanidade sob a dependência dos teólogos. Vou me limitar a explicar a psicologia dessa tendência a exigir responsabilidades. Onde quer que exijam responsabilidades, o instinto de julgar e de castigar anda, geralmente, mesclado na tarefa.¹³⁰

O senso de responsabilidade inculcado nas consciências dos indivíduos promete a culpa e o castigo para quem dele foge. O jogo da dominação tem como intenção gerar consciências dóceis e alienadas tão característica de quem não pensa em outra coisa a não ser em obedecer para sobreviver e não pensar nada mais que isso. O recurso da obediência que se dá pela crença religiosa ou pela força bruta é um esforço antigo das elites para controlar as massas. O estímulo à responsabilidade é um modo de induzir o sujeito, subalterno a classe social hegemônica, a cuidar dos valores que dão suporte ao poder legada pela propriedade privada. A não obediência é confundida com irresponsabilidade, pois o castigo, seja ele pela aplicação do código de leis ou simples admoestação, não pode deixar de vir acompanhado por danos morais.

Manter-se distante de qualquer juízo crítico que questione o poder do capital é responder com obediência às prerrogativas do capital que dá ao sujeito o título de bom cidadão. “Assim, à violência material (dominação econômica) exercida pelos grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominados corresponde a violência simbólica (dominação cultural)”¹³¹. A quebra da obediência tem como pronta resposta a

¹³⁰ NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução: Edson Bini e Marcio Pugliese. São Paulo: Húmus, 1976, p.46.

¹³¹ SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo; Cortez Editora, 1984,p.22.

violência do sistema contra quem deseja abalar a sua preservação. O sentido da obediência envolve a educação social e em ato contínuo as relações pessoais para desenvolver consciências passivas. A escola de resistência quebra a passividade á medida que nega o sentido de obediência imposto pela classe dominante “cujo núcleo compreensivo gira em torno da propriedade privada”¹³². A escola de resistência está envolvida com a multiplicidade do mundo social, portanto, reflexiona o conceito de obediência até desmascarar “uma das características fundamentais da sociedade capitalista...” que “é a de mascarar as relações sociais entre os homens e as realidades espirituais e psíquicas, dando-lhes o aspecto de atributos naturais das coisas ou de leis naturais”¹³³.

O impulso que a educação escolar de resistência dá como ponto de partida para uma interlocução junto à educação social é o de estimular o confronto entre o sujeito e a realidade dada como história verdadeira pela classe dominante. A função da escola de resistência é a de atualizar a história mergulhando nela para que se possa compreender que “aquilo que o homem deve ser em si é sempre aquilo que ele foi: ele é acorrentado às rochas de seu passado”¹³⁴. Reflexionar a história é revolver o passado e desconstruir os valores sociais que dão suporte à violência do coletivo contra a parte minoritária. Esses valores perpassam o tempo e sempre estão prontos à manipulação pelos interesses da classe dominante. A barbárie que ocorre no presente tem suas raízes no transcurso do tempo histórico.

A dialética negativa é um movimento incansável no conceito de filosofia da história. O sujeito na sociedade moderna vive sob o signo da catástrofe por isso “a objetividade só pode ser descoberta por meio de uma reflexão sobre cada nível da história e do conhecimento, assim como sobre aquilo que a cada vez se considera como sujeito e objeto, bem como suas mediações¹³⁵”. A escola de resistência é o sujeito que reflexiona o objeto embora faça parte do mesmo, pois é parte da educação social. A importância do saber está em fazer com que o sujeito por meio da reflexão reconheça a história sedimentada, e possa compreender o passado desconstruindo o presente. A

¹³² MENEGAT, Marildo. *O Olho da Barbárie*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.173.

¹³³ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Op., cit.p.122.

¹³⁴ ADORNO. *Dialética Negativa*. Op.cit.,p.51.

¹³⁵ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Op.cit., p.193.

consciência do homem como produto do movimento histórico não pode ficar alheia ao que acontece a si mesma. Como escreveu Bauman

A negação da dignidade humana deprecia o valor de qualquer causa que necessite dessa negação para afirmar a si mesma. E o sofrimento de uma única criança deprecia esse valor de forma tão radical e completa quanto o sofrimento de milhões.¹³⁶

A afirmação da dignidade humana é a negação da violência contra si mesma. A realidade humana necessita de um sujeito não oculto na multidão na posição de algoz, vítima ou mero expectador da violência praticada pelo poder da sociedade. O educador resistente não tem solução acabada para resolver o problema da miséria humana nem da educação do Estado burguês. A função da educação de resistência é por sob o crivo da negação dialética a realidade que nos envolve.

2.1. A educação contra as ilusões

A esperança que muitos nutrem de ser o modelo de educação burguês a redenção da sociedade degradada pela violência e corrupção não corresponde ao que essas mesmas pessoas vêem através dos meios de comunicação. A corrupção na política e contra os cofres públicos não está ao alcance do iletrado ou do mal instruído. A educação escolar que direciona o sujeito a servir ao capital como mão-de-obra barata e descartável impõe também a ilusão de que cultiva a humanidade do homem.

É na educação social na qual está mergulhado o sujeito como ser histórico-cultural que a educação de resistência pode ir de encontro à humanidade do homem. Esta é o espelho da multiplicidade que habita o mundo social. A educação social é formada por uma constelação de modelos de educação. Tais modelos são diferentes entre si, não de modo radical, pois a humanidade é uma só. As educações que compõem a educação social se modificam por conta da dinâmica da linguagem que acompanha a ação

¹³⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.,p.103.

produtiva do homem, as motivações religiosas ou isolamento. Em cada educação a sua linguagem diz quem ela é.

A linguagem de cada atividade humana repercute não somente no ambiente de quem desempenha o ofício, mas também junto ao grupo de suas relações sociais. As linguagens das diversas educações se comunicam e até se chocam por questões ligadas a interesses econômicos, morais ou legais. Apesar da profunda diversidade que compõe a educação social, “as malhas do todo são atadas cada vez mais conforme o modelo do ato de troca”¹³⁷. Paira, portanto sobre a sociedade uma grande rede, a linguagem do capital, cujo conteúdo se resume ao dinheiro e ao poder.

A diversidade de linguagens que compõem o mundo social se choca com os interesses da educação escolar promovida pelo Estado que não está preocupada com a formação, mas com o mercado. As idiosincrasias, ou seja, as personalidades que compõem o corpo discente tendem a olhar a escola como um lugar estranho que fala de coisas que não se encontram no mundo deles. O meio para impor a forma de educação do Estado que representa o capital é apelar para o senso de responsabilidade que, como lembra Nietzsche serve para cultivar o medo do castigo e o sentimento de culpa.

A escola de resistência não pode ser hipostasiada porque ela é uma escola inacabada. O inacabamento da escola de resistência ocorre pelo fato de ser ela uma postura política da parte oprimida da sociedade e de ser ela própria, também, instrumento de sua reflexão dialética. A negação dialética não tem fim, ou seja, não morre na síntese. A escola de resistência não é uma síntese entre escola tradicional e escola nova, mas sim uma postura crítica de uma escola que pensa o mundo social e se deixa mediar por ele. É uma escola que leva a consciência a dar um salto qualitativo ao pensar a história que nos transforma em seres sociais. Adorno diz:

Mas aquilo que caracteriza a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à

¹³⁷ ADORNO, T.W. *PRISMAS*. Tradução: Augustin Wernet e Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Atica, 1998, p.9.

capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais.¹³⁸

O pensamento dialético que incide sob a educação escolar promovida pelo Estado burguês é uma experiência intelectual em que se assenta a escola de resistência. A realidade pensada não é a que é construída pelo sujeito como sugere Kant, mas a história sedimentada no tempo e reconhecida pelo sujeito como o objeto. Do qual ele (sujeito) também é parte. O sujeito não é – como está posto na citação – o construtor solitário de da realidade, mas aquele que reflexiona a história que permeia o mundo social cujo conteúdo está nas múltiplas partes que compõem a sociedade.

A escola de resistência é uma crítica imanente à sociedade administrada. A crítica se desenvolve por meio da desconstrução dialética do processo educativo promovido pelo Estado burguês. À desconstrução dialética da escola gerida pelo Estado burguês é que se encontra a intenção do capital de transformar o sujeito em mercadoria. Tal intenção está encoberta pela ilusão propagada de que a função da escola é educar para a vida. Quem joga essa máxima na cara do aluno como se fosse um clichê, muitas vezes não percebe que a escola educa para a vida do capital.

Para a educação de resistência não existe um só ser humano que faça uso da linguagem histórica que não seja educado. Quem educa o sujeito para a vida é a educação social. A escola de resistência é o pensamento que reflexiona a educação social para que esta ao educar para a vida repila os conceitos que levam a dominação contra o homem e a natureza. Em sua crítica à escola promovida pelo Estado, Saviani diz:

Enquanto aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa. Cumpre assinalar, porém, que não se trata de duas funções separadas. Pelo mecanismo das práticas escolares, a formação de força de trabalho se dá no próprio processo de inculcação ideológica.¹³⁹

¹³⁸ ADORNO. *Educação e Emancipação*. Op. cit., p.151.

¹³⁹ SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Op.cit.p.31.

A escola para o capital não passa de um local em que os indivíduos irão aprender o mínimo para servi-lo. É claro que saber ler e escrever são coisas perigosas, mas o modo de produção capitalista precisa formar mão-de-obra letrada e dócil. As consciências e as letras, portanto, devem ser tratadas com o devido cuidado para que orbitem em torno da ideologia que dá sustentação ao sistema. A ideologia acompanha o sujeito em todos os segmentos do processo educativo, ou seja, dos primeiros anos de escola à universidade. Se ocorrer o mais comum: a evasão da escola, a indústria cultural fará, com eficiência, um trabalho educativo em prol do sistema.

Quem não se alinha as atividades políticas ligadas ao *status quo* do sistema é proscrito por ameaçar a organização política e econômica dominante. A democracia burguesa só dialoga com o sempre-igual a ela, ou seja, com quem de forma irrestrito defende a propriedade privada. A intolerância ao diferente por parte da classe dominante leva, à medida que o diferente se fortalece a legitimar qualquer repressão contra quem contraria os interesses do capital.

A atividade política da burguesia se reserva a praticar a violência enquanto fala de paz. Não há justiça na sociedade administrada pelo capital, mas ninguém fala mais de justiça do que os agentes ligados aos interesses dos capitalistas. A burguesia não tem pudor em se aliar e proteger quem quer que seja desde que tal proteção lhes traga vantagens.

A educação escolar promovida pelo Estado burguês é entrosada a sua ideologia porque o ensino existe em função do sistema de produção. Está longe de atender, portanto, à conclusão pragmática de Dewey que diz: “tudo deve ser ensinado tendo em vista o seu uso e função na vida”¹⁴⁰. No mundo atual o ensino deve estar voltado não somente para o uso e função na vida, mas para a salvação do mundo em que vivemos.

A vida tem como essência a realidade como o objeto de vivência do ser humano. A essência não é um ente metafísico, mas o conjunto de ações concretas que dinamizam o estado de coisas que formam o mundo social. Para Adorno a essência é

¹⁴⁰ DEWEY, John. *Vida e Educação* – Os pensadores. Op.,cit.p.131.

Assim eu diria: essenciais são as leis objetivas do movimento da sociedade referentes às decisões acerca do destino dos homens, que constituem a sua sina – que justamente é decisivo mudar – e que, de outro lado, também encerram a possibilidade ou o potencial para que a sociedade cesse de ser a associação coercitiva em que nos encontramos e possa ser diferente.¹⁴¹

Na passagem percebe-se claramente que a conotação de essência para Adorno toma um rumo bem diferente da definição tradicional oriunda da filosofia. A assertiva pode dar margem para se pensar que tudo está sob a égide do relativismo. No entanto, a essência, na sociedade industrial, para Adorno são os pressupostos que dão sustentação à identidade da sociedade que manipula o destino do sujeito em prol do princípio da dominação. Os pressupostos são os valores que dão suporte ideológico ao sistema de produção burguês e são reflexionados pela educação de resistência sob o prisma da dialética negativa.

Os pressupostos são lançados sobre a sociedade para uniformizá-la sufocando as contradições, ou seja, sufocando os valores que não se coadunam aos interesses do sistema. Os pressupostos são a sustentação da ideologia burguesa cujo telos é o lucro e o poder. A essência do mundo social como a expressão do poder da classe dominante ao passar pelo crivo da dialética negativa é desconstruída e reconstruída como história reflexionada.

A desconstrução é o mergulho do sujeito no objeto cuja reflexão imanente cria a possibilidade de reconstruir a história a favor do não-idêntico desvelando os valores recalçados pelo princípio da identidade da classe dominante. O desvelar desperta o sujeito para os valores que estão ao seu lado constituindo a realidade em sua multiplicidade. Na desconstrução e reconstrução o sujeito conclui que o mundo social é muito maior que a realidade dada pela indústria cultural.

A sociedade reflexionada se abre ao sujeito revelando que sua estratificação se rege pela dominação bruta ou sutil. A bruta está resguardada no aparato de repressão do Estado existente sob as ordens de quem quase nunca é punido pelos crimes que comete.

¹⁴¹ ADORNO. *Introdução à Sociologia*. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Unesp, 2007, p.87

A sutil está na realidade dada pelo dominador ao dominado. Este deve sempre ter fé e esperança em uma vida melhor neste mundo ou no além.

A dominação sutil conta com todo aparato institucional e cultural que tem suas raízes no processo civilizatório. Ela se dá no respeito e na obediência a favor do dominador. O dominador deve sempre está presente como um ser bondoso e responsável pela própria existência do submetido.

A transgressão dos valores dados é sempre vista como o grande sinal da desagregação social por medo do esquecimento da manutenção constante do culto ao poder dominador. A indústria cultural, no entanto, não se esquiva em abordar a questão do tabu nos meios de comunicação quando ela já sabe que tal tabu já tem sua função expirada para a autopreservação do poder. Deu-se assim com o tabu da virgindade feminina e com todo o movimento da contracultura iniciada nos anos 60. A queda do tabu é uma conquista da parte oprimida da sociedade, mas o sistema de produção capitalista se adapta rapidamente e transforma o que foi tabu em mercadoria.

Quando a transgressão fere seriamente os interesses econômicos a burguesia mobiliza o seu poder para obstruir o que não lhe interessa e reprime quem se atreve a levantar questões que importam mudanças que ponha em risco a subserviência do sujeito a favor do sistema. A questão do meio-ambiente, por exemplo, continua sendo um tabu quando atinge o modelo de progresso social baseado no industrialismo predatório. Na luta a favor do modelo de progresso que rende fortunas para os bolsos dos capitalistas faz-se necessária a repetição das palavras que não podem cair no esquecimento daqueles que têm somente a força de trabalho como fonte de sobrevivência: desemprego e fome. O dominador luta pela permanente submissão do oprimido aos seus interesses.

A escola de resistência ao reflexionar o poder dominante desvela a ilusão lançada pela burguesia de que todo poder é compartilhado. Despertar a consciência do sujeito é “produzir uma tradução das realidades do mundo exterior”¹⁴². A escola de resistência é a que leva o pensamento até a educação social do sujeito para que este se assuma como parte da multiplicidade ou das realidades que compõem o mundo exterior, como

¹⁴² MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Op. cit. p.111.

entende Morin. A escola promovida pelo Estado burguês é um instrumento de adaptação que funciona para que o sujeito se adéque às adversidades do mundo social provocadas pelo modo de produção capitalista.

A escola de resistência ao reflexionar o poder dominante põe sob dúvidas a política de adaptação da sociedade administrada. A finalidade do discurso do capital é fazer o sujeito se adaptar rapidamente, sem questionar, às mudanças no sistema produtivo que levam milhões ao desemprego ou a degradação do meio ambiente. A escola de resistência é a politização da realidade manipulada pelo princípio da dominação.

Imprimir o hábito da obediência é o que faz a sociedade de valores para sustentar o sistema burguês de produção. Os gritos e palavrões dos alunos insolentes que insultam o professor são engolidos sob o olhar severo do chefe de produção da fábrica. Não se deve, no entanto, crer que se tenha uma sociedade sem hábitos, pois a cultura é o exercício do hábito.

O estado de fragmentação da educação social está levando as famílias à incapacidade de dialogar com aqueles que estão até mesmo em tenra idade, mas a sociedade como poder impõe o peso da obediência sobre o sujeito. Isso denota a existência da sociedade forte sobre o sujeito fragilizado em seu núcleo. Um coletivo forte é um instrumento político que impõe um modelo de realidade facilmente absorvido pela consciência habituada a conceber a dominação como algo natural. Tal consciência é impotente para reflexionar a realidade dada. Instala-se, portanto, a potencialidade da violência que pode desaguar em barbárie. A submissão do sujeito concretiza as fórmulas dadas não por interesse das partes da sociedade, mas por razões econômicas que regram o acúmulo de riquezas e poder nas mãos de poucos.

Para Aristóteles “nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito”¹⁴³. É evidente que o homem como o maior transformador da natureza também sofre os efeitos dessa transformação porque ele também é natureza. Aristóteles coloca a formação como um legado do mundo social que deve ser apreendido pelo sujeito pela força da

¹⁴³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* – Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 137

repetição. O Filósofo de Estagira reconhece a multiplicidade de conceitos nos quais está mergulhada a consciência do sujeito. É claro que a realidade do cotidiano grego difere de modo substancial da vivenciada no ocidente moderno. Mas a humanidade na particularidade dos indivíduos enfrenta a mesma angústia na luta pela sobrevivência. A educação social do homem moderno impõe a ele uma variedade de conhecimentos cuja absorção imediata é vital para o desempenho no ambiente de trabalho.

Os hábitos e valores sociais sofrem mudanças significativas ao longo do tempo porque “viver é, sem cessar, morrer e se rejuvenescer”¹⁴⁴. Na sociedade dirigida pelo capital as mudanças estão vinculadas ao que ocorre na cadeia produtiva. O que parece rejuvenescer por parecer radicalmente novo é o que é vendido como logro pela indústria cultural. O que rejuvenesce a sociedade oprimida é desconstruir a identidade do opressor e se transformar em contradição. A burguesia tenta frear o rejuvenescer do oprimido educando-o a conceber tal comportamento como uma invectiva contra as verdades estabelecidas. A dialética negativa incide no conceito de verdade dado pelo poder dominante até emersão de suas intenções. A negação dialética revitaliza os valores reprimidos no próprio conceito de verdade dado pela classe hegemônica. A escola de resistência atua contra esse falso conceito de verdade que serve de sustentação da identidade do sistema de produção que eleva o progresso social ao campo do inexorável.

Os defensores do progresso social que – longe de pensar “no afastamento da desgraça derradeira, mas também em toda tentativa de mitigar o sofrimento que ainda persiste”¹⁴⁵ – estão de prontidão para colocar sob suspeita aqueles que defendem um progresso para a humanidade. Os conhecimentos que dão suporte as ciências empíricas estão tão ligados ao capital que o discurso a favor de um progresso que cuide de todas as partes da totalidade é logo desqualificado. O que importa é aquilo que se transforma em mercadoria.

Qualquer comportamento só é admitido na sociedade industrial quando está alinhado aos interesses do capital que são geridos pela indústria da necessidade.

¹⁴⁴ MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Op. cit. p.63.

¹⁴⁵ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Op.cit., p.53.

O capitalismo não é simplesmente o interminável acúmulo pelo acúmulo, mas a transformação implacável das condições e meios de acúmulos, a revolução perpétua da produção, do comércio, das finanças e do consumo.¹⁴⁶

A capacidade que tem o capital de se mobilizar para inovar os meios de produção pela maximização dos mesmos explica o extraordinário desenvolvimento da tecnologia em todos os campos dos seus interesses. A dinâmica do capital arrasta todos em seu movimento inclusive um processo educativo voltado totalmente para o seu domínio. Dialectizar o capital é tomar “consciência da historicidade da época na qual se vive”¹⁴⁷. A escola de resistência é um mergulho nessa historicidade que envolve a gama de conhecimentos que dá impulso a mobilidade do capital. O avanço do capital está imbricado a todo conhecimento desenvolvido pelo homem no curso da história.

A não reflexão sobre a dinâmica do capital que reduz tudo à categoria de mercadoria está gerando um processo de fragmentação social cujo destroçamento do núcleo familiar é a principal vítima. Isso ocorre, por outro lado, no momento da história em que se tem a possibilidade de transformar a realidade em prol da humanidade pelo alto grau de desenvolvimento das forças produtivas. No entanto, o que pode levar a humanidade a se posicionar a favor de si mesma é a iminência de uma catástrofe de efeitos irreversíveis como a do aquecimento global agravado pela emissão de gases ou a do uso do arsenal nuclear em uma guerra suicida. A função da escola de resistência é a de reflexionar um modelo de sociedade que se autodestrói e com isso criar a possibilidade de abalar as leis objetivas criadas pelo capital para administrar a sociedade.

A educação social na sociedade moderna sofre uma dinâmica que não se percebe em nenhum outro momento da história. A mobilidade das informações trocadas pelas redes sociais ligadas à internet, entre pessoas que residem em lugares diferentes e em fusos horários diferentes, tem um peso bem maior do que as das agências de notícias. A sua importância reside no fato de serem informações ligadas ao cotidiano e que, às

¹⁴⁶ CASTORIADIS, Cornelius. *O Mundo Fragmentado: as encruzilhadas do labirinto*. Tradução: Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.20.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.16.

vezes podem ser tida como bobagens. Um brasileiro pode travar uma conversa com alguém da Austrália e tratar sobre a coleta de lixo de ambos os lugares ou sobre jornada de trabalho, enfim são informações trocadas entre indivíduos comuns que sem ninguém perceber pode provocar modificações adaptadas a cada lugar.

É preciso estar atento ao movimento da linguagem do mundo globalizado que envolve a educação social e principalmente o que se manifesta como contradição. A fragmentação social é um problema do sujeito cuja possível solução se encontra no objeto, ou seja, na realidade manipulada que o sufoca. O educador resistente evita condenar um fenômeno social usando dogmas morais, sob pena de absolver o culpado. Como diz Vasquez:

Se por moral entendemos um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social dada, o seu significado, função e validade não podem deixar de variar historicamente nas diferentes sociedades. Assim como umas sociedades sucedem a outras, também nas morais concretas, efetivas, se sucedem e substituem umas às outras. Por isso, pode-se falar da moral da Antiguidade, da moral feudal própria da Idade Média, da moral burguesa na sociedade moderna, etc. Portanto, a moral é um fato histórico e, por conseguinte, a ética, como ciência da moral, não pode concebê-la como dada de uma vez para sempre, mas tem de considerá-la como um aspecto da realidade humana mutável com o tempo.¹⁴⁸

A posição do sujeito em uma sociedade administrada pelo capital é ditada por suas condições materiais. Para sobreviver em uma sociedade dividida em classes quanto menos ele tiver menos valor terá entre seus pares e entre os das classes mais favorecida.

No movimento do tempo histórico dirigido pela transformação nos modos de produção as razões de certos valores se modificam continuamente. Antes os grupos familiares tinham o homem como o único provedor. Até bem pouco tempo era o homem

¹⁴⁸ VÁZQUEZ, Adolfo S. *ÉTICA*. Tradução: João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996,p.25

o chefe da família¹⁴⁹. Todos lhes deviam obediência, a mulher não passava de um ser sem voz que existia numa escala inferior na sociedade.

A mulher e os filhos não passavam de propriedade do chefe da casa. Esse patriarcalismo teve seus alicerces abalados com o advento da revolução industrial. No instante em que a mulher começa a fazer parte do sistema capitalista como figura não mais só procriativa, mas produtiva, dá-se um lento, mas incessante caminhar para quebras de tabus. A velha moral familiar se esboroava sob o som das máquinas das fábricas. O esboroamento, no entanto, aparece na sociedade como contradição. E a contradição, como entende Adorno, é o índice de falsidade da identidade imposta pelo dominador. A identidade enfraquecida da consciência patriarcal e machista teve que se dobrar ao debate sobre a condição humana. Para Marcuse

A autoconsciência e a razão, que conquistaram e deram forma ao mundo histórico, fizeram-no a imagem e semelhança da repressão, interna e externa. Atuaram como agentes de dominação; as liberdades que acarretaram (e que foram consideráveis) cresceram no solo da escravização e conservaram essa marca de origem.¹⁵⁰

A consciência humana se constituiu no embate entre as condições impostas pela natureza e entre os próprios homens no âmago da sociedade. Para se firmar como ser dominador a racionalidade humana lançou um programa de repressão contra a natureza externa e a interna, a subjetividade. No jogo da dominação, a razão instrumental assume

¹⁴⁹ KOENIG, Samuel. *Elementos de Sociologia*. Tradução: Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p.158. Em sua análise sobre o papel da família Koenig nos revela que: “Em nossa própria sociedade, as funções da família ou estão mudando, tendo algumas desaparecido totalmente ou estando ainda em processo de desaparecimento. De fato, a própria instituição da família, embora básica em todos os tempos, varia de importância segundo as condições. Os etnógrafos revelam que, nas sociedades caçadoras, a importância da família aumenta com a escassez de suprimento de alimentos, e diminui com sua abundância. Em nossa sociedade, a família desempenhou um papel mais significativo no passado, pelo menos no aspecto econômico, do que acontece no presente. Tudo isso deve ser lembrado quando se considera o estado da família em nossa sociedade, que tem sido descrito como de desintegração. Encarada desse ponto de vista, essa desintegração pode indicar apenas que a instituição está sofrendo uma mudança e está procurando adaptar-se a novas condições; e, se compreendermos essas condições e os processos pelos quais ocorre a mudança, seremos capazes de minimizar seus males, auxiliando o seu ajustamento. Certamente não se ganhará nada procurando preservar formas passadas quando novas condições exigem mudanças nos objetivos e funções da instituição.”

¹⁵⁰ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Circulo do Livro, s/d, p.61.

o papel da natureza externa e submete sob o seu poder todos que não podem se defender.

Adorno e Horkheimer vêm na *Odisséia* de Homero, através do personagem Ulisses, o esboço do burguês, do indivíduo que irá, muitos séculos depois, comandar o sistema de dominação que, modernamente chamamos de capitalismo. A relação entre Ulisses e o burguês, está, segundo os autores da *Dialética do Esclarecimento*, assentada no episódio das sereias.

É durante o desenrolar do episódio das sereias que se dá o momento em que Ulisses se lança contra o mito ao resistir o canto fatal das sereias pedindo aos seus marinheiros que o amarrem no mastro do navio enquanto os seus comandados com os ouvidos vedados com cera continuam a remar sem ter a mínima noção da experiência vivida por seu patrão.

Ulisses passa pela experiência de poder controlar sua subjetividade. O controle da subjetividade do personagem de Homero é o que o sistema burguês de dominação vai utilizar para controlar a consciência dos indivíduos. A experiência de Ulisses é uma demonstração do que virá depois. Ulisses, apesar de ainda estar bem próximo ao mito, já o tem como algo que deve ficar no passado. A multiplicidade existente na natureza começa a se transformar na unicidade do cálculo. Amarrar-se ao mastro, para enfrentar o mito e deixá-lo numa condição de impotência é uma atitude calculada que só uma racionalidade já pré-disposta a se libertar do jugo da natureza poderia engendrar.

A repressão interna, como se refere Marcuse é o meio que a humanidade encontra para se afastar da natureza externa. É por meio da repressão interna que o homem elabora os conceitos que irão distingui-lo como um ser afastado da natureza. A violência da repressão interna está no fato de o homem esquecer que também é natureza. O esquecimento gera um sentimento cego de superioridade e uma fúria para dominar, especialmente os mais fracos. Como reflexo dos marinheiros de Ulisses¹⁵¹

¹⁵¹ HOMERO. *ODISSÉIA*, SP: Editora Abril, 1981, p.113: “ posto o Sol e sobrevivendo as trevas, meus homens foram dormir junto das amarras; mas Circe, tomando-me pela mão, fez-me sentar longe deles, deitou-se ao meu lado e interrogou-me sobre tudo quanto havia acontecido. Contei-lhe tudo como era de justiça. Então a preclara Circe me dirigiu essas palavras: ‘ Toda essa primeira provação está concluída. Escuta agora o que vou dizer-te: aliás um deus de novo te recordará isso mesmo. Chegarás, primeiro, à região das Sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem dar por

ficaram todos aqueles que passaram a viver sob a obediência do poder. Alijar alguém das experiências que fundamentam o mundo em que vivemos é à base da dominação pela escravização.

Lutar contra a dominação é a experiência máxima para se buscar o sentido da liberdade. A forma de dominação sofre mudanças no decorrer do tempo. Em alguns momentos da história o domínio contra o outro foi explícito em outros dissimulados, como o atual, sob o comando da sociedade industrial. Mas vivemos em uma época em que as relações sociais exigem cada vez mais discussões sobre os problemas que assolam a humanidade como um todo.

O globalizado abre a possibilidade de a humanidade discutir como evitar a destruição do mundo. Nunca se discutiu tanto sobre direitos humanos e o papel do homem não mais a frente de sua cidade ou país, mas a frente do planeta em que vivemos. Mas a velha violência por interesses econômicos persiste de modo mais cruel. A discussão, no entanto, deve primar pela qualidade e pelo poder de inserção da parte da sociedade oprimida, pois à medida que a humanidade se aliena dos seus reais problemas que podem levá-la à aniquilação fortalece o sistema de dominação gerido pelo capital.

2.2. O domínio do capital

O filósofo Rousseau, na obra *Do Contrato Social*, lembra que

Alienar é dar ou vender. Ora, um homem, que se faz escravo de um outro, não se dá; quando muito, vende-se pela subsistência. Mas um _____
isso, delas se avizinha e as escuta, nunca mais sua mulher nem seus filhos pequeninos se reunirão em torno dele, pois que ficará cativo do canto harmonioso das Sereias. Residem num prado, em redor do qual se amontoam as ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo. Prossegue adiante sem parar; com cera doce como mel amolecida tapa as orelhas dos teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvi-las. Tu, se quiseres, ouve-as; mas, que em tua nau ligeira te atem pés e mãos, estando tu direito, ao mastro, ao mastro, por meio de cordas para que te seja dado experimentar o prazer de ouvir a voz das Sereias. Se caso pedires e instares com teus homens que te soltem, que eles te prendam com maior numero de ligaduras. Em seguida, quando tiverem passado além das Sereias, não te direi com precisão qual das duas rotas deverá seguir; cabe a ti decidir em teu coração”.

povo, por que se venderia? O rei, longe de prover a subsistência de seus súditos, apenas dele tira a sua e, de acordo com Rabelais um rei não vive com pouco. Os súditos dão, pois a sua pessoa sob a condição de que se tornem também seus bens? Não vejo o que lhes resta ¹⁵².

A passagem contida no tema *Da Escravidão* da obra citada é ilustrativo como ponto de reflexão para analisar a forma de poder do capitalismo como sistema político e econômico. A figura pessoal do rei posta na obra do pensador genebrino mudou um pouco no ocidente. Onde existe a monarquia a pessoa do monarca tem uma função meramente simbólica, sem nenhum poder de interferência nos negócios do Estado. Mas, pode-se dizer que a função do rei mudou de mãos.

Sistemas e regimes políticos mudaram suas aparências, mas a essência sob a máscara tem seus súditos que se dispõem a alimentar à ganância de um rei consubstanciado em sistema econômico. Os discursos que levam a guerra são outros, os motivos são os mesmos: a dominação cega para espoliar os mais fracos em nome do poder e do lucro.

Os regentes do capitalismo trabalham a questão política financiando aqueles que, no sentido da palavra empregada por Rousseau, alienam-se aos seus propósitos e projetos. O capitalismo como regente absoluto não mais de uma nação, mas de quase todo planeta tem um custo tão alto que pode custar o próprio mundo. A assertiva tem como comprovação o impacto do processo de exploração contra a natureza e o próprio homem.

A relação entre capital e trabalho torna impossível, nos parâmetros do trabalho alienado, uma aproximação entre o homem e a natureza. O trabalho como linguagem do capital é o da submissão a um estilo de vida ligado ao prazer pelo consumo. Quem não pode consumir deve sentir-se excluído.

A política do sistema de produção é fomentar uma consciência individualista ligada exclusivamente aos interesses econômicos. No capitalismo, o sentido do trabalho que se executa derrubando árvores na floresta amazônica a mando de uma madeireira é

¹⁵² ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p.61.

o mesmo da indústria de remédios. Tudo deve ser resumido a lucros. A redução, pelo capital, do homem no trabalho abstrato à categoria de mercadoria reduz, também, o mundo inteiro à mesma categoria.

A perda da autoconsciência do sentido do trabalho é o trunfo que o capital usa para impor à sociedade necessidades ligadas aos interesses da classe dominante. O custo desses interesses se volta contra a parte oprimida da sociedade que não encontra opção quando para sobreviver o assunto é a troca da força de trabalho por salário. O capitalismo como sistema expropria o homem de si mesmo em nome da propriedade privada.

O trabalho é o principal instrumento de construção da sociedade humana. A transformação da natureza cada vez mais intensa por conta da alta tecnologia empregada na agricultura, mineração e indústria sugam os recursos de forma irracional e transforma o trabalhador em um ser submisso ao trabalho abstrato. É cada vez maior o pavor de não conseguir vender a sua força de trabalho no dia seguinte.

Reflexionar o conceito de trabalho no plano da educação de resistência e aguardar a sua repercussão na educação social é possibilitar o cuidado com os limites e a utilidade do trabalho para a vida humana. É válido para o futuro da vida na terra o agir consciente do sujeito singular contra as más conseqüências advindas da superexploração dos recursos naturais pela ação do trabalho. Essa discussão hoje é plausível por vivermos em um mundo cujas forças produtivas atingiram um grau de desenvolvimento nunca antes imaginado. O controle das forças produtivas pelas relações de produção capitalista está levando o mundo a uma crise ambiental, que se aprofundada, nem a alta tecnologia vai poder reverter o quadro caótico que já se apresenta de modo preocupante.

A discussão do sentido do trabalho em que a alta tecnologia impõe um ritmo acelerado de produção e, conseqüentemente, de exploração e degradação do meio ambiente merece uma atenção urgente da educação de resistência. Elementos combinados pela irracionalidade como: superpopulação, destruição e esgotamento das fontes de água potável e poluição de rios e oceanos está prenunciando uma catástrofe

social em escala planetária. A educação de resistência reflexiona “qualquer coisa inconciliável com o sentido da comunidade”¹⁵³.

Não há nada que não esteja atingindo de forma contundente o mundo em que vivemos que não esteja relacionado à venda da força de trabalho. O trabalhador para não morrer de fome se aliena ou se submete ao agressor da natureza e do homem. O desemprego como marca das crises do capital afeta o sentido organizativo da classe trabalhadora, pois as necessidades mínimas para a sobrevivência não podem esperar.

Marx, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, expõe criticamente a face perversa do trabalho que subsume o indivíduo a ponto deste valer menos que o objeto produzido. A alienação da atividade humana no capitalismo não se restringe somente ao objeto produzido de forma imediata em troca de salários, mas toda a cadeia formada entre o objeto produzido e os outros objetos que somados tendem a delinear o estado de consciência dos membros da sociedade.

A alienação dentro do processo de produção capitalista reduz o trabalhador ao alheamento quanto aos problemas que o cerca. A não vinculação da consciência à importância do trabalho como atividade que não somente supre as necessidades materiais, mas que também realiza o ser social como pessoa é a alienação do sujeito em relação ao objeto como realidade histórica. Marx diz:

Consideremos o ato de alienação da atividade prática humana, o trabalho, segundo dois aspectos: 1) A relação do trabalhador ao *produto do trabalho* como a um objeto estranho que o domina. Tal relação é ao mesmo tempo a relação ao mundo externo sensível, aos objetos naturais, como a um mundo hostil; 2) A relação do trabalho ao ato da produção dentro do trabalho. Tal relação é a relação do trabalhador à própria atividade como alguma coisa estranha, que não lhe pertence, a atividade como sofrimento (passividade), a força como impotência , a criação como emasculação, a própria energia física e mental do trabalhador, a sua vida pessoal – e o que é a vida senão

¹⁵³ ADORNO. *Introdução à Sociologia*. Opo.cit.p.114.

atividade? – como uma atividade dirigida contra ele, independentemente dele, que não lhe pertence.¹⁵⁴

Como lembra Marx na citação, a relação que o trabalhador tem com o objeto do seu trabalho, a de estranhamento, acaba refletindo na sua relação com o universo social. O esvaziamento das perspectivas do trabalhador denota o tratamento de mercadoria dado ao homem pelo homem. Esgotar o trabalhador físico e mentalmente é um modo de impor barreiras à sua capacidade reflexiva.

Se o sujeito não tem forças para pensar em si mesmo, o sistema assume essa função. A regra principal do capitalista é concentrar riquezas por meio do tempo trabalhado e não pago ao trabalhador. A angústia do trabalhador é sufocada pelo apoio integral ao sistema ou mergulhada nas promessas da indústria cultural para esquecer o dia seguinte. O trabalho mal remunerado e inseguro precisa ser esquecido. É no esquecimento que o trabalhador renova suas forças para enfrentar a angústia do dia seguinte. Se não reflexiona o sentido do trabalho, o lazer para esquecer acaba sendo a continuidade do trabalho alienado.

A valorização do trabalho é o resgate de sua função prazerosa. A sociedade humana é a expressão do trabalho encadeado ao longo do tempo histórico. Na sociedade capitalista, o homem mergulha no trabalho abstrato por ser a principal fonte de sobrevivência. É a única saída de quem tem somente a força de trabalho como objeto de troca. Com o advento do capital o sentido do trabalho, como instrumento de sobrevivência e sentimento de realização, é apropriado pelas relações de produção que impõe ao trabalhador um modo de vida cuja perspectiva é a realização pessoal pelo consumo.

O trabalho como atividade constitutiva da sociedade humana em todos os tempos tem um valor intrínseco. Em civilizações importantes para a formação da estrutura social e política do ocidente como a grega e a romana, houve um desprezo pelo trabalho que exigisse esforço físico, mas nenhum trabalho teria sido possível sem o esforço

¹⁵⁴MARX, Karl. *Manuscritos Econômico- Filosóficos*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d. p.163.

intelectual de quem desenhou aquedutos, palácios e pontes conjugado ao trabalho cuja exigência fosse à força física.

A moderna sociedade industrial resolveu parcialmente as penúrias do trabalho físico aplicando tecnologia em áreas do trabalho que antes só era possível com a intervenção de mãos e braços. A agricultura e a construção civil são os maiores exemplos. Na indústria, em alguns setores, a alta tecnologia assumiu a função quase que por completo da produção. Essa revolução, em que cabe ao trabalhador a simples tarefa de conferir e corrigir algum erro eventual da máquina está gerando milhões de desempregados.

A grande expansão da tecnologia no campo de trabalho expandiu a produção e absorveu uma grande quantidade de recursos como nunca houvera acontecido na história. O trabalho morto reduziu as oportunidades de emprego para a grande massa de trabalhadores no mundo inteiro.

O progresso como categoria imanente à natureza humana ocorre na interação entre racionalidade, trabalho produtivo e o meio ambiente. A racionalidade humana determina a diferença entre o homem e os outros animais pelo sentido singular que damos ao fazemos. A singularidade do trabalho tem como princípio a realização individual do sujeito que ocorre em forma de prazer pela participação ou realização de algo. Tirar essas qualidades humanas que se manifestam no envolvimento entre o sujeito e o trabalho é relegar o homem à condição de animais. É no conteúdo do trabalho que o sujeito forja o seu relacionamento com o mundo e, por conseqüência, a sua consciência.

A linguagem social é a história humana em seu longo entrosamento, no tempo, entre o trabalho produtivo e o meio ambiente. O resultado dessa relação é o conceito de cultura. Os variados trabalhos desempenhados delineiam as idiossincrasias dos indivíduos em sua singularidade, ou da coletividade a qual pertencem. Pessoas que falam o mesmo idioma e que, portanto, pertencem à mesma cultura podem ter visões bem diferentes em relação à política, música, religião e muitas outras coisas. Refletir sobre essas diferenças é pensar o mundo social como uma constelação de

particularidades. Qualquer tentativa de uniformização é uma eliminação violenta das diferenças que, segundo Adorno, constitui a realidade.

É função da educação de resistência refletir sob a constituição da realidade social que subsiste como movimento histórico no tempo. A reflexão é a busca pela compreensão dos elementos responsáveis pela manipulação da subjetividade dos indivíduos pelo conceito de progresso imposto pela classe dominante. A crítica contra o progresso social que destrói a natureza e submete o homem a um modelo de trabalho que inibe a sua capacidade reflexiva e cultiva um sentimento de estranhamento em relação ao próprio objeto que produz não deve ser feita com o entendimento de que o progresso em si é uma manifestação nefasta da racionalidade humana. Para Adorno, o progresso social é uma manifestação da humanidade no intuito de fugir do estado de natureza em que se encontrava em seus primórdios, dominada pelos ditames dos fenômenos naturais.

O progresso se realiza pelo trabalho singular e transformador do homem à medida que se afasta da figura do mito como representante do real. O desenvolvimento da técnica diferenciou o homem na natureza. O grande erro foi não reconhecer que a capacidade singular para transformar a natureza também é natureza.

A técnica impulsionou o homem para fora do estado de natureza. A sua realização é resultante do desencantamento do mito. O progresso, portanto, não é uma invenção da classe burguesa.

Enquanto a classe burguesa permaneceu oprimida, pelo menos no plano das formas políticas, opôs-se com a palavra de ordem do progresso à situação estacionária vigente; seu patos era o eco desta. Somente depois de esta classe já ter conquistado as posições de poder decisivas, o conceito de progresso degenerou em ideologia, que logo foi imputado pela vácuca profundidade ideológica, ao século XVIII.¹⁵⁵

O progresso como ideologia na sociedade administrada pela classe burguesa alimenta a idéia do inexorável ou daquilo que não pode parar, pois sem o progresso

¹⁵⁵ ADORNO. *Palavras e Sinais*. Op.cit., p.52.

industrial do modo que é executado haverá a fome e a involução para o estado de natureza. É um logro do sistema de produção que na modernidade conta com a indústria cultural como suporte. Progredir é abrir o caminho para a emancipação do homem em sua luta contra a dominação. A educação do Estado ao apoiar o conceito de progresso dado pelo sistema burguês de produção levanta a questão sobre a necessidade que tem o educador de se educar em prol da humanidade. O progresso ao ser posto sob o plano da reflexão crítica desvela a constelação de conceitos a respeito do mesmo. Para os religiosos o progresso é o sacrifício do corpo para salvar a alma; para outros é o desenvolvimento tecnológico que melhora a saúde e dá longevidade as pessoas e assim por diante. Para Adorno:

Aqueles que, há tempo e com palavras sempre novas, querem sempre o mesmo: que não haja progresso, dispõem ai de pretexto mais perigoso. Ele se nutre do sofisma, já que até hoje não teria havido progresso, tampouco deveria havê-lo. Apresentam o triste retorno do mesmo, como mensagem do ser que deve ser captada e respeitada, enquanto na realidade, o próprio ser a quem se atribui a mensagem é um criptograma do mito.¹⁵⁶

Analisando a citação em sua amplitude podemos inferir que a assertiva adorniana é uma defesa, não do sentido dado ao progresso pela sociedade burguesa, mas a categoria progresso como saída emancipatória. É discutindo o sentido de progresso que se pode refletir a respeito da relação entre o sujeito e a realidade social. Entre o trabalho abstrato que maltrata a natureza interno dos indivíduos e a sua utilidade para o capital. Pensando no que fazemos é que podemos transformar a sociedade que nos oprime.

O rompimento com o conceito de progresso social defendido pelo sistema de produção burguês vai ocorrer por meio da negação dos valores impostos pelo sistema de produção cujos efeitos são sentidos na natureza. A negação dialética do que é imposto, como entende Adorno, cria a possibilidade da geração da humanidade no homem.

A geração da humanidade, para Adorno, passa pela dialetização do real até que se debele a injustiça e a própria dialética. Sob esse prisma até a dialética negativa passa

¹⁵⁶ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit.,p.51.

pelo seu próprio crivo. Assim também a educação de resistência terá o seu fim se, por ventura, for alcançada a verdadeira educação. Adorno, no entanto, diz que: quanto mais forte e sólido é o espírito, maior será a resistência do sistema de dominação.

O domínio do capitalismo moderno controla, não somente o trabalho abstrato como, também, as forças de produção. O parlamento, como parte importante da superestrutura da sociedade burguesa, é não somente o legislador, o criador de leis protetoras do grande capital, mas o sustentáculo da linguagem daqueles que detém o poder.

A representação parlamentar tem atraído, para um abraço mortal, importantes representantes da classe trabalhadora. Com a desculpa de divulgar a sua política de libertação durante o processo da campanha, até partidos tidos como radicais de esquerda já perdeu militantes para a causa burguesa. A enganosa heterogeneidade do parlamento ilude a massa. Esta se ilude ao pensar que estão ali os representantes do povo. O militante de esquerda que é eleito deputado ou senador se envolve tão rapidamente na política de sustentação do mandato que se esquece da sua função primordial que era a de fazer parte da resistência da parte oprimida da sociedade. No redemoinho do poder burguês, ele logo se transforma em logro e parecerá com o sacerdote que reza a missa, mas não acredita mais em Deus.

É importante que se diga que a representação parlamentar burguesa é bem melhor que a ditadura militar burguesa ou comunista truculenta. Não quero, em absoluto, insinuar que a representação não seja importante. Mas quem se envolve com o movimento social comprometido com as necessidades do povo trabalhador ao chegar ao parlamento burguês pela via eleitoral passa a servir a dois senhores. E um deles é enganado, seguramente não será o burguês.

Os problemas sociais postos na pauta de discussão do parlamento devem ser ouvidos com atenção. Se dermos as costas, como muitos fazem depois de eleger pessoas que sequer conhecem para representá-las, jamais saberemos o quanto ou em quanto fomos enganados. O parlamento, assim como todas as instituições que constituem a superestrutura que dão sustentação ao poder do capital deve ser instrumento de reflexão da educação de resistência. A educação de resistência cultivada na educação social o

espírito de vigilância para que a consciência crítica atue como resistência a favor da parte oprimida da sociedade onde incide o maior domínio do capital.

A cobrança por soluções de problemas que afligem as pessoas passa pela desconstrução do modelo de progresso social burguês cuja forma não foi inventada pela classe dominante. Um progresso que cultive a humanidade do homem e não a destruição das pessoas e do mundo em que vivemos é a reconstrução do que nos trouxe até o presente. Existe um só progresso de múltiplos conceitos, mas não dois ou mais progressos. O progresso que temos e que hoje está sob o comando do sistema capitalista de produção é um construto da humanidade no tempo histórico.

A educação de resistência reflexiona a categoria progresso, ou seja, desconstrói o conceito de progresso social dirigido pela burguesia até desvelar a sua verdadeira face. O saber humano como motor do progresso está concentrado no apoio à superexploração contra o homem e a natureza. É reflexionando o progresso que desbrava o mundo e transforma a sociedade humana em poder absoluto sobre a terra que iremos atrás do que realmente progredi. A concepção de progresso social da burguesia representa o sentido que o sistema capitalista deu a ele para a preservação do poder que se sustenta por meio da propriedade privada.

Dialetizar o conceito de progresso social burguês é negar o seu sentido que alimenta a desigualdade e o sofrimento da humanidade. A dialética da negação é uma crítica imanente contra os conceitos que dão sustentação à linguagem do capital. As conquistas tecnológicas, que dão possibilidade de comer mais, viver mais e melhor, devem ser preservadas, pois são conquistas ligadas ao trabalho humano no plano histórico.

Atacar a tecnologia como a causa do caos que está se apoderando do mundo do trabalho e do meio ambiente é um equívoco. O caos é provocado pela irracionalidade no manejo da tecnologia. Quem faz prospecção de petróleo em alto mar põe em risco a fauna e flora marinha quando já existem meios para se desenvolver energia alternativa em larga escala é a ganância das companhias de petróleo. A tecnologia é só um instrumento cuja criação parte do homem e seus usos também.

Os gestos de irracionalidade contra a natureza e o próprio homem, em que este é o seu agente, são calculados de acordo com a medida do lucro. A ciência se desenvolveu a ponto de tornar realidade algumas idéias que só se via na virtualidade do cinema ou nos romances de ficção científica. No entanto, ela está perigosamente comprometida com os interesses do capital. Mas é essa mesma ciência que devemos reflexionar para que possamos criar possibilidades de fazer com que ela tenha um único propósito: o de servir a humanidade e não ao mercado.

Dialetizar a ciência que não pára de surpreender com novas descobertas é ir à busca do que progredi, ou seja, é não aceitar as criações deletérias ao homem e a natureza. O que deve progredir hoje não é a ciência, mas um pensamento que aplique a ciência onde seja necessário. A ciência dirigida pelo capital é aplicada em qualquer lugar ou circunstância, pois em nome do dinheiro o capital prega à máxima: o progresso não pode parar. Problematizar o progresso social com a dialética negativa é aplicar um modelo de reflexão cujo alvo é o trabalho abstrato, ou seja, o trabalho que produz valor para o capital apagando a consciência do sujeito. A alienação do homem em relação ao destino do que produz transforma qualquer empreendimento do capital que cause danos à humanidade e ao meio ambiente em algo necessário sob o pretexto de que o progresso não pode parar.

Não refletir imanentemente sob o conceito de trabalho é não tomar consciência do que se produz. O objeto produzido se interliga no mundo social formando um estado de coisas que modela a dinâmica da sociedade em vivemos assim como a lógica de dominação. O capital ao inibir a capacidade reflexiva do homem faz com este renuncie as suas qualidades humanas e transforma-o em mercadoria. Para Rousseau:

Renunciar à liberdade é renunciar, aos direitos da humanidade, e até ‘aos próprios deveres. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem, e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações. Enfim é uma inútil e contraditória convenção a que, de um lado, estipula uma autoridade absoluta, e, de outro, uma obediência sem limite.¹⁵⁷

¹⁵⁷ ROUSSEAU. *Do contrato Social ou Princípios do Direito Político*. op.cit.p.21.

A análise de Rousseau guarda uma interessante atualidade, pois a resposta que a parte oprimida da sociedade pode dar contra o poder opressor do capital é não reconhecê-lo como autoridade absoluta de sua subjetividade. A liberdade renunciada se manifesta como uma fuga do trabalho que o angustia. A fuga se dá no lazer indicado pela indústria cultural que, segundo Adorno, tanto se assemelha ao trabalho. É equivocado imaginar que existe uma escuridão que toma a consciência do trabalhador. A exploração existe e é sentida, mas não é pensada.

A educação de resistência é uma postura crítica do educador em relação à função da escola como simples instrumento de maximização do sistema produtivo. A educação de resistência estimula uma leitura universal do mundo social a partir do respeito às diferenças que compõe cada parte da sociedade. A linguagem expressada no sistema educacional tradicional é a do poder e a da escola de resistência é a da consciência crítica capaz de reflexionar esse poder.

A reflexão sob o objeto histórico é para conhecê-lo em suas profundezas até que o sujeito seja capaz de não absorver a realidade dada como se fosse sua. A educação de resistência ao estimular o sujeito a pensar o transforma em sujeito cujo agir é a práxis pensada, como entende Adorno. Ao se reflexionar o sistema de produção capitalista moderno sob o prisma da dialética negativa tem-se como objetivo provocar no sujeito o reconhecimento da sua condição como ser dominado por interesses econômicos que não correspondem as suas necessidades.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO COMO PERSPECTIVA PARA A EMANCIPAÇÃO

No presente capítulo o tema central a ser abordado é a função da educação escolar de resistência como instrumento de reflexão a respeito da emancipação. A discussão, no entanto, para gerar uma possibilidade de êxito necessita que a escola de resistência mergulhe na multiplicidade da educação social. Nesse sentido a educação de resistência se deixa mediar pela educação social. Cumprindo a função de educação mediada pelo mundo da vivência, espera-se que a educação de resistência se torne também um instrumento de mediação junto aos valores que vigoram entre os indivíduos nas relações sociais.

A função de instrumento de mediação da educação de resistência junto à educação social – que é a educação que recebemos das pessoas e do ambiente social que nos cerca – é a de reflexionar os valores repassados espontaneamente no curso das gerações e que muitas vezes carregam conceitos regressivos ligados a intolerância em aceitar o

diferente. Esses valores são arraigados no comportamento do sujeito e sobrevivem no decurso do tempo. A não aceitação do diferente e outras ordens de preconceitos resistem à marcha do tempo independentemente do desenvolvimento tecnológico da sociedade.

A educação escolar de resistência existe como manifestação do sujeito que reflete a sociedade e compartilha essa reflexão na educação social. A sociedade composta por pessoas capazes de pensar o real em prol da humanidade cria condições de não aceitar a injustiça. Por isso, a intenção da educação de resistência é fazer com que a escola se imiscua no mundo social e reflexione o caleidoscópio que é a sociedade humana.

O movimento histórico que envolve o sujeito é a linguagem da educação social. Essa linguagem é o fundamento da educação escolar de resistência porque expressa a práxis do sujeito no mundo social. A práxis como um agir pensado no cotidiano pode criar a possibilidade da emancipação e, por consequência, transformar a sociedade em vivemos em um lugar onde o conflito não se transforme em catástrofe.

Educar para a emancipação é tomar uma “posição decisiva pela educação para a emancipação”¹⁵⁸. Cabe a educação de resistência discutir a liberdade como caminho para a geração da humanidade do homem, como entende Adorno. Emancipação humana, portanto, é o interesse de todos em cuidar do todo a partir de suas partes. Sob esse enfoque “quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso”¹⁵⁹. A emancipação é um processo que se dá na busca de conciliação entre os conhecimentos consubstanciados em poder tecnológico e o direito de todos ao seu usufruto em um estado de reconciliação com a natureza. A educação de resistência é a educação para a emancipação porque é uma tomada de posição da educação escolar a partir do educador.

A emancipação só se torna realidade na educação social porque é por meio dela que o sujeito se expressa de modo espontâneo como ser social. A educação de resistência reflexiona a linguagem legada pelo processo histórico-cultural em que já se nasce mergulhado e se manifesta a partir dos primeiros raios de consciência. Não é papel da educação de resistência forjar um modelo de emancipação, mas o de desvelar a

¹⁵⁸ ADORNO. *Educação e Emancipação*. Op. cit., p.172.

¹⁵⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p.62.

emancipação que existe como sentido do desenvolvimento social humano. A emancipação é a busca pelo verdadeiro sentido do esclarecimento. Este, segundo Adorno e Horkheimer, surge como manifestação da racionalidade do homem para libertá-lo, mas se perde por conta da mesma racionalidade ao escolher o caminho da dominação e da barbárie.

Intervir criticamente nos fatos que por interesses econômicos e ideológicos possam infligir sofrimentos à vida de um modo geral é denotar que não se é um sujeito passivo da história, mas um agente do cuidado que merece ter o mundo em que vivemos. Como lembra Adorno em *Educação e Emancipação*,

Nem nós somos meros espectadores da história do mundo transitando mais ou menos imunes em seu âmbito, e nem a própria história do mundo, cujo ritmo frequentemente assemelha-se ao catastrófico, parece possibilitar aos seus sujeitos o tempo necessário para que tudo melhore por si mesmo.¹⁶⁰

Adorno incide sobre a necessidade do sujeito se impor perante a sua própria história que invariavelmente é dirigida pelos interesses de quem detém o poder político e econômico. A espera pela melhora de uma situação de injustiça por si mesma não é exatamente um auto-abandono, mas o resultado de um comportamento imposto pelo poder dominante à parte oprimida da sociedade onde se julga que o bom é esperar e ser obediente.¹⁶¹

A relação de dependência entre o sujeito oprimido e a autoridade é alimentada pelo desejo incessante de que a autoridade política lhe dê até mesmo uma ilusória escola de qualidade. A heteronomia no plano do convívio social reduz a consciência do sujeito ao estado de escrava da autoridade. A autoridade em vez de executar as premissas de

¹⁶⁰ ADORNO. *Educação e Emancipação*, op.cit.p.45

¹⁶¹ DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte MG. Editora UFMG, 2007, p.8. “Pois a humanidade se defronta com um estado verdadeiramente calamitoso, onde não faltam guerras, miséria, fome privação, opressão, perseguição e obscurantismo e os conteúdos disseminados pelos *media* nos ensinam que sempre foi assim e que não há outro caminho a não ser o da apropriação privada e do excedente social – o resto é ilusão”.

quem a sustenta, a grande massa, executa os desejos alinhados aos interesses do capital. A nossa minoridade se constitui no mito¹⁶² da autoridade.

Na educação social a minoridade se manifesta na facilidade que tem o sujeito de se entregar à força do coletivo social dirigida por autoridades sedentas para apontar o indefeso como culpado. Esse poder é usado contra o próprio sujeito, pois é uma tentativa de eliminação da multiplicidade do mundo social. A crença cega na autoridade mede a descrença do sujeito em si mesmo. A descrença fortalece o controle da sociedade por parte do poder dominante que se impõe sobre ela por meio da indústria cultural ou pelas forças de repressão. A consequência maior advinda da esperança no poder burguês é a fragmentação social manifestada na valorização do juízo de valor da classe hegemônica. Ao não reflexionar o apoio dado ao capital o sujeito colabora em ações e medidas que visam muito mais a beneficiar os interesses estritos da classe dominante do que da parte oprimida da sociedade da qual faz parte.

O movimento que leva a emancipação social é a reflexão sobre o que nos faz não sair da minoridade. E isso está intrinsecamente ligada à questão da autonomia. A educação para a emancipação na escola de resistência é a busca pelo desenvolvimento da capacidade humana de se relacionar com fatos *hic et nunc*, ou seja, do momento presente, com autonomia. A força da autonomia no conjunto dos indivíduos que compõe a sociedade tem como pano de fundo a capacidade de negar criticamente a realidade dada pelo princípio da dominação. A autêntica autonomia provém do seio do movimento da sociedade oriunda da reflexão e da organização do sujeito na busca como, diria Adorno, da desbarbarização do ser humano.

Não há emancipação humana sem a presença do ser humano em plenas condições de compreender a sua função no mundo social e elaborar um pensamento reflexivo fundamental para tomar uma atitude contra o que lhe é imposto. A presença do sujeito com autonomia faz a diferença e cria a perspectiva de uma sociedade emancipada. Sem autonomia o sujeito se torna refém do coletivo e passa a ser manipulado pelo poder político e econômico.

¹⁶² FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1974, p.15. Quanto ao conceito de mito o grande economista diz: “Assim, os mitos operam como faróis que iluminam o campo de percepção do cientista social, permitindo-lhes ter uma visão clara de certos problemas e nada ver de outros, ao mesmo tempo que lhe proporciona conforto intelectual, pois as discriminações valorativas que realiza surgem ao seu espírito como um reflexo da realidade objetiva”.

O controle do todo por parte do grande capital gera um falso sentido de autonomia por meio da indústria cultural. É bom lembrar que a autonomia como categoria é muito bem vendável pela indústria cultural enlaçada a outra categoria muito atraente chamada liberdade. As duas categorias caem bem na pretensão de fabricar um comportamento relacionado a um produto da grande indústria. O desafio da escola de resistência é reflexionar o impacto da indústria cultural na educação social ao manipular a linguagem da cultura na qual estamos mergulhados. É refletindo sobre o papel do sujeito na educação social que se pode discutir o verdadeiro sentido de autonomia. O não desenvolvimento da reflexão sobre a realidade deixa no campo da impossibilidade qualquer discussão séria sobre emancipação no mundo social.

A autonomia se manifesta no sujeito quando o seu olhar crítico envolve a realidade dada pela indústria cultural. É por meio da sua capacidade reflexiva como, entende Adorno, que o indivíduo cria a possibilidade de vislumbrar que aquilo que *é* é muito do que *é*. A visão clara das coisas, como alerta Paulo Freire, evita que o sujeito caia inconscientemente na ideologia de quem utilizando um discurso salvacionista está, no entanto, almejando o poder num determinado momento de fragilidade social. Nessa breve passagem do livro *Rebelião das Massas*, José Ortega y Gasset diz o quanto devemos ir além do que nos é apresentado como algo acabado, numa referência aos conceitos de cultura e política. Para Gasset, alguns

Olham da história só a política ou a cultura, e não advertem que tudo isso é só a superfície da história; que a realidade histórica é, antes que isso, um puro afã de viver, uma potência parecida às cósmicas; não a mesma, portanto, não *natural*, mas sim irmã da que inquieta o mar, fecunda a fera, põe flor na árvore, faz tremeluzir a estrela.¹⁶³

O filósofo espanhol mergulha naquilo que para Adorno deve ser eclodido: a identidade imposta como verdade ou como realidade dada pela ideologia da classe dominante. No mergulho reflexivo Gasset nos mostra que somos, mesmo de modo diferente, filiados à natureza no mundo social e constituídos pelas incontáveis gerações

¹⁶³ GASSET, José Ortega y. *A Rebelião das Massas*. Tradução: Herrera Filho. Rio de Janeiro. Livro Ibero-Americano, 1971,p.70.

representadas pela história que nem sempre estão nos livros, mas no nosso modo de ser. Gasset toma o cuidado de na passagem, indiscutivelmente poética, expressar que o movimento que nos constitui como seres históricos não é uma cópia do que subsiste na natureza, mas guarda indiscutíveis semelhanças que não são reconhecidas por quereremos estar acima da natureza.

A relevância da passagem do livro de Gasset nos remete ao apelo que faz Adorno quanto à necessidade de a humanidade se reconciliar com a natureza e não projetar racionalmente o violento sistema natural no mundo social com o intuito de dominar o homem e a própria natureza. A reconciliação entre o homem e a natureza passa pela educação de resistência que entrosa o saber às qualidades humanas em que se dá a autonomia. A busca pela autonomia também é o cuidado de criar condições para evitar as catástrofes que possam por em risco à existência da vida no mundo em que vivemos.

A autonomia é a busca do sujeito para libertar a humanidade do estado de consciência que forjou uma sociedade cujo saber produzido pelo esclarecimento serve a prática da violência em nome do poder e do lucro. Para Adorno,

A ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade a que remete a idéia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade.¹⁶⁴

A realidade administrada pelo poder do capital dita as regras de sobrevivência de acordo com os interesses da classe dominante. A sobrevivência na sociedade moderna está pautada pela exploração irracional dos recursos naturais e pela perda cada vez maior da dignidade humana que se fragmenta quando se centra no consumo como valor

¹⁶⁴ ADORNO. *Educação e Emancipação*, op.cit.p.43

maior. Mas nenhum desses perigos interessa aos donos do poder, pois, o mais importante para o capital é o volume de dinheiro que entra na conta bancária dos donos dos meios de produção.

Em meio a isso a linguagem que justifica uma grave recessão, por exemplo, que tira o emprego de milhões de trabalhadores chega, rapidamente, aos ouvidos e olhos da massa por intermédio dos meios de comunicação. A mídia aliada do capital trata logo de inocentar os responsáveis pela tragédia. A educação social nesse sentido absorve não só os momentos de sofrimentos recorrentes, mas tende a tratá-los como forças do destino. A linguagem encoberta pelo economês hermético para o indivíduo comum carrega causas falaciosas que passam a circular de modo confuso entre as pessoas que sentem objetivamente os efeitos da crise. O sistema econômico prepara os inocentes para a expiação de uma culpa que não é sua.

O poder da burguesia se fortalece à medida que as pessoas se abandonam às promessas de salvação do poder dominante. Cabe a educação de resistência desconstruir a culpa imposta ao sujeito. A desconstrução o posiciona criticamente diante do que lhe é astuciosamente imposto como sacrifício para salvar e manter o lucro dos capitalistas. A educação social se politiza à medida que o sujeito desenvolve a sua capacidade reflexiva nos marcos da autonomia. Para isso é necessário discutir o mundo da vida. O sujeito que se educa na escola de resistência e transfere a sua capacidade reflexiva à educação social interfere de modo qualitativo nas entidades que compõem a organização social de defesa da parte oprimida. É importante a presença da educação de resistência nos sindicatos, nas entidades estudantis, nas associações de moradores e nos partidos políticos. Essas entidades também desempenham um processo educativo, apesar do seu caráter superestrutural.

As discussões nas entidades representativas, assim como nas escolas que se ligam a educação de resistência, só terão validade se repercutir espontaneamente nas interlocuções diárias nas ruas, em casa e no ambiente de trabalho, principalmente. À medida que possamos valorizar a necessidade de resolver os nossos problemas usando os canais de defesa constituídos por pessoas que se preocupam com a questão da autonomia nos impediremos de cair nas armadilhas da realidade dada.

A escola de resistência, portanto, é a manifestação de uma sociedade que em seu movimento de libertação do jugo da dominação alienante do poder do capital deseja levar adiante o processo de emancipação social educando as novas gerações a pensar com autonomia.

O sujeito por meio da educação de resistência vê a linguagem da educação social por um prisma que revela a riqueza de conceitos que a indústria cultural não consegue abarcar em sua pretensão de ser totalidade. A linguagem da educação social é um processo espontâneo que arrasta a cosmovisão de gerações até os primeiros educadores de quem acaba de nascer, ou seja, os pais ou exclusivamente a mãe. Esse conjunto de experiências trazido pelo turbilhão do tempo nos revela pela língua que falamos e pelos costumes que nos faz seres diferenciados em meio a outros grupos sociais ou à cultura de outros povos. A educação social marca o modo de ser do sujeito ao longo de sua existência.

Na sociedade atual a indústria cultural compete com os pais na formação de crianças e jovens invadindo e fragmentando os valores tradicionais da educação social. A competição é desigual, pois vivemos em um tempo cujo acesso à informação sobre qualquer coisa é possível graças à rede mundial de computadores. A falta de conhecimento crítico a respeito da qualidade e do jogo de interesses por trás da informação fragiliza a educação social. Se alguém ficar ligado ao que ocorre no mundo através dos meios de comunicação de massa pode ter a ilusão de estar atualizado ao pensar que todas as informações são imparciais ou verdadeiras.

O turbilhão de informações promovido pelo sistema de comunicação moderno engolfa a educação social modificando modos de expressão que na Idade Média e no Renascimento, segundo Mikhail Bakhtin¹⁶⁵, só ocorria por força das manifestações da

¹⁶⁵ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo – Brasília, Hucitec/UNB, 2008, p.14. “Vamos tratar agora da terceira forma de expressão da cultura cômica popular, isto é, de certos fenômenos e gêneros do vocabulário familiar e público da Idade Média e do Renascimento. Já dissemos que durante o carnaval nas praças públicas a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana criava um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de estabelecer na vida ordinária. Era um contato familiar e sem restrições, entre indivíduos que nenhuma distância separa mais.

Como resultado, a nova forma de comunicação produziu novas formas lingüísticas: gêneros inéditos, mudanças de sentido ou eliminação de certas formas desusadas, etc. É muito conhecida a existência de fenômenos similares na época atual. Por exemplo, quando duas pessoas criam vínculos de amizade, a distância que as separa diminui (estão em ‘pé de igualdade’) e as formas de comunicação verbal mudam

cultura popular. Nos tempos atuais a cultura popular foi apropriada pela indústria cultural e transformada em mercadoria rentável para os poderosos meios de comunicação.

O movimento histórico que gera a educação social sempre foi objeto de controle quanto a sua espontaneidade nas sociedades estruturadas. À medida que as sociedades se tornaram complexas o comportamento espontâneo das massas passou a ser objeto de preocupação e controle por parte das elites. Na Idade Média e mesmo no Renascimento o controle da Igreja sobre os indivíduos era de mando sobre a vida ou a morte de cada um. A catarse registrada nos eventos carnavalescos pelo pensador russo Bakhtin deriva em parte da grande necessidade de extravasar a angústia derivada do sentimento fatalista que permeava a existência da grande massa analfabeta que sobrevivia sob a nebulosa crença de que o juízo final estava cada vez mais próximo.

O carnaval na Europa era um evento cultural cuja tradição provinha do império romano. Sendo um momento lúdico realizado desde tempos imemoriais para vivenciar um folguedo em que se podiam quebrar as regras ou esquecê-las e até ridicularizá-las podia-se não se importar, por alguns momentos, com a figura do inferno imposto como regra de controle pela Igreja medieval. O carnaval, então, para Bakhtin era, além da catarse, um momento de renovação. A elite que também participava dos festejos sabia que era só um momento com hora marcada para terminar e que todos voltariam à velha ordem com energia renovada.

A educação social em seu movimento incessante e espontâneo sempre esteve sob a vigilância de uma classe hegemônica seja na idade média pela Igreja, seja na sociedade industrial pela burguesia. As transformações no mundo social moderno pela revolução tecnológica trouxeram à humanidade os benefícios já conhecidos na área da saúde, alimentos, transportes e informações velozes. As transformações são as mais amplas possíveis, mas também nos reservou o perigo da destruição total que começou com advento das duas primeiras guerras mundiais. A crise ambiental aliada à ameaça nuclear

completamente: tratam-se por tu, empregam diminutivos, às vezes mesmo apelidos, usam epítetos injuriosos que adquirem um tom afetuoso; podem chegar a fazer pouco uma da outra (se não existissem essas relações amistosas, apenas um ‘terceiro’ poderia ser objeto dessas brincadeiras), dar palmadas nos ombros e mesmo no ventre (gesto carnavalesco por excelência), não necessitam polir a linguagem nem observar os tabus, podem usar, portanto, palavras e expressões inconvenientes, etc.”

requer a luta por um presente que elabore um passado digno para a humanidade. Para Adorno,

A pergunta “O que significa elaborar o passado” requer esclarecimentos. Ela foi formulada a partir de um chavão que ultimamente se tornou bastante suspeito. Nesta formulação, a elaboração do passado não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara. Mas o que se pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória. O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça. Certa feita, num debate científico, escrevi que em casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimentos.¹⁶⁶

A elaboração do passado, para Adorno, passa pelo cuidado de como “o passado será referido no presente”¹⁶⁷, ou seja, de como reflexionamos o passado resistindo “ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível”¹⁶⁸. Elaborar o passado, para ele, é reflexionar e desconstruir a identidade de quem deseja elaborar o passado pelo esquecimento.

A realidade sob o crivo do conhecimento crítico é um caminho para que o sujeito rejeite a repetição das tragédias humanas provocadas por interesses ideológicos ou econômicos. A barbárie é uma consequência da loucura pela dominação de quem detém o poder e não se constrange em tomar medidas irracionais que levam ao aniquilamento dos valores humanos e a prática de genocídio. Adorno suspeita

Que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física.¹⁶⁹

¹⁶⁶ ADORNO. *Educação e Emancipação*, op.cit.p.29.

¹⁶⁷ *Ibidem.*,p.46.

¹⁶⁸ *Ibidem.*

¹⁶⁹ *Ibidem.*,p.159.

A violência física é a manifestação explícita de um comportamento social fomentado pela intolerância frente ao diferente. O uso político do potencial de violência contido nas massas contra o diferente é um meio que os grupos de idéias fascistas utilizam para se aproveitarem de predisposições históricas criadas por diferenças culturais e religiosas. Ao galvanizar o sentimento de fúria das massas que aflora em momentos de crise aguda os fascistas transformam a sociedade em pura violência contra quem é escolhido para ser culpado. É o ápice do delírio de mentes que usam o poder político, econômico e técnico da sociedade para agirem como o pior dos predadores. Para Adorno:

O delírio é um substituto do sonho de uma humanidade que torna o mundo humano, sonho que o próprio mundo sufoca com obstinação na humanidade. Mas ao *pathos* nacionalista se junta tudo o que ocorreu entre 1933 e 1945.¹⁷⁰

Na passagem Adorno faz uma crítica à paixão nacionalista que guarda no sentimento de exclusivismo a semente da exclusão e da desvalorização do outro. Sua assertiva recai na disposição dos administradores da sociedade em se dispor a elaborar o passado estimulando o esquecimento dos acontecimentos trágicos provocados pelo próprio homem e, que, se esquecidos fatalmente podem se repetir.

O esquecimento da sociedade do que houve de terrível e vergonhoso na história só acontece se houver não só o silêncio das vítimas, mas principalmente o de outro discurso engendrado para tentar desligar o presente do passado. O silêncio sempre foi à marca do desamparo e do arroubo do poder autoritário.

Neutralizar ou manipular os conhecimentos históricos sobre os atos de violência contra vítimas inocentes é um dado que leva a crer que os instrumentos políticos ligados ao poder dominante continuam ligados à prática da destruição de pessoas para atingir seus objetivos. Sob esse prisma não é difícil deduzir que os movimentos sociais preocupados em combater as injustiças são alvos permanentes de combates por parte de um sistema de produção que sabe perfeitamente que o desequilíbrio social é a sua principal fonte de autoconservação.

¹⁷⁰ Ibidem,.43.

Controlar os movimentos sociais que reivindicam terra, teto e melhores condições de trabalho são um modo eficiente de evitar a politização da educação social e, por consequência, a formação do sujeito dotado de autonomia. A burguesia não teme quem reivindica aumento de salário, mas se apavora quando percebe que a greve de trabalhadores discute questões que vão além de meros percentuais. Exercer um forte poder sobre a linguagem que chega aos sentidos do sujeito é um modo de impor um processo educativo que põe o sujeito em constante envolvimento com os valores do capital.

A rigor a emancipação da sociedade se faz pelo sujeito que se nega a se adaptar à realidade dada e prefere “formar um eu firme”¹⁷¹ para enfrentar a dominação através da busca pelo respeito à multiplicidade do mundo social. A educação de resistência é um instrumento dessa busca à medida que se põe contra a ilusão de uma realidade dada pela indústria cultural baseada no consumo de mercadoria. A conquista da autonomia se dá no confronto dialético entre o poder dominante e o anseio de liberdade da parte oprimida da sociedade.

Manter a sobrevivência sempre ameaçada pelo desemprego ou pela pressão do exército de reserva de desempregados que servem de objeto de pressão para achatar salários além de manter um bolsão permanente de pobreza é um desafio contra as forças que lutam a favor da emancipação humana. A educação social do sujeito está sempre pressionada a vivenciar o aqui e agora dado pelo movimento do capital. Inibir no sujeito qualquer ânimo para reflexionar o real e partir para uma transformação substancial da realidade só é possível imprimindo um ritmo de vida em que o existir só se consolida quando cada um só pensa em si mesmo e não vê o outro. Não existe autonomia no individualismo, por isso, para o capital é tão importante manter todos juntos para servi-lo, mas não unidos.

As grandes cidades com populações de milhões de pessoas são lugares inegavelmente interessantes para se viver, mas nelas reside a cruel realidade da solidão e da violência. A educação de resistência como experiência social ao negar dialeticamente a violência urbana lembra aquilo que disse Engels a respeito do roubo:

¹⁷¹ Ibidem., 180.

A partir do momento em que se desenvolveu a propriedade privada dos objetos mobiliários, tornou-se necessário que todas as sociedades onde essa propriedade privada prevalecia tivessem em comum o mandamento moral: não roubarás. Mas esse mandamento transformase, por isso, num mandamento moral eterno? De maneira nenhuma. Numa sociedade onde não houver motivos para roubar, onde, por fim, só os loucos poderão cometer roubos, cairá no ridículo o pregador de moral que quiser proclamar solenemente a verdade eterna, não roubarás!¹⁷²

Negar a violência é uma postura da educação de resistência ao reflexionar as suas múltiplas causas numa sociedade desigual. O roubo na sociedade injusta é consequência do maior de todos os roubos: o da acumulação imoral de riquezas nas mãos de alguns enquanto milhões padecem à míngua. A educação de resistência é um instrumento inquieto de perscrutação do que está ao lado do sujeito e não pode ser visto por estar encoberto pelo tabu do dogma moral. Porém, o roubo pelo desespero imposto pela fome é consequência imediata da sociedade injusta, mas quem rouba reproduzindo e se justificando por meio da corrupção de quem detém o poder é tão iníquo quanto quem o prende.

Nesse sentido a educação de resistência como postura crítica do educador é o pensamento reflexivo no que está posto como verdade absoluta. A educação de resistência é uma experiência social do educador para tentar chegar ao objetivo mais temido pela burguesia: a desconstrução dialética da educação do Estado que zela pela identidade do capital e desvelar a sua contradição.

A educação de resistência como experiência social é a reflexão do movimento da educação social. A escola de resistência respira a atmosfera da educação social. Como enfatiza Mészáros:

Nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema próprio de educação. Apontar apenas os mecanismos de produção e troca para

¹⁷² MARX – ENGELS. *Sobre Literatura e Arte: Engels: << anti-Duhring >> pp. 125 – 126, Editions Sociales, 1950. São Paulo: Global Editora, 1986, p.17.*

explicar o funcionamento real da sociedade capitalista seria bastante inadequado. As sociedades existem por intermédio dos atos dos indivíduos particulares que buscam realizar seus próprios fins.¹⁷³

Mészáros vai ao centro da questão quando diz que a sobrevivência da sociedade depende de seu próprio sistema educacional. O sistema educacional próprio da sociedade humana é o aprendizado pela história tecida no tempo. Portanto, o sistema educacional próprio da sociedade se desenrola na educação social que se manifesta no modo de ser dos indivíduos particulares.

É notório que a luta pela sobrevivência no meio urbano cria um desapego aos valores ontológicos que fundamentam o indivíduo como ser social em suas origens. A educação social do sujeito é degradada quando é substituída pelos valores fugazes prometidos pela indústria cultural, ou seja, quando este deixa de se reconhecer em seu próprio mundo para ser reconhecido na realidade dada pela indústria da propaganda. Como lembra Bauman:

Na hierarquia herdada de valores reconhecidos, a síndrome consumista degradou a duração e elevou a efemeridade. Ela ergue o valor da novidade acima do valor de permanência. Reduziu drasticamente o espaço de tempo que separa não apenas a vontade de sua realização (como muitos observadores, inspirados ou enganados por agências de créditos), mas o momento de nascimento da vontade do nascimento de sua morte, assim como a percepção da utilidade e vantagem das posses de sua compreensão como inúteis e precisando de rejeição.¹⁷⁴

Nessa passagem Bauman expressa a força do processo que leva o sujeito a se alienar na educação dada pela indústria cultural. Ao se envolver na novidade lançada pela propaganda o sujeito alia a sua consciência à necessidade criada pelo capital. Ao consumir sem refletir o indivíduo absorve o falso sentimento de autonomia estimulado pelos agentes da propaganda.

¹⁷³ MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. Tradução: Isa Tavares. São Paulo, Boitempo, 2009, p.264.

¹⁷⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo*. Op.cit. p.111.

A fábrica de comportamentos da indústria cultural cria a falsa autonomia no sujeito para que este possa ter sua subjetividade manipulada como uma mercadoria independentemente de sua vontade. Ao transformar o consumo em necessidade o processo de repetição de vendas de produtos não pode parar. No capitalismo tardio, a propaganda como instrumento de convencimento só pensa em romper limites. O sujeito quando se sente autônomo por comprar se sente bem entre os que podem e poderoso entre os que não podem.

Nesse sentido a visão de autonomia dada pela indústria cultural merece uma profunda reflexão por parte da educação de resistência que visa despertar na educação social um sentimento de liberdade no sujeito para questionar e interferir na política da sociedade administrada. Tal sentimento é possível pela negação dialética do sentimento individualista cultivado na sociedade dirigida pelo capital. Sendo assim a negação dialética da autonomia dada como comportamento fabricado pelo capital é o ponto de partida para se desvelar a verdadeira autonomia.

A autonomia não pode passar sem a busca do conhecimento que se encontra no objeto como realidade. É vã, no entanto, a busca pela autonomia que não pensa o objeto como construto histórico do qual faz parte o sujeito. Este tem a sua existência mediada por múltiplas gerações que o antecedeu. É baseado nessa reflexão que Adorno diz que o objeto, como realidade histórica é maior do que o sujeito. É também baseado na força do objeto que a indústria cultural atua sobre o sujeito para fortalecer o poder do capital. Controlar o objeto implica à submissão do sujeito às regras de autopreservação do sistema de produção.

Platão em *A República* se preocupa com o controle da multiplicidade do objeto e com a necessidade de se aplicar sobre a realidade social a identidade do poder. A plurivocidade mundana era concebida por Platão como fruto da má educação e, por conseqüência, um perigo contra a educação dos jovens da elite. Nessa passagem, o Sócrates de Platão diz:

Quando sentados em filas apertadas nas assembléias políticas, nos tribunais, nos teatros, nos acampamentos e em toda parte onde haja reunião de pessoas, criticam ou aprovam determinadas ações ou

palavras, ambos os casos com grande alarido e de forma exagerada, gritando e aplaudindo ao mesmo tempo. No meio de semelhantes cenas, sentirá o jovem, faltar-lhe o ânimo? Que educação especial poderá resistir? Não será submersa por tantas críticas e elogios e arrastada ao sabor da corrente? Não se pronunciará o jovem como a multidão a respeito do belo e do feio? Não se associará às mesmas coisas que ela? Não se tornará semelhante a ela?¹⁷⁵

A obra de Platão revela o quanto somos herdeiros de sua civilização. O desejo pela uniformização das idéias quando se disputa o poder em meio a correlações de forças é o que mais se vê, ainda em nossos dias, nas assembléias de parlamentares e até de trabalhadores. Mircea Eliade comete um equívoco ao dizer que

Platão poderia ser encarado como o destacado filósofo da ‘mentalidade primitiva’, isto é, como o pensador que conseguiu dar coerência e validade filosófica aos modos de vida e comportamento da humanidade arcaica.¹⁷⁶

Platão é, no meu entendimento, o filósofo mais destacado e intemporal da civilização ocidental. É claro que devemos ter o cuidado de não fazer uma justaposição inconseqüente entre a idéia que ele tinha de educação e o propósito de discutir a educação social na sociedade atual. O réprobo a vida mundana ladeada de incoerências pelas múltiplas diferenças e sempre rebelde a aceitação do conceito de verdade absoluta a não ser como algo imposto pela força ou pelo domínio da subjetividade é o que está posto tanto na obra de Platão como na de Hegel, segundo Adorno:

Com base em sua situação histórica, a filosofia tem seu interesse verdadeiro voltado para o âmbito em relação ao qual Hegel, em sintonia com a tradição, expressou o seu desinteresse: o âmbito do não-conceitual, do individual e particular; aquilo que desde Platão foi alijado como perecível e insignificante e sobre o que Hegel colou a etiqueta de existência pueril.¹⁷⁷

¹⁷⁵ PLATÃO. *A República*. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p.201.

¹⁷⁶ ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 2007, p.38.

¹⁷⁷ ADORNO. *Dialética Negativa*. Op.cit.,p.15.

Nessa passagem podemos compreender a intenção da filosofia de Adorno que é a de envolver o sujeito na transformação da realidade sabendo que a realidade como construto histórico também o transforma. Assim ocorre com a educação de resistência que é uma reflexão crítica do sujeito a favor de uma educação para a autonomia negando a educação promovida pelo Estado burguês dirigida ao mercado e não ao homem.

A educação ideal de Platão, no entanto, traz em sua forma um método de inspiração espartana cujo corolário, apesar de todo requinte estético, é a constituição racional de uma sociedade brutal espelhada no processo violento de seleção vigente na natureza. Nesse trecho do diálogo entre os personagens Sócrates e Glauco fica claro o espírito da República de Platão:

Sócrates – As crianças, à medida que forem nascendo, serão entregues a pessoas encarregadas de cuidar delas, homens, mulheres ou homens e mulheres juntos, pois as responsabilidades são comuns aos dois sexos.

Glauco- Estou de acordo.

Sócrates – Estes encarregados levarão os filhos dos indivíduos de elite a um lar comum, onde serão confiados a amas que residem à parte, num bairro da cidade. Para os filhos dos indivíduos inferiores e mesmo os dos outros que tenham alguma deformidade, serão levados a paradeiro desconhecido e secreto.

Glauco – É um meio seguro de preservar a pureza da raça dos guerreiros.¹⁷⁸

Há uma tendência para se resumir a obra de Platão exclusivamente ao mito da caverna. *A República* do grande filósofo grego é uma utopia e como toda utopia tem uma ligação estreita com o sonho de uma humanidade sem sofrimentos e vivendo em harmonia, mas em contrapartida toda idéia hipostasiada tem fortes laços com o autoritarismo. Espanta a predisposição de regimes políticos autoritários dos tempos modernos que aplicaram muitos séculos depois, idéias semelhantes de purificação racial utilizando o método de eliminação física de seres humanos tidos como inferiores.

¹⁷⁸ Ibidem,p.163.

A elaboração do passado proposta por Adorno requer um mergulho dialético na consciência autoritária que leva a humanidade sistematicamente a escolher os fracos à imolação em nome do bem-estar das elites. A figura a ser expurgada é o diferente. É aquele adequado a servir de objeto de ódio para a massa cega que precisa de um culpado para ser sacrificado e assim desatar o nó que a prende à crise. Esse ciclo se repete amiúde ao longo da história em que as vítimas são massacradas e esquecidas. Nietzsche em *A Gaia Ciência*, escreveu:

O mais pesado dos pesos – E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!” – Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!” Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como teria de ficar bem contigo mesmo e com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela?¹⁷⁹

Seguindo a linha especulativa de Nietzsche sobre o eterno retorno podemos criar uma imagem de alguém que viveu em uma sociedade marcada por uma profunda desigualdade social e que nos estertores de sua vida um demônio faz-lhe a insólita proposta de dar a oportunidade de repetir a sua existência tal qual se passou do início ao fim. O sujeito já moribundo, mas ainda dono de sua consciência olha o demônio

¹⁷⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*, in Os Pensadores. Tradução: Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Nova Cultural, 1991.,p.193.

brevemente e tendo ainda algum tempo para pensar cerra os olhos e num momento de profunda reflexão mergulha em si em busca das imagens que se apegou para continuar vivendo e de outras que preferiu legar ao esquecimento para não sofrer.

As poucas imagens que conservou por serem boa ou descomunal como se refere Nietzsche na citação são solapadas pela força vulcânica da violência do que viu ou sofreu durante a sua existência, mas que reprimiu a vida inteira cobrindo-as com uma névoa de otimismo canalizado pela religião, a equipe de futebol, o novo emprego e muitas outras coisas vivenciadas na educação social que em um determinado momento leva a um fugaz esquecimento do sofrimento típico de uma sociedade injusta. Mas o que emergiu trazendo um grande sentimento de culpa foi o de não ter correspondido aos apelos e a amizade de quem o cercou. Fechou os olhos com força contraiu os músculos do rosto como quem sente uma grande dor. A escola então lhe apareceu numa lembrança sombria sob o eco das palavras dos professores e pais. Viu-se num determinado momento da adolescência numa tarde quente e com fome. O alimento na casa pobre além de pouco consistente era escasso quando não faltava de vez. Muitas vezes o que se punha à mesa era doado pela solidariedade dos vizinhos que também não dispunham de muito e que por vezes, também, mal tinham para si. Recordava-se do velho ventilador de teto rangendo e perturbando a inflexão da voz do professor que chegava até seus ouvidos como uma grande algaravia. As aulas eram maçantes, pois não o situava em nada do que era exposto. Os sonhos de juventude que muitas vezes eram objetos de repreensão dos pais ou escárnio dos amigos quando eram contados às vezes o tiravam dali e ajudava o tempo passar. O toco de giz lançado pelo professor o acordava e, então, ele voltava a fingir que estava ligado à aula até o momento de máxima alegria; o seu final. Os dias se passavam lentamente e a angústia causada pelas dificuldades da família para sobreviver só aumentava. O medo estava presente até mesmo na utilização do caderno, pois caso fosse preenchido antes de terminar o bimestre não havia dinheiro para a compra de outro, assim ocorria com as canetas e lápis.

O demônio disse para ele que não perdesse tempo com lembranças, pois os sofrimentos assim como as alegrias faziam parte da mesma vida. Então o demônio impaciente pergunta: queres ou não repetir a tua vida com tudo que se passou nela? O moribundo responde: não, eu gostaria de repetir simplesmente a vida e tentar vivê-la melhor tentando realizar os sonhos reprimidos pelo complexo de inferioridade da minha

classe social. Sim, eu gostaria de viver novamente para não me adaptar a uma realidade mesquinha que me fez ficar num canto parado sem mexer a minha consciência enquanto o meu corpo andava por ai mendigando os meus próprios direitos. O demônio ficou um tempo em silêncio ao lado do leito do moribundo e sumiu enquanto este fechava os olhos e morria.

O retorno a que se refere Nietzsche é o da vida como o lugar das possibilidades e chances do homem para se insurgir contra a dominação. Repetir o passado se fosse possível seria inócuo no plano individual, pois andaríamos em círculos. Mas no plano histórico os acontecimentos trágicos que levaram milhões de pessoas à morte ou ao desespero por interesses particulares de uma minoria detentora do poder político e econômico se repetem ao longo do tempo.

Marx no livro *Dezoito Brumário de Louis Bonaparte* diz que na história os personagens e os fatos não acontecem duas vezes como entendia Hegel, pois, segundo ele, Hegel “esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”¹⁸⁰. A assertiva de Marx se baseia em uma análise do uso da linguagem do passado por parte de quem detém o poder e pretende defender seus próprios interesses manipulando a sociedade com fatos e personagens que marcaram o passado histórico. Marx tem razão quanto a essa manipulação que se arrasta até nossos dias com o intuito de lograr a massa prometendo um retorno aos tempos gloriosos. Não é de se admirar que Napoleão pudesse ser comparado a Júlio Cesar ou que Mussolini, no século vinte, quisesse iludir os italianos prometendo-os ressuscitar o império romano. A manipulação tem sua lógica na fragilidade dos indivíduos que compõem a sociedade em momentos de dificuldades políticas e econômicas. O apoio irrestrito à figura do líder leva a massa irrefletidamente a apoiar quem ela acredita estar envolvido na resolução de seus problemas imediatos.

Fatos e personagens não se repetem como as horas em um relógio, mas os interesses de ordem política e econômica que levam ao aniquilamento de lugares e pessoas não restam dúvidas que continuam a se repetir na história. Para Adorno, a elaboração do passado da humanidade não passa pelo esquecimento das barbáries, mas

¹⁸⁰ MARX, Karl. *Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. Tradução: Silvio Donizete Chagas. São Paulo, Editora Moraes, 1987,p.15.

pela reflexão dos fundamentos que levou um fato histórico a ser lembrado como catástrofe.

A constituição de uma sociedade emancipada é feita por indivíduos capazes de entender a função de um fato histórico que repercute na sociedade humana ao longo do tempo. A escravidão dos africanos, por exemplo, mesmo tendo sido encerrada mais de um século atrás repercute, em seus efeitos, na miséria social que assola a maioria dos negros brasileiros.

A sociedade é emancipada quando o sujeito busca a justiça como um fato presente em seu modelo de convivência e organização. A emancipação é um processo e é como processo que a educação de resistência deve reflexioná-la. Emancipar é uma construção permanente dos indivíduos que cultivam a autonomia como um modo de vida e legam às novas gerações a sua importância para evitar a injustiça. Nesse sentido elaborar o passado é cuidar para que o sujeito do amanhã se recorde do ontem sem os traumas das barbáries. A elaboração do passado não é uma pré-visão abstrata do futuro, mas um olhar crítico sob a história que está rolando no aqui e agora.

A emancipação da humanidade é um processo cujo ponto de partida é a negação dialética da realidade dada pelo poder econômico. Negar dialeticamente é refletir a realidade dada a partir da educação social que forma o sujeito no plano histórico e que o marca na sua vivência cotidiana.

O encontro entre o sujeito e a sua realidade histórica é o ponto de partida para a transformação da educação social e por conseqüência da formação de um sujeito consciente de seu mundo. Embora Durkheim tenha dito que “nem todos somos feitos para refletir”¹⁸¹, não se pode, no entanto, determinar quem serão os “homens de sensibilidade e homens de ação”¹⁸².

3.1. A educação como teoria e práxis

¹⁸¹ DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Tradução: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramento, 1978, p.34.

¹⁸² Ibidem.

Quando pensamos em teoria e práxis sob a ótica de Adorno devemos levar em consideração o seu conceito de sujeito e de objeto, como realidade. Para ele a separação entre o sujeito e o objeto é

Real e aparente: verdadeira, porque o domínio do conhecimento da separação real consegue sempre expressar o cindido da condição humana, algo que surgiu pela força; falsa, porque a separação que veio a ocorrer não pode ser hipostasiada nem transformada em invariante.¹⁸³

Para Adorno o sujeito também é objeto porque não pode existir sem ser mediado pela realidade que o cerca. O hipostasiamento do sujeito, ou seja, a sua idealização como construtor solitário da realidade tende a fazer com que ele tenha uma visão distorcida do mundo social. A distorção tem como consequência um comportamento autoritário de governos, pessoas ou grupos que se impõem para resoluções de problemas de uma comunidade pobre, por exemplo, sem atentar para o fato de que para resolver tais problemas é preciso ouvir, pesquisar, refletir e envolver todo o corpo social na resolução para que haja um sentimento de pertença ao que está sendo proposto.

No campo da educação não pode ser diferente. É preciso não haver descuido quanto ao fato de que qualquer sociedade ou comunidade dispõe de uma educação social tecida por um processo histórico que pode se chocar com as diretrizes impostas por quem crer que o que está sendo imposto é o melhor para as pessoas sem se importar com as idiossincrasias das mesmas. Sob esse aspecto a concepção de teoria em Adorno revela que refletir sobre o fato já é agir, ou seja, é saber o que fazer e isso, para ele, é o que constitui a práxis.

O sujeito ao refletir sob a educação social do seu ambiente de convivência está agindo, segundo a concepção Adorniana, no objeto como realidade. A educação de resistência como negação dialética cuja experiência se dá quando se reflexiona o modelo de educação promovido pelo Estado burguês é, segundo a mesma concepção, um modo de agir. A ação lançada para a resolução de problemas sociais que não seja conduzida por um processo reflexivo está fadada ao fracasso ou a pura violência. Para

¹⁸³ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.182-183.

Adorno teorizar é agir conscientemente como sujeito que respeita o objeto, como realidade.

Na educação de resistência, a práxis é a reflexão relacionada ao domínio do conteúdo que não fica restrito ao conhecimento livresco, mas também à experiência de vida dos professores e alunos na multiplicidade do mundo social. O conteúdo, portanto, se estende ao envolver a educação social com os conhecimentos sistematizados dos livros. No movimento desse envolvimento o sujeito tende a refletir a importância da criticidade quanto ao que é imposto como conhecimentos pelas escolas que adotam livros editados em outras regiões ou com conteúdos ligados aos interesses imediatos do capital. A práxis, como entende Adorno é a teoria em movimento, ou seja, é o que se faz pensando e não a execução de algo seguindo simplesmente o princípio da autoridade.

Para Adorno: “se teoria e práxis não são nem imediatamente o mesmo, nem absolutamente distintas, então sua relação é de descontinuidade”¹⁸⁴. Para compreender o que expressa Adorno analisemos a relação entre pensar e fazer ou entre sujeito e objeto. O objeto é a realidade constituída pelo processo civilizatório. Por esse ângulo o objeto é essencialmente práxis. O sujeito é quem medeia o objeto por ser o ser que pensa e, portanto, elabora a teoria, mas como ser mediado pelo objeto também é realidade ou práxis.

A educação como teoria e práxis é o modelo da educação de resistência para refletir a educação imposta pelo Estado que tem como objetivo a servidão aos interesses econômicos da classe dominante. A educação escolar de resistência, portanto, é uma reflexão do sujeito incidente sobre a educação dirigida ao capital e enquanto reflexão, ao se tornar pública é práxis. O sujeito ao agir está pensando o objeto e isso para Adorno é a verdadeira práxis. O sujeito como práxis é o sujeito como objeto e ao mesmo tempo o ser que pensa e que não é objeto daí o caráter de descontinuidade entre teoria e práxis.

A educação de resistência ao criticar dialeticamente o modelo de educação imposto pelo capital estimula a discussão do tema educação no meio da educação social. A educação de resistência é um modelo teórico de educação para despertar a

¹⁸⁴ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.227.

importância da autonomia para que o sujeito negue o domínio de sua subjetividade pelos interesses do capital. A realidade dada é uma forma de coibir a autonomia; inibindo a capacidade reflexiva do sujeito frente ao objeto. O sujeito que passivamente recebe a realidade dada por meio da doutrina religiosa ou da indústria cultural tende a reproduzir a dominação mantendo assim o *status quo* do sistema.

A reprodução da dominação é a finalidade do processo educativo da classe burguesa, pois influi na cadeia de valores da educação social e impõe uma forte resistência à organização social que visa à autonomia dos indivíduos e à emancipação da sociedade. O modelo de educação imposto pelo Estado burguês por meio da indústria cultural e das escolas depauperadas é um modo de resistência do sistema de produção para se precaver contra os perigos da autonomia do sujeito.

A educação de resistência é a linguagem crítica do educador que não aceita o princípio da dominação e tem plena consciência de que o sujeito é mediado pela realidade histórica. A educação de resistência para transformar a escola precisa não rechaçar a que já existe, mas desconstruí-la colocando sob o prisma da dialética negativa o conceito de educação praticado pelo Estado burguês. É necessário não esquecer de que o modelo burguês de educação não é obra de nenhum demônio, mas de um processo histórico do qual todos nós participamos.

A conscientização da nossa participação como colaboradores da nossa própria dominação não se dá no âmbito do simples discurso, mas na capacidade que deve ter o educador de fazer aflorar a contradição que está prisioneira da identidade da classe dominante imposta pelo seu processo educativo. A emersão da contradição que se dá quando se imerge na identidade do conceito é o momento de elaboração da teoria que nunca deve deixar de se relacionar à práxis sob pena, como entende Adorno, de cair num ativismo vazio. A teoria, portanto, organiza os passos do sujeito para que cada movimento não lhe escape à consciência. O pensamento que se perde no movimento e cai no ativismo vazio tende ao dogmatismo ou a violência. Como lembra Adorno em seu texto intitulado *Notas Marginais sobre Teoria e Práxis*,

As realidades ilusórias de muitos movimentos de massas práticos do século XX, que se transformaram na mais sangrenta realidade e, não

obstante, ficaram sombreados pelo não inteiramente real, pelo delirante, nasceram somente quando se demandou ação. Enquanto o pensamento se restringe à razão subjetiva, susceptível de aplicação prática, o outro, aquilo que lhe escapa, vem a ser correlativamente remetido a uma práxis cada vez mais vazia de conceito, e que não conhece outra medida que não ela própria.¹⁸⁵

Apesar da análise do filósofo da Escola de Frankfurt ter por base, principalmente, os efeitos das ideologias encampadas pelo nazismo e o stalinismo, o sentido de teoria e práxis em Adorno vai além, ou seja, visa estabelecer um processo reflexivo no sujeito em sua particularidade para que este não execute ou apóie os atos de barbárie promovidos por uma práxis cega. O massacre de pessoas por conta das ações desses dois regimes é real. A práxis exercida cegamente por obediência às diretrizes ou a simples vontade dos detentores do poder ganhou a consciência das massas que aderiram de modo irrefletido ao jogo da opressão. A adesão não existe se não houver uma educação política com idéias salvacionistas que envolva todo o corpo social em torno de um ideal e com precaução contra qualquer tipo de resistência por meio da intimidação ou eliminação física dos opositores.

A questão levantada por Adorno na citação merece uma reflexão sobre o papel da teoria e práxis no mundo social. Começemos pelo papel da prática na educação social. Somos despertados para as coisas sob o signo de uma educação que nos ensina que muitos dos valores que marcam o nosso modo de ser não são factíveis de mudanças. De regra a cosmovisão de alguém nos seus primeiros anos de vida recebe forte influência das pessoas de consciência comum. Nesse estado de consciência mediado pelo cotidiano o sujeito “não sente necessidade de rasgar a cortina de preconceitos, hábitos mentais e lugares comuns na qual projeta seus atos práticos”¹⁸⁶. A consciência comum gestada pelo tempo histórico é um produto de múltiplos fatores, mas entre eles está o da dominação no plano religioso, político e econômico. Apesar de ser difícil romper um pensamento massificado pelo tempo, a indústria cultural consegue fazer isso manipulando os tabus em filmes e músicas, mas com o mesmo fim utilitário que marca a prática da consciência comum.

¹⁸⁵ Ibidem, p.204.

¹⁸⁶ VASQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. tradução: Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.8.

A elaboração de uma teoria que incida sobre o fazer prático que marca a educação social requer um mergulho na história que desvele as motivações que levam a sociedade a se comportar dentro de um conjunto de valores cristalizados. Elaborar uma teoria que deságüe em uma práxis, ou seja, em um agir consciente sob a educação social é uma tarefa de toda sociedade, mas cabe aos educadores reflexionar o enquadramento imposto pelo Estado burguês que visa uma educação voltada para os interesses do capital. É expondo a face da educação escolar promovida pelo Estado como instrumento de dominação que se parte para a constituição de uma educação escolar de resistência.

Ao reflexionar o conceito de educação escolar burguês ocorre um processo de desconstrução nos marcos da dialética negativa. À medida que se mergulha no conceito de educação dada pelo capital surgem às indagações sobre as intenções do poder no mundo social. As indagações se manifestam como contradições que emergem do próprio conceito de educação promovido pelo Estado.

Reflexionar a realidade dada com o conceito da mesma é a premissa fundamental da dialética negativa, pois para Adorno pensar o conceito do que é dado é descobrir que há nele uma constelação de conceitos aprisionados pelo princípio da dominação. Trazendo isso para o nosso tema, educação, pode-se deduzir que a estrutura de uma escola com o seu prédio, corpo de direção e o conjunto de alunos é uma parte da sociedade presa a uma política de educação que visa simplesmente a ensinar as pessoas a servir ao capital em troca do salário que retorna aos cofres do capitalista pela necessidade de consumir produtos primários para a sobrevivência ou a consumir os produtos da última moda como promessa de felicidade pela indústria cultural.

A teoria de uma educação escolar de resistência passa por uma análise rigorosa da realidade para que se possa dominar o conceito de educação escolar executado pelo Estado. Qualquer idéia de negação inseqüente que leve os indivíduos a desejarem outra escola como se pudessem construir outra realidade cai no vazio, pois não existem duas histórias. A escola que serve para prover a indústria e o comércio de mão-de-obra barata e, também nos dominar pela ideologia da competência, do poder e do lucro, não é obra da fúria maldosa do capitalismo é um construto de um processo civilizatório no tempo histórico.

A escola de resistência é uma manifestação da eclosão do conceito de escola posto pelo sistema capitalista de produção, ou seja, é a negação crítica do conceito de educação escolar dado pelo Estado. A possibilidade de se constituir um modelo educacional voltado para os interesses de todas as partes da sociedade ocorrerá quando o sujeito em sua particularidade despertar para o fato de que a burguesia jamais dará a ele uma educação voltada para a autonomia.

Para teorizar uma educação de resistência é preciso pensar sobre a educação que o sujeito recebe espontaneamente no meio social. É numa conversa casual em um bar, num terminal de ônibus ou em uma reunião qualquer entre amigos em um final de semana ou quando, por exemplo, o técnico em computadores explica o seu ofício para o pintor de paredes e este, por seu turno explica como se deve pintar bem uma parede para deixar o cliente satisfeito. Ambos são práticos em suas profissões têm pouca noção do papel que desempenham no plano econômico. Suas profissões representam, para ambos, um meio para colocar comida sobre a mesa da família. Mas a interlocução casual deixa o técnico em computadores atento quanto à conversa que deve travar com algum pintor de parede que por ventura for contratado para pintar as paredes de sua casa e o pintor ficará atento quanto aos termos técnicos que deverá utilizar junto ao vendedor da loja de computadores caso resolva comprar um com base na conversa que teve com o técnico. Esse pequeno exemplo demonstra o poder da linguagem em movimento no mundo social.

Elaborar uma teoria que se predisponha a reflexionar o movimento da linguagem no mundo social e colocá-la como discussão no âmbito da escola de resistência só tem sentido se seu conteúdo despertar nos educandos o conceito reflexionado de práxis. A teoria seria, portanto, um conjunto de conceitos desvelados por um processo reflexivo cujo instrumento de reflexão é a própria realidade dada pelo sistema de produção via indústria cultural. É preciso compreender que a realidade dada também se constitui como práxis, pois é uma consubstanciação da história do homem no plano da realidade. O papel da teoria é de se impor como objeto de compreensão dessa práxis que tem o papel de agente da dominação. A indústria cultural desempenha o seu papel de agente da dominação educando a massa a abandonar a multiplicidade de valores que compõem

o indivíduo por meio de sua família, comunidade e outros elementos para dirigi-lo ao ponto único que é o da compra de mercadorias como meio de inserção social.

Para que o educador elabore uma teoria que seja práxis para mergulhar na realidade manipulada pelo sistema econômico é necessário não somente que ele tenha como preocupação acompanhar os fatos que atuam como agentes de influências na vida social das pessoas como desemprego, guerras, intolerâncias raciais, etc., mas acima de tudo deve receber das universidades a capacitação necessária para saber analisar um fato; desconstruí-lo e tentar reconstruí-lo. Para isso é necessário estar disposto a fazer experiência com o mundo histórico que delimita a educação social das pessoas.

A teoria, no sentido adorniano, não tem como fim substituir à práxis, mas sim ser práxis ao reflexionar o processo histórico. Elaborar uma teoria que pense a práxis tem a função de revolvê-la com argumentos os conceitos que engendram o poder da classe dominante. Tal poder nos faz seguir apoiando os interesses do capital independentemente de estarmos alienados ou não às suas conseqüências, pois a pressão sobre o sujeito em sua singularidade é imposta pela sociedade em sua totalidade. Como lembra Adorno,

Só pensa quem não se limita a aceitar passivamente o desde sempre dado; desde o primitivo, que reflete de que modo poderá proteger seu fogo da chuva ou onde esconder-se do temporal, até o iluminista, que constrói mentalmente a maneira como a humanidade, no interesse de sua autoconservação, pode sair de sua minoridade da qual ela mesma é a culpada¹⁸⁷.

O pensamento sobre a práxis alerta a consciência sobre os perigos de não se refletir sobre o que fazemos ou sobre o que acontece conosco por conta dos interesses de quem administra a sociedade. Sob esse aspecto “a teoria converte-se em força produtiva prática, transformadora”¹⁸⁸. A teoria, portanto, é o diálogo entre o sujeito e o objeto como realidade. A práxis como realidade constituída ao longo do tempo histórico envolve o sujeito no movimento automático pela sobrevivência. Tal movimento induz o sujeito a se submeter de modo irrefletido aos caprichos das instituições religiosas e

¹⁸⁷ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.210.

¹⁸⁸ Ibidem.

políticas que sempre estiveram a serviço do poder econômico detentores dos meios de produção. A submissão ao poder se dá por um processo educativo cujos meios de opressão sempre foi à exploração do medo pela perda da alma após a morte ou pelo castigo imposto pelo poderio militar à disposição dos poderosos.

Como produto da pressão surge à aceitação da realidade dada que no capitalismo tardio é aceita, também, porque a indústria cultural já encontrou uma predisposição no sujeito para isso. A teoria é o debruçar-se sobre a realidade a perguntar: por que aceitamos a dominação? Será que é porque somos acomodados, preguiçosos e covardes para usar o entendimento de Kant? Por que, hoje, temos condições de debelar a miséria e, no entanto, ela aflige a maior parte da população da Terra acompanhada de uma sinistra possibilidade de uma extinção da vida no planeta pela poluição e pelo arsenal nuclear em posse de alguns países? Einstein disse certa vez que é mais difícil fazer uma pergunta do que respondê-la. Isso porque, seguindo o entendimento de Theodor Adorno, a resposta está embutida na pergunta, assim como a contradição está soldada à identidade.

Cabe a teoria não somente formular a pergunta, mas também mergulhar nela revolvendo a sua história negando dialeticamente os pressupostos defendidos por aqueles que ganham dinheiro com a fome, com a poluição e com as armas. O mundo que se configura e no qual estamos inseridos é produto do trabalho de milhões de seres humanos que vivem do que produzem, mas poucos questionam os fins do resultado de sua produção.

A concepção de teoria em Adorno tem como interesse reflexionar o que somos com o intuito de quebrar a ignorância do sujeito quanto a sua situação no mundo. Portanto, a elaboração de pensamento voltado a uma educação de resistência parte do princípio de que a primeira indagação que se deve fazer é sobre os elementos que educa o sujeito como ser social. A história da vivência do sujeito que é em si um processo educativo é o ponto de partida para se travar uma discussão dialética a respeito da influência da indústria cultural na educação social. Os conceitos que chegam até o sujeito; emanados como promessa de felicidade pela indústria cultural é a execução do pensamento burguês sobre a práxis. Adorno disse que o sistema de dominação assumiu a estrutura da razão que Kant acreditara que fosse universal.

A burguesia se debruça sobre a práxis fingindo que esse ato se destina ao bem de todos. Como exemplo, podemos citar o caso da educação escolar do Estado: por mais que incremente as aulas com a participação da filosofia, sociologia e arte na grade curricular permanecem sendo considerados bons estudantes aqueles que se destacam em matemática, física e química. As disciplinas cujo propósito é despertar o espírito crítico não despertam o devido interesse por parte dos alunos. Esse desinteresse, no entanto, não começa pelo aluno, mas pelo próprio sistema educacional.

A repetição enfadonha do que reza nos livros distancia as ciências do espírito da educação social e a transforma em algo menor. O aprendizado da matemática e das ciências da natureza ao ser aplicado capacita o sujeito aos postos de trabalho de cunho técnico que se atém ao ato de executar e não de refletir sobre o que faz. Enquanto isso quem se devota ao exercício das ciências humanas é tido como alheios às outras disciplinas e não questiona com propriedade o poder essencial da matemática e das ciências naturais na tecnologia que transforma o mundo sob a base de um sistema brutal vigente na natureza e projetado racionalmente na sociedade humana.

A práxis como atividade do homem desencantou a natureza e pelo trabalho transformou-a em instrumentos técnicos dos quais somos inteiramente dependentes. Se nos perdermos em uma região hostil um simples palito de fósforo pode fazer a diferença entre a vida e a morte. O mais simples engenho do homem tem a sua importância fundamental para nós que vivemos em sociedade complexa. O conhecimento aplicado aos instrumentos de alta tecnologia escapa a maioria das pessoas. Isso nos deixa refém da condição de simples consumidores ou de expectadores de notícias que falam de supercomputadores, de aviões de guerra sofisticados, de novos remédios para combater doenças graves e da manipulação de genes de plantas para ampliar a produção agrícola com poucos questionamentos sobre os efeitos de tal manipulação.

O avanço da tecnologia que nos beneficia no trabalho e em casa diz o quanto é imprescindível a educação de resistência. A práxis do homem que realiza a sociedade um dia imaginada por Da Vinci e Verne precisa ser reflexionada, pois tal realidade como diz Adorno não pode ser abarcada pelo sujeito, mas pode ser reflexionada. O ensino escolar promovido pelo Estado guarda uma desproporção gigantesca entre o que se vê no cotidiano como produto do avanço da ciência e o que é exposto em sala de

aula. O mundo está no presente nas escolas por meio da educação de resistência que elabora um modelo de ensino para despertar a consciência crítica das gerações que já nascem sob o signo de um mundo regido pela alta tecnologia. A educação de resistência reflexiona esse mundo que continua injusto e mais perigoso. A escola de resistência surge para refletir sobre os mecanismos do poder que leva a sociedade humana a se transformar em um instrumento perigoso contra o próprio homem. No livro *Microfísica do Poder*, Michel Foucault diz que

De uma maneira geral, os mecanismos de poder nunca foram muito estudados na história. Estudaram-se as pessoas que detiveram o poder. Era a história anedótica dos reis, dos generais. Ao que se opôs a história dos processos, das infra-estruturas econômicas. A estas, por sua vez, se opôs uma história das instituições, ou seja, do que se considera como superestruturas em relação à economia. Ora, o poder em suas estratégias, ao mesmo tempo gerais e sutis, em seus mecanismos, nunca foi estudado. Um assunto que foi ainda menos estudado é a relação entre o poder e o saber, as incidências de um sobre o outro.¹⁸⁹

A observação de Foucault revela o quanto é necessário conhecer não somente as funções do fruto do saber, mas também a relação que existe entre o saber consubstanciado em técnica e o poder que domina o mundo com esse saber. Tentar conhecer todas as coisas que existem no mundo moderno e influem em nossas vidas é uma posição ingênua, pois a dinâmica do mundo social nos permite apenas interpretar as inter-relações que subsistem entre o sujeito e a multiplicidade que compõe a realidade.

A interpretação da realidade em um mundo globalizado requer uma visão crítica do conceito de progresso social propagado pela classe dominante. O progresso social que se baseia no aumento da produção de mercadorias alavancado pelo desenvolvimento tecnológico se impõe perante o sujeito como algo necessário. O necessário e o inexorável são impostos para explicar a exploração absurda contras as pessoas e os recursos da Terra. A práxis humana que engendrou o desenvolvimento da

¹⁸⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p.141.

sociedade humana também forjou um núcleo de poder que comanda a sociedade por intermédio de outros núcleos que formam aquilo que Foucault chama, na citação, de superestrutura. Esta se movimenta em prol da autopreservação do núcleo forte do poder sem que a maior parte dos indivíduos se aperceba disso. Assim a sociedade administra a vida das pessoas para a autopreservação do capital.

Para compreender a engrenagem do jogo da dominação é preciso autonomia, mas não existe autonomia por autonomia. O sujeito autônomo é o que pensa o saber com liberdade. O poder que sustenta o princípio da dominação na sociedade administrada é o saber a serviço do capital. O saber é obediente ao sentido dado pelo poder dominante por meio de quem o detém e apóia o capital. A educação de resistência desconstrói o sentido dado ao saber pelo poder dominante. É preciso reconhecer que o sentido dado ao saber faz parte do processo histórico que gestou a civilização. O saber é um instrumento de reflexão dialética no plano histórico. O saber em sua multiplicidade consubstancia a categoria progresso. Progredir é um impulso da humanidade à medida que vai desvelando os segredos da natureza e transformando-os em saber.

À educação de resistência cabe levar a escola a pensar o saber subsistente na educação social para que o sujeito no mundo da vida reflita o sentido do saber que dá impulso ao progresso social levado a cabo pela sociedade administrada. O pensamento crítico alerta que o progresso é um movimento de autoproteção da inteligência humana que se dá no processo de transformação da natureza, mas que na sociedade industrial se faz necessário uma práxis reflexiva contra a destruição do meio ambiente em nome da ganância. Para Adorno,

Não há pensamento – desde que seja algo mais que um ordenamento de dados e uma peça técnica – que não tenha seu ‘telos’ prático. Qualquer meditação sobre a liberdade prolonga-se na concepção de sua possível produção, conquanto esta meditação não esteja sujeita pelo freio prático e nem recortada sob medida para os seus resultados encomendados. Entretanto, assim como a separação de sujeito e objeto não é imediatamente revogável pela decisão autoritária do pensamento, do mesmo modo, tampouco existe unidade imediata entre teoria e práxis: ela imitaria a falsa identidade entre sujeito e

objeto e perpetuaria o princípio da dominação, instaurador da identidade, cuja derrota é do interesse da verdadeira práxis.¹⁹⁰

A idéia de teoria em Adorno está ligada a um processo reflexivo que em si também é práxis. Quando entrosamos o entendimento do filósofo da Escola de Frankfurt à educação ligamos a figura do sujeito que não se acomoda ou não se adapta à realidade dada. Essa realidade é a expressão da identidade do sistema capitalista de produção via indústria cultural. A práxis do sistema de produção é pensada haja vista o esmero da indústria cultural em manipular os valores da cultura do sujeito que; segundo Olgária Matos era “indissociável, até há pouco, da transmissão de conhecimentos e experiências de pensamento por sua recepção através de gerações, transforma-se em comunicação midiática de massa”¹⁹¹.

A práxis do sistema é a falsa práxis que leva a dominação e a alienação do sujeito como manifestação da história. Sob essa premissa Adorno diz que “a primazia do objeto deve ser respeitada pela práxis: a crítica do idealista Hegel à ética kantiana da consciência [*Gewissensethik*] assinalou isto pela primeira vez”¹⁹². A primazia do objeto deve ser respeitada porque todo o processo civilizatório está contido nele. Quando Adorno diz que a práxis deve respeitá-lo está se referindo às pretensões de grupos ideológicos que pretendem transformá-lo pela simples força de suas idéias sem atentar para o fato de que qualquer idéia ou conceito é muito menor que a realidade.

A educação de resistência ao reflexionar a realidade acompanha o movimento da educação social ou às histórias de vida de quem está envolvido no ambiente escolar. Qualquer teoria que se predisponha a pensar o objeto como realidade não deve jamais ser posta como verdade absoluta, mas sim como instrumento de busca da verdade. Quem se dispõe a elaborar uma teoria para desconstruir os conceitos que marcam a identidade do princípio da dominação deve ter em mente que ao pô-la em discussão o pensamento não seguirá uma linha reta, mas oblíqua. A busca pela contradição implica em denunciar a realidade dada pelo sistema. Exige, portanto, um pensamento preparado para se modificar, corrigir e corrigir-se, quebrar-se e se recompor com outros

¹⁹⁰ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.210.

¹⁹¹ MATOS, Olgária, C. F. *Formar Para o Mercado ou Para a Autonomia?* Valter Soares Guimarães (org.). São Paulo: Papyrus, 2006, p.16.

¹⁹² ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.211.

argumentos. O rigor é fundamental para que não se perca em maniqueísmos nem no relativismo.

A educação de resistência é uma reflexão sobre o sentido da educação, e é, antes de qualquer coisa, uma decisão do educador. O educador resistente compõe a parte da sociedade que não aceita se submeter à identidade do sistema. A educação escolar de resistência como práxis pensada no ambiente escolar estimula a autonomia e, por consequência, o sentimento de auto-estima. A autonomia eleva a auto-estima à medida que o sujeito se sente capaz de reconhecer como direito seu analisar os fatos que antes pensara ser da alçada do poder dominante ou dos intelectuais. A capacidade reflexiva estimulada ainda na infância é a base fundamental para a autonomia e, por consequência, da compressão da função do ser social quanto à solução dos problemas ligados a injustiça.

A teoria que pensa a práxis na escola de resistência relaciona os conceitos das disciplinas ensinadas ao mundo da vida. Isso faz com as disciplinas se relacionem entre si. Aprender a relacionar uma coisa à outra dentro de um plano reflexivo resulta em uma visão diferente de algo. Esse método para a escola de resistência não pode deixar de ser trivial. Se alguém, por exemplo, admira um quadro cuja pintura retrata uma velha caravela portuguesa singrando o mar plúmbeo de ondas encrespadas vem-lhe imediatamente a percepção do perigo de morte. A beleza do quadro que mostra o céu sombrio, o ponto de luz fosca da cabine do capitão e o marrom da madeira envelhecida e espelhada pela água que lava constantemente o convés e cai pelas grotas das bordas pode ser percebida não só em sua beleza, mas como linguagem histórica. A pintura torna-se um veículo de reflexão na consciência de quem conhece o propósito das grandes navegações do passado. Pode-se imaginar que aquela cena paralisada pelo pincel do artista que talvez estivesse a bordo como era usual ter exímios desenhistas como parte da tripulação para levar aos reis as imagens das paisagens e das pessoas de terras recém visitadas vai além da simples arte. Naquele navio podia estar um capitão nervoso que temia perder a sua carga de escravos¹⁹³ e o arsenal de mosquetes destinados

¹⁹³ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.119. “Apresado aos quinze anos em sua terra, como se fosse uma caça apanhado numa armadilha, ele era arrastado pelo pombeiro – mercador africano de escravos – para a praia, onde seria resgatado em troca de tabaco, aguardente e bugigangas. Dali partiam em comboios, pescoço atado a pescoço com outros negros, numa corda puxada até o porto e o tumbeiro. Metido no navio, era deitado no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo, mal cagando ali mesmo, no meio da

a exterminar alguma tribo indígena que rondava os canaviais de algum rico senhor de engenho. No navio havia livros de contabilidade, degredados que jamais retornariam à metrópole e que se imiscuiriam aos indígenas – contando histórias européias e ouvindo histórias indígenas – tendo filhos que contariam as duas histórias e os filhos dos seus filhos que contariam histórias sincretizadas que depois se uniram aos africanos para formar a história brasileira a qual é à base da nossa ontologia.

Compreender o ser que nós somos como objeto da realidade histórica é a finalidade da educação de resistência. O percurso da humanidade no tempo é marcado pelas divergências e convergências de culturas modificando mapas, idiomas, crenças religiosas e comportamentos. Os efeitos de tamanho turbilhão que nos acompanha como elementos formadores do nosso modo de ser são esquecidos na sala de aula, mas estão nas ruas, praças e mercados. O grande educador brasileiro Paulo Freire realça a importância dessa linguagem esquecida nas escolas.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios do recreio, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados nas escolas.¹⁹⁴

O desenvolvimento de uma educação escolar de resistência passa pelo não desprezo por essa linguagem espontânea lembrada por Paulo Freire e que Adorno chamaria de não idêntico, ou seja, a linguagem que existe na educação social e que não é abarcada pela identidade do princípio da dominação. Essa linguagem mundana é invariavelmente desprezada porque não interessa ao sistema econômico, porém, nem por isso deixa de reprimi-la até que se torne um negócio para a indústria cultural.

fedentina mais hedionda. Escapando vivo à travessia, caía no outro mercado, no lado de cá, onde era examinado como um cavalo magro. Avaliado pelos dentes, pela grossura dos tornozelos e dos punhos era arrematado. Outro comboio, agora de correntes, o levava à terra a dentro, ao senhor das minas ou dos açucares, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano. No domingo podia cultivar uma rocinha, devorar faminto a parca e porca ração de bicho com que restaurava sua capacidade de trabalhar no dia seguinte até a exaustão”.

¹⁹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Op.cit.44.

Ao valorizarmos, como educadores, a linguagem da educação social não significa esquecer a linguagem da escola que existe, mas que não nos impede de trazermos a praça para a escola. Ao trazermos a praça para a escola criamos a possibilidade de enriquecer a linguagem da praça pela escola. A linguagem enriquecida pelo processo reflexivo não deixa de ser comum, mas transforma qualquer assunto trivial em algo que pode ser aprofundado porque os interlocutores têm autonomia para tal. A escola de resistência é o lugar em que se aceita a mediação da praça na esperança de que a praça seja mediada pela escola.

A educação de resistência não adota a premissa de que a pior escola é um ambiente equivocado quanto ao seu propósito e que tudo que está sendo exposto pelos professores é absurdo ou obsoleto. Se o educador resistente julgar dessa forma está condenando o seu instrumento de reflexão.

A escola que temos é um instrumento de adequação aos valores do capital e foi criada pelo capital, mas é a escola que usaremos para reflexionar a práxis social. É no modelo de escola vigente que se manifesta a crítica dialética da educação de resistência. A escola que serve ao capital não pertence integralmente ao mesmo, por mais que a domine ela pertence à sociedade como um todo, pois nela está o movimento histórico que forjou o nosso estado de consciência e se objetivou no mundo social ao longo do tempo. Como não existem duas histórias, não existem, portanto, duas escolas. A escola dominada pelo poder econômico, maltratada e violenta é uma conquista inestimável para toda a sociedade e para os desvalidos principalmente.

A partir do instante em que reflexionamos a escola dada pelo capital estamos resistindo a uma escola que existe sob o princípio da dominação. Ao refletirmos estamos agindo para que a mesma escola seja um local que atenda às necessidades do sujeito e não aos interesses do capital. É evidente que a educação de resistência por si mesma não trará transformações, mas o seu entrosamento com a educação social a transformará em ponto de partida importante para a emancipação da sociedade. Na luta pela emancipação a escola de resistência jamais será o todo, mas sim parte, pois o processo educativo ocorre de modo amplo como um movimento que, como entende

Paulo Freire¹⁹⁵, abrange em cada pessoa a capacidade de ensinar e aprender ao se relacionar com os outros. A educação escolar de resistência não pode acontecer sob o princípio de uma fórmula. Ela é o pensamento dialético do educador agindo em consonância com a linguagem da educação social onde “na práxis, o mais recente entrelaça-se com algo antiqüíssimo”¹⁹⁶. Não se pode reflexionar a escola vigente promovida pelo Estado na expectativa de criar uma nova escola. Não podemos na velhice, por exemplo, eliminar ou esquecer a nossa infância ou juventude cheia de fatos desagradáveis, elas nos acompanharão como as mônadas de Leibniz****. A linguagem a ser adotada nos argumentos da teoria que irá pensar a práxis não pode dispensar os elos da história que nos faz seres conflituosos.

A educação escolar de resistência é o educador compreendendo que educar é politizar a física, a matemática, a química e a biologia. As ciências humanas ao se voltar para a totalidade do mundo social interligam o sujeito a essas disciplinas “soltas” ao reiterar que sempre estiveram interligadas. Cabe à educação escolar de resistência fazer essa reiteração.

Se cair na linguagem corrente da educação social a importância da escola de resistência certamente não será vista como um axioma, mas como um modelo de educação voltado para o mundo da vida. Se o ensino da educação escolar de resistência se transformar em axioma então recairá no princípio da dominação que trabalha com verdades absolutas. A educação de resistência é para despertar na consciência do sujeito a amplitude do objeto como realidade.

Para a educação escolar de resistência a práxis do sujeito tem por base pensar o sentido do conhecimento que forma o mundo social. Para Adorno quando o sujeito se predispõe a pensar já está agindo. Se alguém agir contra a intolerância ao diferente ou

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Manfredo. A. de. *Desafios Éticos da Globalização*. São Paulo, Paulinas, 2008, p.255. “A proposta educativa de Paulo Freire emergiu de uma reflexão sobre os condicionamentos culturais da sociedade brasileira e sua tese básica, há mais de vinte anos, era de que nossa sociedade estava em transição a partir de uma sociedade fechada, colonial, escravocrata, sem povo sem reflexão, antidemocrática, numa palavra, nossa formação histórica não criou as condições para que nossa sociedade pudesse constituir-se com suas próprias mãos. Os gregos distinguiam as sociedades políticas das não políticas precisamente pelo diálogo, que instaura uma forma nova de solução dos conflitos entre os seres humanos, ou seja, o debate público, que implica a responsabilidade pela solução dos problemas comuns.”

¹⁹⁶ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*. Op.cit. p.206.

**** Referencia à categoria criada pelo filósofo alemão Gottfried W. Leibniz (1646 – 1716), para explicar a composição das coisas em sua inteireza ou extensão.

ao que é tido como fora da norma convencionada só tem validade, dentro da concepção adorniana, se o agir for pensado com autonomia. A intolerância é uma prática que se segue por obediência a uma realidade dada, mas também por uma falta de conhecimento que leve a uma reflexão sobre o não semelhante. A busca pelo saber pode se efetivar na linguagem espontânea da educação social dos indivíduos à medida que haja uma aceitação da multiplicidade do mundo social. Esse é o ponto de partida para aquilo que Adorno chama de elaboração do passado.

A educação de resistência pede que quando alguém disser que vai realizar tal coisa porque é prático se sinta impelido a reflexionar a sua praticidade, ou seja, saiba o que está dizendo para saber o que está a fazer. É prático destruir o patrimônio genético da selva amazônica para plantar soja? É prático explorar petróleo no fundo do mar em vez de investir em fontes de energia limpa? A escola de resistência levanta dúvidas quanto ao imediato. Num mundo que corre cada vez mais perigo devemos saber o que queremos e ter cuidado com as palavras, pois elas são a principal fonte de relacionamentos que temos. Quanto à prática vazia, Adorno diz:

O deputado imbecil da caricatura de Doré, que se vangloria: ‘Meus senhores, sou, antes de tudo, prático’, revela-se como um coitado incapaz de ver mais além dos problemas que o acossam e que, além do mais, ainda acredita ser importante; sua atitude denuncia o próprio espírito da práxis como sendo falta de espírito.¹⁹⁷

A práxis pela práxis é alvo da crítica de Adorno que vê a execução de um ato sem reflexão como uma visão tosca e imediatista da realidade. Sua crítica a ação levada adiante pelo ativismo se reduz, segundo ele, à reprodução de anseios ideológicos de grupos que arrastam as massas para a falsa segurança proposta pelas figuras dos líderes que induzem o coletivo a pensar que neles está a solução dos problemas. Para Adorno, o ativismo que despreza a teoria engana as massas à medida que sem o pensamento aplicado à práxis deixa de saber o que fazer. A teoria, portanto, é o instrumento que exercida como práxis leva o sujeito além da aparência ao mergulhar no problema e enxergar que nenhuma solução subsiste no simples ato de afastar o problema, mas na ação pensada sobre ele. A falta de espírito da práxis é uma ácida crítica a quem provoca

¹⁹⁷ Ibidem,p.207.

a ilusão nas pessoas ao propor a solução do problema por meio de uma idéia imediata descolada do mundo real. Para o filósofo da Escola de Frankfurt pensar é agir, portanto, a ação que não está relacionada ao pensamento é a falsa práxis.

A práxis na educação não pode deixar de cuidar do pensamento, pois todo o processo educativo se trava em torno do pensado. Um livro seja ele de que disciplina for expõe um pensamento que relata além do rigor científico, a crença do autor no método de abordagem do tema e crenças de ordem políticas e ideológicas. O livro, portanto, não é um instrumento neutro de ensino. O que está posto nele exige reflexão que pode resultar em apoio ou refutação e nisso resulta a sua importância.

Na escola de resistência é imprescindível a discussão sobre o conteúdo do livro como instrumento para conhecer. A crítica ao livro relaciona o estudante à importância dele para se criar uma intimidade com a complexidade do mundo. A educação escolar de resistência é entrosada a educação social e ao conhecimento pensado e coordenado que se encontra nos livros. O senso comum à medida que tem um contato imanente com o material escrito tende a reflexionar os valores arraigados pelos costumes e enriquece a práxis. Cabe ao educador ligado à educação de resistência levar a relação com o livro para longe do pedantismo e da cisão entre a cultura livresca e a cotidianidade.

A relação entre teoria e práxis depende essencialmente do conhecimento, como entende Adorno. A práxis como resultada do trabalho humano que constituiu o processo civilizatório por meio da nossa singular capacidade para transformar a natureza não pode prosseguir sem um pensamento que meça as conseqüências dos atos humanos. Derrubar uma floresta para construir casas, pastos para o gado e agricultura usando o machado pode levar séculos, mas quando se usa motosserras e tratores o tempo é espantosamente curto e os danos irreparáveis.

O capitalista pode incutir no senso comum, por meio da indústria cultural, que a destruição é necessária para se construir abrigos e abastecer os supermercados de alimentos. O argumento do capitalista é racional porque mexe diretamente com o medo da carência. O capitalista está sendo essencialmente prático. Ao reflexionarmos o argumento prático do capitalista podemos inferir de pronto que há um comportamento irracional quanto aos perigos da destruição do meio ambiente. Outro ponto a ser

analisado diz respeito à certeza que tem o capitalista de que seus argumentos serão aceitos porque as pessoas são práticas e não vão perder tempo para pensar em ecologia. Na antiga União Soviética a destruição do Mar de Aral¹⁹⁸ causada pelo desvio das águas dos rios que alimentava o grande lago para fins de irrigação denota a irracionalidade da práxis que despreza a reflexão capaz de medir as conseqüências.

Ser prático seguindo as receitas dos outros é cômodo, porém, pensar o que se deve fazer gera autonomia que induz à práxis consciente e, portanto, dá trabalho como diz Adorno ou preguiça como entende Kant. A educação de resistência como teoria é um modelo de pensamento cuja intenção é desconstruir o conceito de ensino que tem como objetivo treinar o sujeito a cuidar dos interesses políticos e econômicos da classe dominante. A teoria como práxis é o agir, segundo Adorno, que caracteriza o envolvimento do sujeito em uma prática que não se limita ao fazer porque alguém manda ou porque muitos fazem.

A reflexão sobre o modo de educar quem frequenta a escola já é em si uma práxis que cria a possibilidade de fazer com que o sujeito em sua educação social modifique idiosincrasias cristalizadas no senso comum que deixa o indivíduo predisposto a agir com ódio e preconceito contra o outro por conta de sua diferença.

Na sociedade moderna, a escola não é o único lugar para se combater a barbárie, mas é o mais indicado pelas características do público: crianças e jovens. O método da

¹⁹⁸ GUIA DO ESTUDANTE ENEM. São Paulo, Editora Abril, 2010, p.90. “O mar de Aral, um lago de água salgada localizada em área da antiga União Soviética, tem sido explorado por um projeto de transferência de água em larga escala desde 1960. Por meio de um canal com mais de 1400 km, enormes quantidade de água foram desviadas do lago para a irrigação de plantações de arroz e algodão. Aliado as altas taxas de evaporação e as fortes secas da região, o projeto causou um grande desastre ecológico, e trouxe muitos problemas de saúde para a população. A salinidade do lago triplicou, sua área superficial diminuiu 58% e seu volume, 83%. Cerca de 85% das áreas úmidas da região foram e quase metade das espécies locais de aves e mamíferos desapareceu. Além disso, uma grande área, que antes era o fundo do lago, foi transformada em um deserto coberto de sal branco e brilhante, visível em imagens de satélites”. Fonte: Miller JR. G.T. *Ciência Ambiental*. São Paulo: Editora Thomson, 2007 (adaptado).

Outro texto do GUIA cuja fonte é o *PORTAL O ESTADO DE S. PAULO* de 4/4/2010, diz: “O ressecamento do mar de Aral é um dos desastres ambientais mais chocantes do mundo, disse o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, ao pedir que os líderes da Ásia Central se esforcem para resolver o problema. O Aral, que já foi o quarto maior lago do planeta, encolheu 90% desde que os rios que o alimentavam foram desviados para um projeto soviético de plantio de algodão. O encolhimento do mar arruinou a economia pesqueira da área, e deixou navios encalhados em um deserto arenoso (...). A evaporação do mar deixou o solo coberto por camadas de areia extremamente salgada, que os ventos espalham pelo mundo, do Japão à Escandinávia, e que causam danos à saúde da população local”.

busca pela consciência verdadeira tem nas crianças e jovens o seu principal campo de trabalho para uma educação de resistência.

3.2. O olhar da educação contra a barbárie

Somos uma civilização que tem armas nucleares e uma indústria que gera riqueza e poder à medida que, cada vez mais, suja os nossos mares, polui o ar que respiramos, destrói impiedosamente a fauna e flora do planeta e deixa no horizonte uma perspectiva sombria para as futuras gerações. A barbárie que marcou a segunda guerra mundial não pode ser esquecida porque pela primeira vez o homem não matou o seu semelhante simplesmente por ódio, mas deu a vítima o mesmo tratamento industrial que se dá ao animal que deve ser abatido para abastecer o mercado. A carnificina alemã não é menos odiosa do que a da União Soviética de Stalin ou do Camboja de Pol Pot e de muitos outros inumeráveis crimes que mancham de sangue a história da humanidade. A diferença fundamental entre a barbárie alemã e as outras carnificinas é que aconteceu em uma sociedade tida civilizada com uma população educada no plano básico e universitário.

O paradoxo alemão não reduz a importância da educação, mas nos leva a refletir sobre a sua capacidade de estimular o sujeito a pensar no outro com humanidade. Para Adorno,

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado da consciência e de inconsciência das pessoas.¹⁹⁹

A preocupação de Adorno com o esquecimento da barbárie está calcada no fato de que no esquecimento está a preservação dos motivos que podem levar a sua repetição. A educação que reflexiona Auschwitz não pode fazer nada quanto à dor e a infelicidade de

¹⁹⁹ ADORNO. *Educação e Emancipação*, op.cit.p.119.

quem sofreu no campo de concentração, mas pode ir fundo em suas causas que estão em toda parte. A fúria do poder contra vítimas inocentes está situada justamente na falta de reação destas contra o arbítrio. Por que é que um policial ao abordar um pobre para pedir-lhe os documentos faz questão de humilhá-lo ou até agredi-lo se este reivindicar os seus direitos? O policial sabe que aquele pobre pode saber o que diz, mas não tem dinheiro para contratar um advogado e não é organizado socialmente para se defender. As sementes de Auschwitz se compõem de indivíduos que sentem o mórbido prazer em executar um ato violento contra o indefeso.

A educação de resistência vai a fundo ao combate contra os valores pervertidos da sociedade que levam as pessoas a praticarem atos violentos contra o outro como se isso fosse um modo natural de convivência. Para Adorno, “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica”²⁰⁰. A escola de resistência ao reflexionar a cotidianidade não deixa de constatar que a auto-estima é um sentimento que se cultiva por meio da autonomia e ocorre à medida que o sujeito respeita o outro com suas diferenças. O sujeito que se indigna contra a violência sofrida e não reflexiona e questiona publicamente os motivos que levaram – se referindo ao exemplo do parágrafo anterior – os policiais a praticar tais atos, tende a reproduzir a mesma violência na primeira oportunidade.

A semente da barbárie nas escolas é patente quando um aluno maltrata e desafia o professor com ameaças verbais e até física. O *bullying*^{****} é um exercício de violência praticado por crianças e jovens, que cria a possibilidade de forjar os futuros torturadores. A palavra pode até ser cercada de exageros, mas a figura do torturador não se resume somente ao emblemático celerado que destrói os seres humanos moral e fisicamente sob os auspícios do Estado ou do banditismo, mas nasce em seu processo de formação. A barbárie consubstanciada no poder repressivo manifestada pelos interesses da classe dominante – que é em si a alma do Estado -- é executada fisicamente por pessoas comuns contra os seus semelhantes de classe não detentora dos meios de produção.

²⁰⁰ Ibidem, p.121.

^{****} Palavra que em inglês, segundo o dicionário Oxford Escolar, significa provocar, intimidar alguém.

A reflexão sobre Auschwitz é pertinente porque nunca a racionalidade humana foi tão instrumentalizada para matar outros seres humanos. É pertinente também porque em sua análise podemos estudar as raízes que motivaram uma nação esclarecida a perder completamente o senso de humanidade. Auschwitz foi o ápice de um tempo em que toda a tecnologia criada pela razão foi usada irracionalmente contra o próprio homem levando todo o conhecimento do espírito ao seu mais alto grau de impotência.

A escola de resistência reflexiona e com isso age contra as motivações assentadas na educação social que cria a possibilidade de uma repetição da violência racionalmente organizada. Não devemos esquecer que vivemos em país cuja maior parte da população é fragilizada pelas condições sociais de penúria no campo da educação escolar, do respeito ao direito e das condições mínimas de sobrevivência. Zygmunt Bauman escreveu em seu livro *Amor Líquido*, que,

Em São Paulo, a tendência segregacionista e exclusivista se apresenta da forma mais brutal, inescrupulosa e desavergonhada. Mas pode-se sentir seu impacto, embora de maneira um tanto atenuada, na maioria das metrópoles.²⁰¹

A vergonha da segregação social brasileira é geral e não se salva uma só cidade de grande porte no país. O que espanta, no caso de São Paulo, é que é de longe a cidade mais rica da federação e, no entanto, a miséria e a violência urbana demonstram o quanto a burguesia brasileira prefere construir muros em torno dos condomínios de luxo guardados por vigilância particular do que pensar em uma sociedade minimamente justa.

A riqueza paulista prova que o desenvolvimento econômico sem uma discussão política sobre a distribuição de riquezas por parte de toda sociedade só leva a um aprofundamento da miséria em todos os sentidos. Não existe paz social quando das janelas de milhares de barracos as pessoas enxergam a exacerbada riqueza do burguês brasileiro que do interior do seu luxuoso apartamento protegido por vidros a prova de bala olha com asco e medo aquela configuração disforme de barracos emaranhados sobre morros que pouco tempo atrás eram lindamente verdes. Mas a burguesia nacional

²⁰¹ BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Op.cit. p.131.

não perde tempo para pensar na estética nada agradável de aspecto mal-ajambrado da favela, pois em sua rota de fuga está à velha Europa, Miami e Nova York onde pode fixar residência e esquecer-se da miséria da qual se nutrem.

A barbárie como entende Adorno é um estado de consciência, mas devemos compreender que a consciência é um processo histórico cuja correção só é possível com a intervenção do sujeito na realidade. A educação de resistência tem como objetivo se insurgir contra o estado de consciência que liga o sujeito a conceitos mesquinhos cujo fim é sentir prazer na desgraça do outro. A reflexão sobre o conceito de auto-estima tem na educação de resistência um dos pontos fundamentais para se discutir a importância da autonomia. No conto *O indigno* do livro *O Informe de Brodie*, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges demonstra num diálogo do seu personagem as debilidades de um indivíduo que se sente desprezível:

Não sei como explicar-lhe as coisas. Conquistei uma posição, tenho essa livraria de que gosto e cujos livros leio, gozo de amizades como a sua, tenho minha mulher e meus filhos, filiei-me ao partido socialista, sou um bom argentino e um bom judeu. Sou também um homem considerado. Agora estou quase calvo, mas tinha o cabelo castanho quase claro, era pobre e morava num bairro ribeirinho. As pessoas me olhavam por cima dos ombros. Como todos os jovens eu me esforçava para ser como os outros. Chamaram-me de Santiago para esconder o Jacob, mas restava o Fischbein. Todos nos parecemos à imagem que fazem de nós. Eu sentia o desprezo das pessoas e também me desprezava. Naquele tempo, e sobretudo naquele meio, era importante ser valente; eu me sabia covarde. As mulheres me intimidavam; eu sentia vergonha íntima da minha castidade acovardada. Não tinha amigos de minha idade.²⁰²

A crise do sujeito que se denota na passagem do conto de Borges é o que existe de comum no mundo social. O auto-desprezo que, em alguns casos, é fruto das circunstâncias legadas pelas condições sociais leva o sujeito a buscar no coletivo a força necessária para se sentir integrado socialmente. O desejo desesperado pela auto-

²⁰² BORGES, Jorge Luis. *O Informe de Brodie*. Tradução: Hermilo Borba Filho. Porto Alegre RS: Editora Globo, 1976, p.21.

afirmação pode levar o indivíduo a uma práxis irrefletida no mundo social. A realidade dada tende a refrear a reflexão do sujeito sobre si mesmo. Isso o torna presa fácil de quem deseja realizar seus projetos manipulando o outro ao se aproveitar de suas fragilidades. O prazer de quem aceita a manipulação está em executar os projetos de quem o comanda sem questionar a sua validade para a totalidade das partes que compõem o mundo social. Para Freud: “o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início”²⁰³. A indústria cultural, por exemplo, enlaça o sujeito com seus poderosos tentáculos vendendo falsamente essa necessidade do ser humano de estar permanentemente em busca do prazer. A sociedade que não educa o sujeito para reflexionar a existência gesta indivíduos predispostos à barbárie. Como lembra Adorno,

É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral desses mecanismos.²⁰⁴

A educação de resistência ao se inclinar até o sujeito para provocar nele uma reflexão sobre os valores que desencadeiam a barbárie tem como instrumento de reflexão a educação social em que reside, no plano do senso comum, as atitudes agressivas. As raízes da agressividade contra o diferente cristalizadas no senso comum levam as massas a dar suporte à barbárie praticada pela força do Estado.

A reflexão de Adorno sobre a barbárie em Auschwitz é um ponto de partida importante para desencadearmos uma séria reflexão sobre o conceito de barbárie na atualidade. O cultivo de uma consciência geral contra a barbárie, como está exposto na

²⁰³ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização – Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.141.

²⁰⁴ ADORNO. *Educação e Emancipação*, op.cit.p.121.

citação, revela a preocupação do filósofo pelo cultivo de uma educação anti-barbárie que se transforme em discurso espontâneo na educação social do sujeito.

É na educação social que o senso comum reproduz e reformula os preconceitos por meio de opiniões. Uma criança que está apenas começando a despertar a consciência para as coisas do mundo recebe constantemente opiniões variadas para as suas múltiplas perguntas. Tais opiniões estão cercadas de deduções que invariavelmente são ouvidas em casa em discussões entre adultos. Se há uma opinião negativa contra determinada família a criança aprende cedo a odiar qualquer membro da dita família mesmo que nunca tenha visto um deles.

Dependendo da estrutura familiar e do poder que os pais exercem na formação do caráter dos filhos esse preconceito pode nunca se desfazer. O cuidado com a consciência que está despertando tem uma importância fundamental junto à educação de resistência. Adorno revela que: “todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticaram crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância”²⁰⁵.

A educação de resistência é uma experiência do educador cuja finalidade é despertar modelos de reflexão na educação social para que esta eduque as crianças na aceitação da multiplicidade que compõe o mundo social. O educador resistente insiste em reflexionar o discurso espontâneo da educação social porque é ele que a indústria cultural seduz para legitimar as guerras e os projetos econômicos da burguesia que leva à destruição do meio ambiente. Reflexionar o discurso espontâneo do mundo da vida cria a possibilidade de gerar consciências autônomas e capazes de problematizar as intenções dos donos do poder. Sem contraponto a identidade do sistema passa incólume e a contradição não aparece ficando subsumida à identidade que surge como verdade absoluta.

A educação de resistência tem como função o desvelamento da contradição que é segundo Adorno, a identidade do não-idêntico, do injustiçado. A reflexão sobre o que é dito ou visto e conceituado como verdade absoluto deve passar pelo crivo da dialética negativa.

²⁰⁵ Ibidem.,p.122.

A idéia de combater a barbárie por meio da educação é possível se houver uma reflexão no plano histórico na relação entre o homem que se torna um tirano e o poder a ele conferido. Estudar a figura do perseguidor no plano psicológico, como deseja Adorno, é um caminho quando essa figura é bastante clara como é o caso de Hitler, Stalin e outros. Mas temos perseguidores que não têm rosto como os que estão por trás dos grandes conglomerados econômicos que comandam a indústria do petróleo, aço e alimentos. Estes devassam a natureza anunciando um caos iminente no futuro do planeta. A linguagem desses poderosos está nos púlpitos dos parlamentos ditas por deputados e senadores que em nome dos esquecidos eleitores matam o planeta enquanto na retórica não se esquecem da educação nem da liberdade.

A educação resistência se dedica a linguagem porque é em sua desconstrução que se pode alcançar a palavra cujo significado vai dizer quem o dominador é. O princípio da dominação ocorre pelo uso intenso da linguagem modelada pela pauta do interesse econômico e político da ocasião. A reflexão sobre a linguagem posta na educação social é o instrumento da educação de resistência para se conhecer os pressupostos que podem levar o homem a praticar ou apoiar a barbárie.

A linguagem lançada pelo princípio da dominação tem a indústria cultural no papel de veículo poderoso para chegar até nossos sentidos como uma necessidade imediata. Não é difícil perceber que quando a indústria da propaganda lança um produto nos meios de comunicação induz as pessoas ao consumo imediato, pois se assim não ocorrer quem não consumi-lo perderá a chance de ser feliz. Do mesmo modo o ex-presidente Bush, dos Estados Unidos, usando largamente os meios de comunicação induzia o povo estadunidense a apoiar a invasão ao Iraque sob pena de ter imediatamente a liberdade do povo do seu país ameaçada.

O imediatismo reduz as pessoas às intenções do poder sem questioná-lo. A falta de reflexão sobre o movimento histórico deixa de desvelar que o imediato que surge como algo novo e imprescindível é mediado por velhas intenções que simplesmente aparece em indumentária nova. A última moda alardeada pela indústria cultural pode ser uma adaptação de idéias de tempos atrás que reaparece com um novo acessório e outro nome.

Num mundo cada vez mais complexo cujas informações, embora abundantes, estão cada vez mais entrosadas aos interesses da classe dominante a educação de resistência é fundamental. A educação escolar em si é tão fundamental no capitalismo tardio que é uma ilusão pensar que a burguesia irá investir em uma educação que fomente a criticidade e desperte o sentimento de autonomia das pessoas. A qualidade, para a educação de resistência não é tratar a escola como se fosse uma fábrica sob a exigência de produtividade, mas levar o sujeito a ter plena consciência do que é produtividade. A burguesia não está interessada no desenvolvimento intelectual daqueles que não detêm os meios de produção. O que a classe dominante deseja é uma escola eficiente a baixo custo cujos alunos assimilem bem o que o capital deseja.

A educação social ao permitir ser mediada pela educação de resistência cria a possibilidade de educar indivíduos que reconheçam nos preconceitos contra outras culturas, cor, credo e sexo, as sementes da barbárie. Caso ocorra a mediação estará estabelecida a inserção da escola no mundo social como elemento de correção e transformação do comportamento social capaz de enfrentar os conflitos da sociedade humana. A educação de resistência só terá eficácia se for capaz de ser aceita pela sociedade como instrumento de mediação. Para ser aceita como instrumento de mediação pela educação social a educação de resistência deve estar presente ao que se passa no mundo da vida.

O educador resistente não se interessa pela competição entre estudantes que invariavelmente se dá no elogio a quem se sai bem em uma determinada disciplina e na execração de quem se saiu mal. À escola promovida pelo Estado interessa executar o programa da indústria e do comércio que pressionam o trabalhador a competirem entre si para maximizar a venda e a produção. Criticar a competição não quer dizer que se deva tolerar a abulia, ou seja, a falta de vontade para a execução das tarefas. Quanto ao sentido da competição, Adorno diz:

Partilho inteiramente do ponto de vista segundo o qual a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. De resto,

acredito também que um ensino que se realiza em formas humanas de maneira alguma última o fortalecimento do instinto de competição.²⁰⁶

A competição tem uma estreita ligação com o processo de sobrevivência dos animais selvagens. A projeção desse processo no modo de educar os seres humanos cria uma cisão entre pessoas fortes e fracas no plano físico e intelectual. O que ocorre no mundo natural é a sobrevivência dos fortes e a morte dos fracos. Na natureza o forte se denota pela força física que o leva a perseguir e matar ou a correr mais que o perseguidor para escapar da morte como é o caso dos herbívoros.

Na sociedade humana moderna a figura do forte pode ser uma criação do poder dominante. O forte pode ser aquele que pode consumir os produtos da última moda por ter mais dinheiro enquanto o outro por ser mais pobre frustra-se como todos que perdem uma competição. O fraco pode ser aquele que cede a comentários depreciativos sobre sua pessoa por seu credo religioso ou cor e acaba se comportando como alguém insignificante²⁰⁷ tal qual o personagem do conto de Borges.

A competição que se engendra no mundo do trabalho é uma artimanha dos agentes da patronal que usa o medo da perda do posto de trabalho - medo que domina constantemente a mente de quem vende a força de trabalho – para extrair o máximo de energia física e intelectual do trabalhador. A competição na escola também é gerida pelo medo. Alguns alunos descobrem cedo que tirar boas notas nos exames os livra da pressão familiar além de angariar respeito perante os colegas. Não há nada de mal nisso se não fosse o fato de que há muito mais receio do que à necessidade de se cumprir com o dever de estudante.

Os que não desempenham um bom papel, ou seja, não tira boas notas tendem a cair na apatia e se entregam a brincadeiras em pleno horário de aula, muitas vezes desafiando os professores ou sendo protagonistas de cenas de violência. Ao se sentirem fracos intelectualmente para competirem dentro do conceito de competição professado pela atividade escolar apelam para um comportamento regressivo, segundo o

²⁰⁶ Ibidem, p.161.

²⁰⁷ Ver citação na página 143.

entendimento adorniano, que é o de disputar a autoridade do professor tentando desmoralizá-lo ao obstruir o andamento das aulas.

A educação que estimula a competição está pregando um falso sentido de diferença. A educação de resistência não impõe às pessoas que se auto-avaliem como capazes ou incapazes. O estímulo ao instinto de competição é um substituto contra o espírito da autonomia. A educação de resistência é um modelo de educação que leva o sujeito a reconhecer os reais motivos que fomentam a competição e a violência cristalizadas na educação social. O capital não inventou o espírito de competição, o que o sistema faz é despertá-lo em seu benefício. Tais valores estão sempre ao alcance do princípio da dominação que para encobrir as suas reais intenções usa o discurso da proteção dos interesses de todos. A linguagem da proteção a favor do interesse coletivo serve para despertar na massa os sentimentos mesquinhos que levam, em situação de crise, à possibilidade de uma catástrofe humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de resistência não se desenvolve dentro de um modelo acabado de educação. O educador como pensador da educação resolve se insurgir dialeticamente contra o modelo de educação promovido pelo Estado para fins puramente econômicos. A insurgência do pensador dialético na figura do educador faz a educação escolar de resistência.

O educador que se liga à resistência por meio de uma postura crítica enxerga o sujeito como uma manifestação do movimento histórico galgado no curso do tempo por meio de múltiplas gerações. A humanidade faz a história que a modifica, mas nem sempre o sujeito se dá conta que essa modificação pode ser instrumentalizada por quem assume o poder na sociedade humana. A manipulação instrumentalizada da história é lançada na sociedade por meio de um processo educativo levado a cabo, na sociedade industrial, pela indústria cultural e pelo sistema escolar promovido pelo Estado burguês.

O sujeito como manifestação do processo histórico se desvela no ponto geográfico em que nasceu e teve o primeiro contato com as palavras e os valores de sua cultura. As palavras e os valores repassados pelos pais ou por quem o cercou nos primórdios de sua existência fundam o seu modo de ser. A educação de resistência se concentra na linguagem social que envolve o mundo social do sujeito e segundo Paulo Freire, é esquecida pela escola.

Para a educação de resistência essa linguagem é a educação social do sujeito que o torna um ser histórico-cultural. A educação de resistência ao dialetizar a educação social não tem a pretensão de fazer com que o indivíduo descubra quem é, mas criar a possibilidade de fazer com que o sujeito não esqueça quem é. O esquecimento de sua origem e, portanto, de sua realidade fragiliza o sujeito que aceita com facilidade a realidade dada pela indústria cultural.

Múltiplos motivos levam o indivíduo a esquecer as suas origens, mas no modo de produção capitalista quem se esquece de si é porque tem o seu eu ocupado pelos

interesses do sistema. O controle da subjetividade é feito pelo zelo que tem os agentes da indústria cultural para não só vender mercadorias, mas também fabricar comportamentos. Ao fabricar comportamentos, a indústria do entretenimento fabrica necessidades.

A necessidade fabricada enlaça o sujeito que olha a mercadoria anunciada como um caminho para ser bem visto pelo seu grupo social. A necessidade fabricada apaga a utilidade como o sentido para a compra de qualquer mercadoria. A utilidade do consumo passou a ser o *status quo*. A realidade dada pela indústria cultural assume a consciência mais alerta, como entende Adorno. Sob a realidade dada o interesse para maximizar as vendas dos produtos da grande indústria transforma o sujeito em mercadoria dentro do quadro de estratificação social.

A educação de resistência reflexiona a realidade dada sob o prisma da dialética negativa. O pensamento dialético ao incidir sob a realidade dada desconstrói a sua identidade e desvela a reificação do sujeito que se alienou no sistema que transforma tudo em mercadoria. Mas a indústria cultural não é algo estranho ao mundo social, o seu sucesso tem raízes no estado de consciência do mundo social que se constituiu na relação entre as figuras do dominador e do dominado, como entende Hegel.

A dominação, no entanto, tem na sociedade industrial, legado a todas as partes do mundo social um preço que se equipara a destruição do mundo em que vivemos. A educação de resistência vê no progresso social defendido pelo princípio da dominação um instrumento de reflexão dialética para que se chegue como pensa Adorno, ao que realmente progride. A alienação do sujeito ao que produz por conta da necessidade premente de vender a sua força de trabalho para sobreviver perde, a cada dia, o seu sentido diante do quadro de catástrofe que se anuncia pela força do trabalho humano. Para Marx, o capital é uma construção do coletivo social.

Reflexionar a categoria progresso não passa por nenhum tipo de refutação, pois como lembra Adorno, se existe algum bem na humanidade foi por conta do progresso. A educação de resistência critica dialeticamente o progresso defendido pelo sistema de produção que destrói as relações humanas no âmago da educação social por conta das

promessas de felicidade da indústria cultural e da destruição da natureza, mas não prega nenhum retorno da vida humana ao estado de natureza.

O progresso é um impulso imanente para sair do jugo da natureza que, nos primórdios do processo civilizatório, mantinha a humanidade dependente dos seus fenômenos. A existência sob os auspícios da natureza era cercada de medo e angústia pela incerteza e pelo mundo violento propiciado pelo sistema da natureza. O esclarecimento, para Adorno e Horkheimer, surge como saída desse mundo violento, mas como dizem os dois autores: a terra totalmente esclarecida resplandece sob uma calamidade triunfal.

O esclarecimento é a manifestação do poder singular do homem de transformar a natureza em instrumentos técnicos. Para Adorno e Horkheimer, a essência do esclarecimento é o advento da técnica. Por meio da técnica foi possível o desenvolvimento da civilização humana em um grau de complexidade que a diferenciou dos outros animais. A sociedade complexa pelo desenvolvimento da técnica chegou até o presente como um instrumento de poder dos que detêm os meios de produção.

A aplicação da tecnologia da informação na organização da sociedade administrada pelo capital faz avançar como em nenhuma outra época o controle do poder sobre os indivíduos. O domínio do coletivo sobre o sujeito é um ponto importante de reflexão da educação de resistência. Adorno ao refletir sobre o que desencadeia a barbárie leva em consideração o desnível entre a sociedade tecnologicamente avançada e o sujeito cuja consciência carrega valores regressivos.

Não existe sociedade sem sujeito. Infere-se, portanto, que o sujeito ao impor a resolução dos problemas pela via da violência usando o poder da sociedade, tecnologicamente avançada, para massacrar quem não se coaduna à identidade do sistema comete um ato de barbárie. A sociedade avançada no plano da técnica e o sujeito violento são para Adorno as condições para a repetição da barbárie.

A falta de um progresso das questões humanas, como observa Freud, transforma a sociedade humana desenvolvida em instrumento de opressão contra os mais fracos. A ausência de um progresso nas questões humanas ocorre, segundo Adorno, porque o

homem ao se afastar da natureza lançou sobre ela o seu domínio e projetou racionalmente o sistema violento do mundo natural na administração da sociedade. A sociedade poderosa e violenta é a guardiã do esclarecimento que lançou o seu domínio sobre a natureza e o próprio homem. Para Adorno o esclarecimento é autoritário e quanto mais o espírito se fortalece mais ele regride ao mito através da sociedade.

A educação de resistência ao reflexionar a sociedade administrada admite a assertiva de Adorno de que a realidade é maior do que o sujeito, mas é o sujeito que pensa o objeto, como realidade. O progresso que atende aos interesses do capital é o mesmo que, desconstruído e reconstruído dialeticamente, pode gerar a possibilidade de proporcionar uma sociedade justa. O progresso que agride a natureza é um conceito de desenvolvimento do princípio da dominação. É esse o modelo de progresso que a educação de resistência desconstrói até agarrar a sua ilusão, como diria Adorno, e a partir daí desvelar o que realmente progride.

A desconstrução do modelo de progresso adotado pelo capital é possível à medida que o sujeito se veja com o direito de intervir por ser parte, também, do problema e da solução. A contribuição da escola de resistência é demonstrar que a desconstrução e a reconstrução no plano dialético estimulam uma disposição do sujeito para pensar a realidade com autonomia. O sujeito para desenvolver a autonomia, na sociedade industrial deve manter uma ligação estreita com o conhecimento, segundo Adorno.

A educação de resistência pensa a escola como o lugar que pode criar condições para despertar a importância da autonomia. Ao despertar a autonomia o indivíduo desperta a auto-estima e o sentimento de pertença ao que ocorre no mundo social. A autonomia do sujeito em seu pleno exercício é a luta pela humanização da sociedade. A sociedade cujas instituições estão voltadas para a humanização do homem é uma sociedade emancipada, mas para isso é necessário que o sujeito jamais abra mão da sua autonomia.

A autonomia defendida pela educação de resistência se desvela no movimento reflexivo de negação da autonomia dada pela indústria cultural. A educação de resistência não tem fórmulas para se chegar à autonomia ou à felicidade como pretende ter, como logro, a indústria cultural.

A educação de resistência é uma experiência do educador que vê o sujeito como alguém se educando ou já educado pela educação social. A educação social que envolve o sujeito pela força da história chega até a consciência de quem vive no presente por meio da linguagem sedimentada por múltiplas gerações do passado.

A educação de resistência faz uma reflexão imanente da educação social para que o sujeito enxergue o controle que a identidade do sistema de produção exerce sobre a sua subjetividade por meio da indústria cultural. A reflexão dialética é a práxis da escola de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ADORNO, Theodor W. *Dialéctica Negativa*. Versión castellana de José Maria Ripalda. Revisada por Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1996.

ADORNO, Theodor W. *Mínima Moralia*. Tradução: Luiz Eduardo Bicca. Revisão de Guido Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ADORNO, Theodor W. *Palavras e Sinais*. Tradução: Maria Helena Ruschel. Supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis : Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução: Augustin Werner e Jorge Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Tradução: Artur Morao. Lisboa: Edições 70. s/d.

ADORNO, Theodor W. *Tres Estudios Sobre Hegel*. Versión castellana de Victor Sanchez de Zavala. Madrid: Taurus, 1974.

ADORNO, Theodor, W. *Dialética Negativa*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Revisão técnica: Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor, W. *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

ADORNO. *Educação e Emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO. *Introdução à Sociologia*. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Unesp, 2007.

ALVES, Giovanni. *Trabalho e Mundialização do Capital*. Londrina: Editora Práxis, 1999.

ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1999.

ARENDT, Hannah. *A Promessa da Política*. Tradução: Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL. 2009.

ARISTÓFANES. *AS NUVENS*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

ARISTÓTELES. *Política – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural 2004.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ASSOUN, Paul-Laurent e RAULLET. *Gerard. Marxismo e Teoria Crítica*. Tradução: Nemésio salles. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1981.

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. Tradução: Helena Cardoso. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não – Os Pensadores*. Tradução: Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo – Brasília, Hucitec/UNB, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. *Obras Estéticas: Filosofia da Imaginação Criadora*. Tradução: Edson Darci Heldt. Petrópolis: Vozes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *O Conceito de Crítica de Arte*. Tradução: Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras/Edusp, 1993.

BERGSON, Henri. *Cartas, Conferências e Outros Escritos – Os Pensadores*. Tradução: Franklin Leopoldo e Silva e Nathanael Caxeiro. São Paulo: Editora Abril, 1984.

BORGES, Jorge Luis. *O Informe de Brodie*. Tradução: Hermilo Borba Filho. Porto Alegre RS: Editora Globo, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. Tradução: Francisco Gonçalves. Portugal: Publicação Europa-América, 1979.

BUKHARIN, N. *Tratado do Materialismo Histórico*. Tradução: Edgar Carone. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, s/d.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Brasília: Livraria José Olympio Editora/MEC, 1976.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 5ª. Tradução: Guy Reynaud. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. *O Mundo Fragmentado: as encruzilhadas do labirinto*. Tradução: Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CHAGAS, Eduardo. *Introdução ao Pensamento Político de Hegel*. Fortaleza: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais/UFC, 1998.

COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. Tradução: Jonas Camargo e Eduardo Fonseca. São Paulo: Ediouro, s/d.

CRANJO, M. H. Bitencourt. Agnes Heller: *Filosofia Moral e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEFLEUR, M. L. & BALL-ROKEACH, S. *Teorias da Comunicação de Massa*. 5ªed. Tradução: Otávio Alves velho. São Paulo, Zahar, 1993.

DEWEY, John. *Papel do Interesse na Teoria da Educação – Os pensadores*. São Paulo: Ed. Abril,1985.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Mimeses e Racionalidade*. São Paulo. Edições Loyola,1991.

DUARTE, Rodrigo. *Adornos*. Belo Horizonte: Editora UFMG,1997.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Tradução: Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramento, 1978.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 2007.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução: Póla Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva,2000.

ENGELS, Friedrich & MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Marco Aurélio Nogueira e Leando Konder. Petrópolis RJ: Vozes, 1996.

ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. 2ª ed. Tradução: não mencionada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*.22ª ed. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes,2000.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra,1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de janeiro: Paz e Terra,2007.

FREITAG, Bárbara. *A Teoria Crítica: Ontem e Hoje*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense,1998.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão - Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural,1978.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização – Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREUD. *O Ego e Id* in Pequena Coleção das Obras de Freud; livro 14. Rio de Janeiro: Imago editora, 1975.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

FROMM, Erich. *A Linguagem Esquecida*. Tradução: Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1975.

FROMM, Erich. *Conceito Marxista de Homem*. Tradução: Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FROMM, Erich. *Conceito Marxista de Homem*. Tradução: Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

GASSET, José Ortega y. *A Rebelião das Massas*. Tradução: Herrera Filho. Rio de Janeiro. Livro Ibero-Americano, 1971.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Tradução: Luiz F. Cardoso; Carlos N. Coutinho; Giseh V. Konder. Rio de Janeiro: PAZ e TERRA, 1979.

GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. Tradução: Manuel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Tradução: Ana Maria Bernardo, José Rui Meirelles Pereira, Manuel José Simões Loureiro, Maria Antônia Espadinha Soares, Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Sara Cabral Seruya. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Vozes, 1988.

HOBBSAWM, Eric, J. *A Era das Revoluções*. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOMERO. *ODISSÉIA*. São Paulo: Editora Abril, 1981.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro Editora 2002.

JAEGER, Werner. *Paidéia – A formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

- JAY, Martin. *La Imaginación Dialectica: uma historia de la Escuela de Frankfurt*. Versión castellana de Juan Carlos Curutchet. Madrid: Taurus, s/d.
- JIMENEZ, Marc. *Estética: O que é Estética?* Tradução: Fulvio M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos,1999.
- JIMENEZ, Marc. *Para Ler Adorno*. Tradução: Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora Ltda,1977.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução: Artur Morao.Lisboa: edições 70, s/d.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução: Artur Morao.Lisboa: edições 70, s/d.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbembkain, 1994.
- KANT, Immanuel. *Textos Seletos – Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?* Tradução: Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis: Editora Vozes,2005.
- KOENIG, Samuel. *Elementos de Sociologia*. Tradução: Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1967.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana- danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto.4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica,2003.
- LUKACS, G. *Historia e Conciencia de Clase*.tradução: Francisco Duque. Havana: Instituto Del Libro,1970.
- LUKACS, G. *Introdução a uma Estética Marxista: sobre a categoria da particularidade* Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *A História da Educação e da Pedagogia*. Tradução: Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
- MAQUIAVEL, N. *O Príncipe – Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Circulo do Livro, s/d,p.61.
- MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Tradução: Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX – ENGELS. *Sobre Literatura e Arte: Engels: << anti-Duhring >> pp. 125 – 126, Editions Sociales, 1950.* São Paulo: Global Editora, 1986.

MARX & ENGELS. *História* – Organizador: Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, K. *A Ideologia Alemã.* Tradução: José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, k. *O Capital Livro I.* Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. *Contribuição Para a Crítica da Economia Política.* Tradução: Maria H. B. Alves. Lisboa, 1997.

MARX, Karl. *Dezoito Brumário de Louis Bonaparte.* Tradução: Silvio Donizete Chagas. São Paulo, Editora Moraes, 1987.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos- Filosóficos.* Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d.

MATOS, Olgária, C. F. *Formar Para o Mercado ou Para a Autonomia?* Valter Soares Guimarães (org.). São Paulo: Papyrus, 2006.

MENEGAT, Marildo. *O Olho da Barbárie.* São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MÉSZÁROS, István. *A Teoria da Alienação em Marx.* Tradução: Isa Tavares. São Paulo, Boitempo, 2006.

MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis – Os pensadores.* São Paulo: Nova Cultural, 1997.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX – Volume I: Neurose.* Tradução: Mauro Ribeiro Sardinha. São Paulo: Forense Universitária, 1990

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo.* Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *Ciência Com Consciência.* Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NADER, Paulo. *Filosofia do Direito.* Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência,* in Os Pensadores. Tradução: Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para a Genealogia da Moral,* in Os Pensadores. Tradução: Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

NIETZSCHE. F. W. *Crepúsculo dos Ídolos.* Tradução: Edson Bini e Marcio Pugliese. São Paulo: Húmus, 1976.

NOBRE, Marcos. *Dialética Negativa de Theodor W. Adorno: ontologia do estado falso*. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda., 1998.

OLIVEIRA, Manfredo. A. de. *Desafios Éticos da Globalização*. São Paulo, Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta Lingüístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.

ORWELL, George. 1984. Tradução: Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional

PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Tradução: Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1996.

PLATAO. *A República- O Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

POLITZER, Geoges. *A Filosofia e os Mitos*. Tradução: Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

QUESSADA, Dominique. *O Poder da Publicidade na Sociedade Consumida pelas Marcas – como a globalização impõe produtos, sonhos e ilusões*. Tradução: Joana A. D. Melo. São Paulo: Futura, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ROUANET, S. P. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RUBIN, Isaak Illich. *A Teoria Marxista do Valor*. Tradução: José Bonifácio de S. Amaral Filho. São Paulo: Polis 1987.

RÜDGER, Francisco. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade – fundamentos da crítica à Indústria cultural em Adorno*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

SAVIANI, Dermeval. *Educação do Senso Comum à Consciência Filosófica*. 18ª Ed.. Campinas SP: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo; Cortez Editora, 1984.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações – Os Economistas*. Tradução: Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

VASQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. tradução: Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VÁZQUEZ, Adolfo S. *ÉTICA*. Tradução: João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução: José M. M. de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITEHEAD, Alfred, N. *A Ciência e o Mundo Moderno*. Tradução: Hermann H. Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006.

ZUIN, Antonio A. Soares. *Indústria Cultural e Educação*. Campinas SP: Editora Autores Associados, 1999.